

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

MARIA CLÁUDIA NOVAES CURTOLO

**Mobilização total e Estratégia de aceleração total:
percepções de Ernst Jünger e de Heiner Müller**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Laymert Garcia dos Santos.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Laymert Garcia dos Santos	IFCH/UNICAMP (Orientador)
Profa. Dra. Gilda Figueiredo Portugal Gouvea	IFCH/UNICAMP
Prof. Dr. Pedro Peixoto Ferreira	CECH/UFSCAR
Prof. Dr. José Oscar de Almeida Marques	IFCH/UNICAMP (Suplente)
Prof. Dr. Juri Castelfranchi	FAFICH/UFMG (Suplente)

Dezembro de 2010

123
12/12/10

MARIA CLÁUDIA NOVAES CURTOLO

**Mobilização total e Estratégia de aceleração total:
percepções de Ernst Jünger e de Heiner Müller**

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de Sociologia do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação do Prof. Dr.
Laymert Garcia dos Santos

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em
15/12/2010

BANCA

Prof. Dr. Laymert Garcia dos Santos (Orientador)

Prof. Dra. Gilda Figueiredo Portugal Gouvea (IFCH/UNICAMP)

Prof. Dr. Pedro Peixoto Ferreira (CECH/UFSCAR)

Prof. Dr. José Oscar de Almeida Marques (IFCH/UNICAMP; Suplente)

Prof. Dr. Juri Castelfranchi (FAFICH/UFMG; Suplente)



DEZEMBRO de 2010

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP
Bibliotecária: Cecília Maria Jorge Nicolau CRB nº 3387**

C948m Curtolo, Maria Cláudia Novaes
**Mobilização total e estratégia de aceleração total: percepções de
Ernst Jünger e de Heiner Müller / Maria Cláudia Novaes
Curtolo. - - Campinas, SP : [s. n.], 2010.**

**Orientador: Laymert Garcia dos Santos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Jünger, Ernst, 1895-1998. 2. Müller, Heiner, 1929-1995.
3. Guerra Mundial, 1914-1918. 4. Guerra Mundial, 1939-1945.
5. Nazismo. I. Santos, Laymert Garcia dos. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.**

**Título em inglês: Total mobilization and total acceleration strategy: perceptions
of Ernst Jünger and Heiner Müller**

**Palavras chaves em inglês (keywords) : World War, 1914-1918
World War, 1939-1945
Nazism**

Área de Concentração: Sociologia

Titulação: Mestre em Sociologia

**Banca examinadora: Laymert Garcia dos Santos, Gilda Figueiredo Portugal
Gouvea, Pedro Peixoto Ferreira**

Data da defesa: 15-12-2010

Programa de Pós-Graduação: Sociologia

RESUMO

Esta pesquisa trata de percepções do funcionamento da grande máquina social do militar e escritor alemão Ernst Jünger e do dramaturgo e poeta alemão Heiner Müller. Para tanto, propõe articulações entre os conceitos de mobilização total, cunhado por Jünger, e de estratégia de aceleração total econômica e tecnológica, lançado por Müller. Em um primeiro momento, o conceito de mobilização total é posto para girar por meio de temas tais como Primeira Guerra Mundial, técnica, trabalhador e dor, abarcando a passagem da era dos deuses à era dos titãs. Em um segundo momento, é o conceito de estratégia de aceleração total econômica e tecnológica que é posto para girar através da linha de força da história alemã, abrangendo o titanismo nazista por meio de temas como máquina militar alemã, Segunda Guerra Mundial e Auschwitz.

Palavras-chave: Mobilização total; Estratégia de aceleração total; Primeira Guerra Mundial; Segunda Guerra Mundial; Trabalhador; Nazismo; Ernst Jünger; Heiner Müller.

ABSTRACT

This research deals with perceptions of the functioning of the great social machine from the German military and writer Ernst Jünger and from the German playwright and poet Heiner Müller. For both, it proposes joints between the concepts of total mobilization, coined by Jünger, and of economic and technological total acceleration strategy, launched by Müller. At first, the concept of total mobilization is rank to turn by means of subjects such as First World War, technique, worker and pain, covering the passage from the age of gods to the age of titans. In a second moment, is the concept of economic and technological total acceleration strategy that is rank to turn through the line of force of the German history, enclosing the Nazi titanism by means of subjects such as German military machine, Second World War and Auschwitz.

Keywords: Total mobilization; Total acceleration strategy; First World War; Second World War; Worker; Nazism; Ernst Jünger; Heiner Müller

Agradecimentos

A minha família, Maria Helena Novaes Curtolo, José Carlos Curtolo, Thiago Novaes Curtolo, Maria Bernadete Sawaya e Max Sawaya. Incondicionalmente.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de Mestrado concedida que propiciou dedicação exclusiva à pesquisa, à Universidade Estadual de Campinas e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, enquanto instituição e programa públicos garantidores de condições espaciais, temporais e de acesso para a realização deste trabalho (bibliotecas, arquivos, serviços, funcionários, docentes, outros).

Agradeço intensamente a meu orientador Laymert Garcia dos Santos, por potencializar a produção desta dissertação há quatro anos. Seus pensamentos, suas falas e seus escritos foram uma reserva de materiais para mim, provocando os efeitos de verdadeiras transfusões de sangue e transmissões de energia. Agradeço-o pelo primeiro ensaio de Ernst Jünger e, imensamente, pela liberdade e pela confiança diante das experimentações da pesquisa.

Aos integrantes da banca examinadora, os professores Gilda Figueiredo Portugal Gouvea, Pedro Peixoto Ferreira, José Oscar de Almeida Marques e Juri Castelfranchi, meus agradecimentos. A Gilda e Pedro juntos, pelas sugestões, provocações e inquietações externadas desde o Exame de Qualificação. A Gilda, pelas colocações instigantes durante o Seminário de Dissertações e Teses e por *Passagens* de Walter Benjamin, um presente que por descaminhos levou a *Entremeios*. A Pedro, pelas intervenções, pelas questões incômodas e, sobretudo, pela postura assumida ao lidar com este intrincado texto propondo alterações que não o violentassem. A José Oscar e Juri juntos, pelas gentilezas concedidas.

A Chris da Secretaria de Pós-Graduação, pelo auxílio técnico, pelo sorriso e pela tranquilidade. A Beti da Secretaria de Graduação em Sociologia, pela presteza.

Agradeço aos colegas Gabriel Rezende, Jean Tible, Rodolfo Scachetti, Fábio Candotti, Leonardo Masaro, Lucas dos Reis Martins, Rodrigo Ribeiro de Castro, Marcilio Rodrigues Lucas, Márcio Ricardo de Carvalho e ao professor Pedro Caldas (UFMG), pelas conversas, pelos debates, pelos erros compartilhados, pelos materiais, pelos engates neste trabalho.

Um agradecimento especial a Mário Augusto Medeiros da Silva, por tanto em tão pouco tempo, e a Rafael Alves da Silva, pela primeira entrevista de Heiner Müller.

Aos amigos Mariano, Sergio Silva, Eliane Barros, Rachel Ramos, Willzinho, Simone, Marina Groschitz, Nicole Somera, Mariana Chaguri, Thiago Novaes, Benê, Paulo Maia Novaes, Bia e João Sawaya, Cláudia Mendes e Ricardo Moreira, Ana Carolina Bazzo, Carol Mota Aguiar, Elisa Hickmann, Ana Carolina Furlan, pelas presenças e pelos traços. Às crianças Luiz Eduardo, Gabi, Pedro, Isa, Duda, Murilo, Rafaela, Heitor, pelos esquecimentos e pelas regenerações.

Agradeço profundamente aos guias Pai João, Vó Anastácia, Eulália, pelos ensinamentos, pelos conflitos e pelas demonstrações de cuidado, às gatas Alice e Mel, pela companhia, pelos olhares, pelo silêncio, e aos mortos Ernst Jünger, Walter Benjamin e Heiner Müller, pelos nossos diálogos travados, também em sonho.

Um agradecimento furioso a Silvio Ricardo Sawaya, por dar sentido pleno ao acoplamento do amor à revolução.

Em memória de minha avó, Amélia Ruiz Delgado Novaes.

<i>Máscaras</i>	11
<i>Démarche</i>	15
I. <i>Uma nova figura operando na passagem da era dos deuses à era dos titãs.</i>	23
I-II. <i>Entremeios</i>	87
II. <i>Realidade processada: o titanismo nazi e a estratégia de aceleração total.</i>	99
<i>Na Alemanha, por exemplo, não se pisca mais</i>	133
<i>Bibliografia</i>	141
<i>Filmografia</i>	147
<i>Apêndice I: Cronologia de Ernst Jünger</i>	149
<i>Apêndice II: Cronologia de Heiner Müller</i>	161
<i>Apêndice III: Argüição de Gilda Figueiredo Portugal Gouvea</i>	175

Durante a década de 1980, o poeta e dramaturgo alemão Heiner Müller costuma dizer que quando escreve prosa está completamente só, sentado. Não pode se esconder de si mesmo. Também diz acreditar que não pode escrever prosa na terceira pessoa, que não pode escrever, por exemplo, “Washington se levantou e foi para a 42ª rua”¹, pois não imagina a escritura de prosa senão na primeira pessoa que, a seu ver, é muito pessoal e não dá conta daquele vasto espaço existente “entre mim e eu mesmo”, entre o tempo do sujeito e o tempo da história, que pode ser dramatizado. Por isso o teatro. Pois quando se é um objeto da história, são necessários outros personagens com quem conversar sobre os próprios problemas e, quem sabe assim, vir a se tornar um sujeito nela (“O espaço-tempo da arte está entre o tempo do sujeito e o tempo da história. A diferença é um teatro de guerra potencial”²). Pois quando se escreve uma peça, sempre se pode falar através dos diferentes personagens que funcionam como *máscaras*. Eis o principal motivo de sua preferência pelo teatro: as máscaras – poder dizer algo e também seu contrário, poder citar pessoas, poder dialogar com os mortos. Em seu caso, como precisa se livrar de certas contradições, do peso e da pressão da história, é mais fácil fazê-lo com o teatro, com as máscaras. Com as entrevistas também. No início da década de 1990, ele as descreve como performances teatrais, ele, um ator com muitas máscaras, extremamente dependente de seus interlocutores e dos jogos que se estabelecem por entre as questões. Alguns deles toparam engatar, outros batalharam por desmascará-lo,

¹ Cf. MÜLLER, Heiner, “Muros” in KOUDELA, Ingrid (org.) *Heiner Müller: o espanto no teatro*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2003, p. 90.

² Cf. MÜLLER, Heiner, “Et bien des choses / Comme sur les épaules...”, in *Erreurs choisies*, Textos e entrevistas selecionados por Jean Jourdeuil, Paris, l’Arche, 1988, p. 13. Escrito em 1979. Tradução própria.

exigindo-lhe posturas congeladas e explicações detalhadas sobre sua obra, sobre o mundo, sobre tudo. O que não funcionou. Mesmo.

* * *

Uma máscara é um transmissor de energia cunhado por um escultor, animado por um portador e concebido para provocar efeitos sobre uma platéia. Uma máscara é um elo do divino, da morte que, uma vez incorporada, torna-se um agente de perturbação, de crise, de transformação para o portador, conduzindo-o, invariavelmente, a um estado próximo ao transe e à possessão. Assim sendo, uma máscara é, potencialmente, um objeto mágico, dotado de grande poder, que deve ser manipulado com muito respeito, cuidado e rigor. Uma máscara é, também, uma espécie de “paradoxo incorporado” que age como mediador de duas ou mais realidades, um veículo que implica a existência do *outro*: um animal, um mito, um morto. O ato e a atitude daquele que a porta, de trazer este outro à vida, implicam em tensão e transformação, em transe e possessão controlados como no Candomblé ou na Umbanda, em um experimento de acoplamentos e capturas que oferece liberdade e habilidade ao mascarado para lidar com personagens, eliminar vícios, inibições e travas e, sobretudo, ampliar o potencial perceptivo, expressivo, informativo e conflituoso. Uma máscara opera simultaneamente como um agente de soltura – que leva à pesquisa das inúmeras potências que estavam desativadas pela ditadura da face do *self* –, e de controle – que leva à lida para com o movimento, para com o ritmo destas potências na língua, no corpo, na mente, na história. Uma máscara, um transmissor de energia cunhado por um escultor, animado por um portador e concebido para provocar efeitos sobre uma platéia³.

* * *

³ Sobretudo, cf. LOPES, Elisabeth Pereira, *A máscara e a formação do ator*, Tese de Doutorado em Artes Cênicas apresentada ao Instituto de Artes da Unicamp, Campinas, 1990.

No que concerne à forma e ao conteúdo desta dissertação, experimento portar máscaras de Ernst Jünger, militar e escritor alemão, e de Heiner Müller, máscaras estas entremeadas por algumas do filósofo também alemão Walter Benjamin. O efeito provocado no leitor, se eficaz o for, é uma espécie de inquietação, de interesse diante da perturbação da zona da autoria, diante, simultaneamente, do desaparecimento da autora do texto (ela está acoplada aos escritos de Jünger, Benjamin e Müller) e do aparecimento da dimensão política da autoria (o modo pelo qual os acoplamentos e capturas batem naquela que está escrevendo). – Por fim afirmo, junto de Müller, que aqui escrevo mais do que sei.

Esta *démarche* parte do meio. Parte de uma das entrevistas derradeiras e de começo de fim de século de Heiner Müller⁴ intitulada *Penser est fondamentalement coupable*.

O contexto que assombra esta entrevista é a Reunificação Alemã que traz a união monetária, o Deutschmark, a concorrência para uma máquina social cuja potência consistia justamente em ser disfuncional e uma possível alternativa autônoma à República Federal da Alemanha mas que, no momento, 1990, tem circulando pelo que resta de suas engrenagens e mecanismos uma vontade de capital espantosa. Nesta situação, a queda da importância da política enquanto alternativa é incontornável, haja vista o esvaziamento de sentido das categorias de direita e de esquerda que estruturavam temporalidades distintas expressas na existência do muro de Berlim, na cortina de ferro.

“Então como pensar em conflitos sociais em uma Europa economicamente estável?” questiona o interlocutor de Müller, Frank Raddatz, para logo ser informado de que, de fato, o buraco é mais fundo do que se pensa e do que a pergunta comporta (e suporta). Müller aponta que é mais interessante que o questionamento mire os conflitos sociais. Assim fazendo, ele expressa que o problema do *século da tecnologia* que termina é a desrealização da realidade, a fuga da realidade para a imaginação. Nele, o regramento dos conflitos sociais reais é crescentemente substituído por sua teatralização política e mesmo a noção de adversário vai cada vez mais se desfazendo e desaparecendo. A tecnicidade avultante vai conduzindo de modo crescente à destruição da necessidade e do

⁴ Consultar *Apêndice II: Cronologia de Heiner Müller*.

desejo de contato. É neste mundo, precisamente, que o conflito, que a guerra, tornam-se *potencialmente* sinônimos de *humano*, de *humanidade*.

Seu entrevistador então o instiga, indicando que a glorificação do *crime* é depois de longa data um dos lugares-comuns clássicos da literatura francesa e Müller, aceitando sua provocação, estabelece um corte extremo para exprimir do que é que se trata sua colocação:

“Falemos alemão. Atualmente, por conta da possibilidade de aniquilamento absoluto, a guerra parece não ter sentido. Mas não poderia ser o caso da paz eterna, pois isto seria o fim. O importante é o desenvolvimento de estruturas que dêem novamente um sentido à guerra. Este é um velho tema prussiano. Kleist já buscava uma guerra que tivesse sentido. Sem contato, e não existem conflitos sem contato, o ser humano morre no homem. Logo, isto significa que a guerra é o último refúgio do que designamos por humano. Pois a guerra é contato; a guerra é diálogo, a guerra é tempo livre.”⁵

Raddatz fica estarrecido e, de modo imediato e incisivo, pergunta a Müller se está seriamente se colocando. Este aponta que sua fala deve ser considerada no contexto de um mundo inteiramente mecanizado, tecnicizado, cujos indícios mais significativos remontam à Primeira Grande Guerra quando, por exemplo, Ernst Jünger, na frente de batalha do Somme, uma batalha de material, descreve como o assalto é encarado como uma espécie de alívio, de liberação, de ato de sociabilidade, ou, num outro registro, Bertolt Brecht, em uma peça não encenável, trata de Fatzer, o soldado na terra-de-ninguém tomada por rastros de homens-canhão que junto de mais três companheiros torna-se estrangeiro ao humano quando decide não mais fazer guerra ao perceber que nela, simplesmente, “o homem é o inimigo e tem de ser aniquilado”⁶.

⁵ MÜLLER, Heiner, “Penser est fondamentalement coupable”, in *Fautes d'impression*, Textos e entrevistas selecionados por Jean Jourdeuil, Paris, L'Arche, 1991, pp. 186, 187. Entrevista realizada por Frank M. Raddatz em 1990. Tradução própria.

⁶ BRECHT, Bertolt, *O declínio do egoísta Johann Fatzer*, Organização de Heiner Müller, São Paulo, Cosac & Naify, 2002, p. 25.

É no parque de máquinas da grande máquina social capitalismo, parque que se avulta e que se move de modo cada vez mais acelerado sobretudo desde a Primeira Guerra Mundial, que o humano tem de construir uma reserva para si, uma reserva para sua própria velocidade, para sua sensibilidade, para suas qualidades e necessidades e para as experiências. Do ponto de vista desta mega-máquina, ele é fator de perturbação: ele atrapalha, ele erra, ele não funciona. Daí que, no limite, sua lógica opere pela redução deste ser à condição de matéria-prima, de material, e mais, seu primeiro estado de perfeição seja atingido com Auschwitz, o “altar do capitalismo”, o último estágio do Esclarecimento, o modelo de base da sociedade tecnológica, o princípio determinante de funcionamento da mega-máquina, a grande metáfora.

Mesmo após toda esta avalanche de palavras assassinas e construções que espantam, Müller desdobra com mais afinco este movimento em uma breve resposta que afeta a perspectiva de visão e a percepção desta pesquisadora, furiosamente. Este trecho lhe é transmitido por contágio, por afecção, por sensação, e torna-se o curto-circuito que engata e aterroriza a presente *démarche*:

“Frank Raddatz: *Mas justamente existe em Auschwitz qualquer coisa de totalmente irracional.*

Heiner Müller: Ernst Jünger avançou a tese segundo a qual a estratégia do genocídio dos nazistas privou a Wehrmacht de meios de transporte que teriam sido necessários à vitória. Este não era um argumento ideológico, mas a tentativa imediatamente factual de pensar algo justo ao cabo. Ele não compreendeu que a doutrina militar dos nazistas repousava sobre o conceito estratégico de aceleração total. O problema não era que a Wehrmacht batesse o Exército Vermelho ou que Rommel derrotasse Montgomery. Este era o aspecto artificial, o teatro da guerra. Sua realidade era, ao contrário, imediatamente econômica e tecnológica. Tratava-se de experimentar a tecnologia, de introduzir a tecnologia no mundo cotidiano, de tecnicizar a vida. Toda tentativa de aceleração total encontra nas minorias seu principal adversário. Pois as minorias sempre representam qualquer coisa de autônomo; elas são um obstáculo à

aceleração. As minorias são freios. Daí nasce a necessidade de aniquilá-las, pois elas persistem em sua velocidade própria.”⁷

Neste *insight*, Müller avança a tese segundo a qual para além de irracionalismo do processo histórico-filosófico e sócio-técnico-político que culminaria na chamada barbárie Auschwitz, estamos, de fato e de direito, tomados, embriagados pelos monstros de uma certa razão: a conceituação da *estratégia de aceleração total econômica e tecnológica* experimentada e potenciada no nazismo e na Segunda Guerra Mundial lança o brilho sinistro do *modus operandi* desta grande máquina social movida a velocidade e aceleração (capital cinético⁸), a mais-valia ampliada e amplificada (mais-valia de fluxo⁹), a guerra e “paz”. Atrelada ao princípio político da *seleção*, esta estratégia aniquila produções, temporalidades e cinéticas recalcitrantes, separa materiais humanos consideráveis para o trabalho e para a experimentação em laboratórios fechados ou a céu aberto dos descartáveis que, por sua vez, devem entrar no cálculo enquanto o que exatamente são.

Finalizando, Müller ainda chega a sugerir que a *fetichização da aceleração estratégica* exposta nas veias abertas do século – Auschwitz e bomba de

⁷ MÜLLER, Heiner, “Penser est fondamentalement coupable”, in *Fautes d'impression, cit.*, p. 189. Tradução própria.

⁸ “O que faz com que o movimento histórico se desvie do rumo é a própria qualidade do movimento histórico. Quem se move, move sempre mais do que apenas a si próprio. Quem faz história, faz sempre mais do que apenas história. Esse *mais* é o demônio do erro tipográfico, que desfigura o texto tão bem composto – é o excedente cinético que, ultrapassando os limites e passando ao lado dos alvos, se precipita para aquilo que não se quer. O fatal *mais* entra no impulso dado às massas inertes, que, uma vez postas em circulação, de finalidades morais nada mais querem saber. O capital cinético faz explodir velhos mundos, não porque tenha algo contra eles, mas apenas porque é seu princípio não se deixar deter. Não pode fazer outra coisa senão pôr as circunstâncias a dançar ao som de melodias aceleradas. Põe rios de mercadoria a correr, frotas a cruzar, escadas rolantes a deslizar, atmosferas a mudar, faunas a desaparecer. (...) o movimento, o movimento puro, passou a andar à solta. (...) talvez a cinética seja o destino?”, in SLOTERDIJK, Peter, *A mobilização infinita: para uma crítica da cinética política*, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2002, p. 29.

⁹ A mais-valia de fluxo que caracteriza a máquina capitalista compõe-se da mais-valia humana e da mais-valia maquinística. Tecnologia e ciência engendram esta mais-valia que não depende diretamente da própria tecnologia e da própria ciência, antes do capital. “O conhecimento, a informação e a formação qualificada não são menos partes do capital (‘capital de conhecimento’) que o trabalho mais elementar do operário.”, in DELEUZE, Gilles, e GUATTARI, Félix, *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1976, p. 297.

Hiroshima –, expõe toda a carga de pulsão de morte dos ocidentais, que se impulsionam e são impulsionados cada vez com mais ímpeto para a máquina social, para a mecanização e a tecnicização, que desejam se lançar cada vez mais ávida e velozmente para o racional funcional, que realizam a grande utopia ao, em pleno e puro movimento, repousar no delírio da catástrofe, sabendo cada vez melhor o que os espera, mas podendo cada vez menos ter influência sobre isso.

Ora, o que tudo isto diz? Notando-se o alcance das maquinações que culminam na estratégia de aceleração total econômica e tecnológica, como tratar do funcionamento e da potência enunciadora da mesma na (e para a) grande máquina social? Como efetuar o trabalho sobre a história colocando esta estratégia para girar sem o peso e a replicação de condenações e de condecorações morais que tanto entravam a percepção dos processos?

* * *

A recorrente menção de Heiner Müller a Ernst Jünger em momentos instigantes da referida entrevista, faz com que ruídos se disseminem, ganhem ressonância e que o olhar se desloque para o lado.

Do encontro com a obra deste veterano da Primeira Grande Guerra e patriarca alemão¹⁰, o conceito de *mobilização total*, enunciado na década de 1930 na obra organizada pelo autor, *Krieg und Krieger (Guerra e guerreiros)*, acopla-se àquele de Müller para que o funcionamento da grande máquina social seja percebido a partir dos fluxos da guerra e do conflito, do homem e do humano, da técnica e da tecnologia, do movimento e da mobilidade, da temporalidade e da velocidade, da literatura/do ensaio e da entrevista/do teatro, tomando-se em conta ou não a fundamentalidade da valorização do valor para as maquinações e maquinismos sociais – e pode-se adiantar que esta é a diferença que faz entrar

¹⁰ Consultar *Apêndice I: Cronologia de Ernst Jünger*.

em conflito filosófico, sociológico, cosmológico as perspectivas e percepções de Jünger e de Müller.

Com o advento do acontecimento Primeira Grande Guerra, e sobretudo em sua fase final, movimentos não faltam para que Jünger, em 1930, esteja convencido de que a mobilização parcial para a guerra dos tempos monárquicos tenha sido desbancada, ou melhor dizendo, ultrapassada pelo que conceitua de *mobilização total*, movimentos tais como a substituição dos soldados profissionais e da casta guerreira por todos os que estão aptos ao serviço militar (incluindo a exorbitância dos voluntários e reservistas), o acintoso aumento dos custos e investimentos que a guerra passa a exigir acolhidos pelos Estados, a transmutação da ação armada em um gigantesco processo de trabalho no qual, tecnicamente, produção mediatamente bélica e consumo mecânico sangrento corroboram com a *imagem* de uma austera economia de guerra.

A mobilização total opera por meio da crescente conversão da vida em energias, via prontidão para acionamento de tudo e produção de mobilidade em tudo, sendo que estes “tudo” têm ainda de ser potencializados nas dimensões *maxima-minima*¹¹ (prontidão para mais prontidão, mobilidade para mais mobilidade). Simultaneamente, as energias são canalizadas para a única alternativa e fenômeno possível, a *armação* do mundo, ou seja, a estruturação planetária sob processo de mobilização total. Isto quer dizer que a tarefa da mobilização total é sujeitar a captação e a produção de trabalho, de técnica, de movimento, de velocidade, de bens, de poder, de homens, de culto, de natureza *na guerra e na paz* – entenda-se, na guerra e na *imagem* da guerra no processo de trabalho – à vontade de potência: o ataque da ação de saltar obstinada, acumulativa e aceleradamente para frente contra o resto dos tempos, das temporalidades, dos repousos, em busca do alcance de um ordenamento, de uma

¹¹ As duas dimensões do ser e da natureza, micro e macro, para as quais Jünger se volta ao longo de suas observações e de sua obra. Em 1964, publicou notas sobre *O Trabalhador: domínio e figura* de 1932 que levam o título *Maxima-Minima*.

totalidade e de um sentido que escapam à completa compreensão humana e histórica.

“Aqui atuam modos de coerção mais fortes que a tortura, coerções que atuam tão fortemente que os homens as saúdam com júbilo.”¹² Esta é a última frase de uma passagem na qual Jünger saúda o rigor da lógica histórica sob processo de mobilização total que transcorre depois do que se convencionou nomear primeira grande catástrofe do século XX. A força *cultural* progresso, parte decisiva e submetida à mobilização, segue sua marcha espiral destrutiva e auto-destruidora persuadindo e cortando todas as variações relacionais, todas as classes e todos os estratos, todas as ideologias, todas as posturas políticas: americanos, ingleses, italianos, russos, alemães, “povos de cor”, “margens da civilização” festejam, ainda via júbilo do progresso e da progressão, o regime absoluto da mobilização, seja por meio do culto da máquina, da técnica e do trabalho, do belicismo, do militarismo, da preparação armada, do humanismo, dos negócios, seja por meio da guerra civil, da revolução, da emancipação social, da modernização do Estado, do futuro grandioso.

Há uma indicação intrigante de Jünger de acordo com a qual só se acessará o núcleo desta mobilização e, assim, da armação, quando se caminhar pelos “questionamentos com que a literatura de guerra alemã coagiu a consciência universal a juízos sobre as coisas de guerra”¹³. Juízos que aparentemente poderiam parecer retrospectivos, mas que, na realidade, estão voltados para o futuro. Da leitura de alguns de seus escritos, obras, ensaios, materiais de jornal, destaque para *O Trabalhador*, nota-se como a guerra acoplada à literatura é o arranque para o entendimento dos movimentos do mundo que caminham para uma só correnteza, para uma única perspectiva na qual ação armada e trabalho se amalgamam, soldados e civis não mais se distinguem, técnica e novo homem se potenciam, Estado e vontade de ditadura da

¹² Cf. JÜNGER, Ernst, “A mobilização total”, in Revista Natureza Humana, Revista do Grupo de Pesquisa em Filosofia e Práticas Psicoterápicas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, Vol. 4, n. 1, janeiro-junho 2002, pp. 213, 214.

¹³ *Idem*, p. 197.

mobilização total servem livremente à totalidade, ao espírito dos tempos. Estes, puxados pelo imponderável, pelo *destino*, marcham, por sua vez, em direção à realização das utopias e do sentido que lhe cabem: a plenitude, a perfeição e o gozo da vida, em suas experiências mais elementares, substanciais, harmônicas e transcendentais.

* * *

As questões que ficam: será a mobilização total a maquinação da grande máquina social que dá inteligibilidade, cunho, potência à estratégia de aceleração total econômica e tecnológica? Em qual medida? Como estes dois conceitos se tocam, se relacionam, se diferenciam na percepção do funcionamento e da lógica da máquina capitalista? Como ambos agenciam as temporalidades, as acelerações, os movimentos, as políticas? Quais percepções da totalidade e do sentido da máquina? Há um corte entre a mobilização total e a estratégia de aceleração total econômica e tecnológica? Se não, como se dá o engate daquela nesta e vice-versa?

*"Mas, amigo! viemos tarde de mais. Decerto vivem os deuses,
Mas lá em cima, noutra mundo, por sobre as nossas cabeças.
Infundamente ali agem e pouco parece importar-lhes
Se nós vivemos ou não, tanto os Divinos nos poupam.
Pois nem sempre consegue um vaso fraco prendê-los,
Só de tempo a tempo o homem suporta a plenitude divina.
E a vida é depois sonhar com eles. Mas o desvairo
Ajuda como o sono, e a aflição e a noite dão forças
Até que heróis bastantes tenham crescido no berço de bronze,
Corações, como outrora, semelhantes aos deuses em força.
Trovejantes vêm eles então. Entretanto às vezes melhor me parece
Dormir do que viver assim sem companheiros, ter
De esperar assim; e o que fazer e dizer entretanto
Não sei; e para quê Poetas em tempos de indigência?
Mas eles são, dizes tu, como os santos sacerdotes do deus do vinho,
Que iam de terra em terra em noite sagrada.*

*(...) O pão é fruto da terra, mas está pela luz abençoado,
E do Deus trovejante vem a alegria do vinho.
Por isso ao gozá-lo pensamos nos deuses, que outrora
Aqui estiveram e que não de voltar no tempo devido;
Por isso os poetas cantam também graves o Deus do Vinho,
E esse louvor não soa vã invenção aos ouvidos do Velho.*

*Sim! com razão dizem que ele faz as pazes entre o dia e a noite,
Faz subir e descer eternamente as estrelas do céu,
Sempre alegres, como a folhagem do sempre-verde pinheiro
Que ele ama, como a coroa de hera que pra si 'scolheu,
Porque ele permanece e traz o sinal dos deuses fugidos
Cá pra baixo aos sem-deuses no meio das trevas.
O que a canção dos antigos profetizou dos filhos de Deus,
Olha! somos nós, nós; fruto das Hespérides é!
Por milagre e ao certo se cumpriu como em homens,
– Creia-o quem o provou! – mas por mais que aconteça,
Nada tem efeito, pois não temos coração, somos sombras,
Até que o nosso Pai Éter, por todos reconhecido, a todos pertença.
Mas entretanto desce, como portador do facho, do Altíssimo
O Filho, o Sírio, para entre as sombras.
Sábios felizes o vêem; um sorriso da alma cativa
Resplandece, para a luz se abrem inda os seus olhos.
Mais suave sonha e dorme o Titã nos braços da terra,
E mesmo o Cérbero, invejoso, bebe e dorme.*

Hölderlin

I. *Uma nova figura operando na passagem da era dos deuses à era dos titãs*

A epígrafe deste capítulo reproduz parte dos últimos três pontos da elegia *O Pão e o Vinho* composta pelo poeta alemão Hölderlin no início do século XIX, certamente presente no alto da biblioteca de Ernst Jünger em Wilflingen, dentro de sua própria “grande edição de Hölderlin”. Jünger refere-se imagetivamente a trechos deste poema em entrevistas tardias e derradeiras¹⁴ para enxergar tendências tais como a mecanização e a tecnicização da *vida*, a produção acelerada e o acúmulo de enorme quantidade de energia suscetível de levar a catástrofes, e também, para bater em pensamentos, formulações, percepções passados que *armam* os cenários atual e vindouro. Dois são os movimentos do poema que ele cita enfaticamente, quais sejam, a previsão da condição ou da situação eminente marcada pela fuga dos deuses, pela falta de um novo deus e pela espera (aflita e angustiada) de sua aparição e o prenúncio da passagem de uma era dos deuses para uma era dos *titãs*, movimentos que, mesmo em tempos de indignância, têm o destino à espreita e o poeta a cantar e a guardar o divino.

Primeiramente, se experimentará colocar para girar estes movimentos perpassados pelo destino a partir de alguns escritos pulsantes da primeira metade da vida de Jünger para que só então contextos e tendências sejam enfrentados. É interessante adiantar que os ensaios que aqui seguem – *A guerra como experiência interior*, de 1922, *Fogo e movimento* e *A mobilização total*, ambos de 1930, *O Trabalhador: domínio e figura*, de 1932, e *Sobre a dor*, de 1934 – partem de um corte: o rebentar e o desenrolar da Primeira Guerra Mundial. É a partir deste corte que estes escritos irão captar, por diferença, os princípios operatórios de uma nova *potência*, de uma nova *imagem*, de uma nova *figura* que vai se

¹⁴ Sobretudo, HERVIER, Julien, *Entretiens avec Ernst Jünger*, Paris, Gallimard, 1986, e GNOLI, Antonio e VOLPI, Franco, *Les Prochains Titans*, Paris, Bernard Grasset, 1998.

insinuando no campo da percepção: o *trabalhador* e sua era, inicialmente movida a mobilização total.

* * *

Um primeiro e fundamental esclarecimento sobre a noção de *figura* leva ao modo de percepção *cosmológico* de Ernst Jünger que flui pelos ensaios selecionados¹⁵. Enxergar o mundo através de figuras e de suas relações é perceber a história e o destino com um novo olhar aristocrático e alemão¹⁶. As figuras são grandezas metafísicas, míticas, são imagens, – e não conceitos, ideias ou fenômenos –, que se oferecem a uma mirada que concebe que o mundo se organiza e se harmoniza de acordo com uma lei mais decisiva, mais incisiva, mais incomensurável que aquela da causa e efeito, a saber, a lei da estampa, do cunho, da marca. Consubstanciam-se, significativamente, em *seres*, em realidades supremas doadoras de sentido para além de quaisquer vontades, desenvolvimentos e valorações – simplesmente *são*, e nenhum desdobramento dinâmico é capaz de as acrescentar ou diminuir.

Sendo assim, elas não devem ser entendidas como qualquer nova grandeza que se deveria descobrir nas já conhecidas. Antes, desde o momento em que, por meio de uma nova orientação do olhar, a vivência se dê em figuras, tudo acaba por se tornar figura: o mundo aparece como um cenário de figuras e de conexões e desconexões que estabelecem entre si; a história surge como algo *mais*, como uma *figura* cujo conteúdo consubstancia-se no destino das figuras outras, produzidas sem cessar a partir das profundezas da terra.

¹⁵ Noção esta que se estenderá por toda sua obra e que aparece detidamente formulada em 1963, no livro intitulado *Tipo, Nome e Figura*.

¹⁶ O termo “aristocrático” empregado assim como seus possíveis adjacentes tais como “aristocracia”, “aristocratismo”, “aristocrata” referem-se a uma maneira de perceber o mundo que se relaciona com ancestralidade, espiritualização, elevação, temporalidade cíclica, transhistoricidade, Cultura e um recorte germânico do pensamento greco-romano que segue os rastros de Nietzsche e Hölderlin e não apenas a estratificações econômicas, políticas, sociais, morais, ideológicas de recorte moderno civilizacional burguês.

Cada uma das figuras é um todo que abrange mais do que a soma de suas partes. Cada uma delas é inatingível para uma era anatômica que se alimenta do esmiuçar e não da totalidade. Um homem, uma figura *singular* captável e concreta, é mais que a soma de átomos, membros, órgãos, fluídos, forças, faculdades de que é composto, é mais profundo do que pode almejar em seus pensamentos mais intensos, é mais poderoso do que pode exprimir em suas ações e posturas mais imperiosas. Insere-se numa extensa hierarquia de figuras, de *potências*, que não se pode sequer representar de uma maneira suficientemente real, corpórea e necessária que descarte o transcendente e o virtual. Nesta hierarquia, por exemplo, uma grande batalha é mais que a soma de exércitos, armamentos, planos, surpresas, derrotas e glórias, e uma gigantesca cidade do começo do século XX, mais que a soma de motores, máquinas, indivíduos, massas, ideologias, políticas e economias.

Como as figuras contêm em si o todo, requerem-no intensa e irrevogavelmente. Pertencem à eternidade. Logo, o homem, enquanto figura, pode em certa medida desdenhar dos distintos antagonismos históricos, pois por mais que o movimento assole o planeta, tanto mais intimamente ele tem de estar convicto de que através do mesmo se encontra um *ser* em repouso e de que, portanto, qualquer aumento de velocidade é tão-somente a tradução de uma *linguagem* originária imperecível. O palco das figuras é o palco do *espírito* – metafísica, mito, aristocracia. Elas nada podem, nem devem, prometer. Contudo, em última instância, conseguem oferecer um símbolo de que a vida possui dignidade e de que, para os que a sabem incorporar em toda a sua potência e fúria, pode bem valer a pena.

* * *

Por ora fica a indicação de que as imagens compostas, despedaçadas, longínquas, implícitas, turvas, inteligíveis, nebulosas, coloridas que daqui para frente surgirão e seguirão, compondo-se e descompondo-se, serão literária e ensaísticamente legendadas por tal pensador aristocrático alemão. Eis o

procedimento pelo qual se pode experimentar aprender ver a grande máquina engatado em uma perspectiva outra.

* * *

Diferentemente de *Tempestades de aço*¹⁷, *A guerra como experiência interior* utiliza-se de descrições e narrativas internas e cotidianas da Primeira Grande Guerra para formular de modo refinado reflexões e percepções que podem passar por três vetores simultâneos e distintos, a saber, o do espírito, o da história e o do indivíduo que, ora se confluem provocando *no instante* a irrupção de grandes eventos e de grandes potencialidades, o foco que aqui está em questão, ora se separam percorrendo e perseguindo caminhos que muito exprimem da sensação e aceitação da transcendência, das configurações e dinâmicas sociais e das experiências interiores e dos acertos de conta com a guerra. O destino, por fim e por princípio, atravessa estes vetores, atraindo-os, tragando-os para um certo acontecer da vida.

“No fundo, o que aconteceu? O que fomos nós combatentes para esta guerra e o que foi ela para nós?”¹⁸ É a partir desta questão composta que Jünger enfrentará problemas e construirá pensamentos que correm concomitantemente (ou não) pelos três vetores referidos. De imediato, o grande encontro dos vetores, o grande evento: o estouro e a perpetuação de uma guerra, *mundial*, que, por sua potência, atinge as camadas mais profundas do espírito, contribuindo enormemente para a viragem dos tempos, e que alcança consciências e

¹⁷ Primeira obra de Jünger, publicada em 1920, *Tempestades de aço*, fruto de um diário de guerra, descreve e narra como um “simples soldado” viveu esta que foi para ele a segunda e a última guerra. A segunda, pelo fato de, aos dezoito anos, ter se alistado na Legião Estrangeira em Verdun e ter permanecido seis semanas na Argélia e, a última, por ter se alistado voluntariamente no 73º regimento de Fusileiros “Prinz Albrecht von Preussen” carregando a memória do que foi concebido por guerra a partir da época de Homero e, ao longo do conflito, ter percebido no corpo e na mente que o que estava acontecendo movimentava e mobilizava potências de outra ordem. Logo após sua aparição, *Tempestades de aço* tornará o simples soldado célebre e também, o mais importante, servirá de material para muitas produções futuras do então escritor tais como *A guerra como experiência interior*, *Tenente Sturm*, de 1923, *O bosque 125*, de 1924, *Fogo e sangue*, de 1925 e a primeira edição de *O coração aventureiro*, de 1929.

¹⁸ Cf. JÜNGER, Ernst, *A guerra como experiência interior*, Lisboa, Ulisseia, 2005, p. 15.

inconsciências lançadas em direção à liberação, à insegurança e ao perigo. Este acontecimento faz com que Jünger destrinche algumas questões que aqui interessam tais como a relação entre combate mundial e novo combatente, a consideração da técnica nesta relação, o surgimento e a produção de novos deuses e de novos homens e o prelúdio de uma nova figura.

* * *

Este combate que é a Primeira Guerra Mundial martela, cinzela, tempera novos combatentes que, por sua vez, descem em massa pela primeira vez até a arena da Terra para disputar entre si o poder de dominar a nova época, martelando, cinzelando e temperando a luta. O combate é pai e filho de todos os soldados, pai e filho de um único *corpo* composto pelos dois lados da frente de batalha. Como pai, arrasa a suposta cristalização de valores e materialidades – progresso consumado, técnica, arte, conhecimento avançados –, alivia e libera os combatentes da pesada opressão civilizacional em lancinante orgia ao reencontro e co-nascimento de animalidades, instintos e pulsões¹⁹. Como filho, exprime-se no mundo que é criado por ações, por impulsos instintivos e elementares, por inconsciências destes soldados em confronto regidos pelo sangue e pelo batismo de fogo, pelo horror e pela bravura, pela angústia e pela embriaguez, pela violência e pelo jogo, pela morte e pelo assalto, pela defesa e possessão de uma ideia, e pelo futuro.

O acoplamento da técnica ao combate mundial e a seus combatentes faz com que a inteligibilidade do acontecimento e sua realidade sejam turvadas. Em alguns momentos, a técnica é vista como nada mais que um acaso, que um maquinário sem vontade controlado pelo único que pode dar-lhe sentido, o combatente, que, encarnando no corpo a vontade de lutar e a ideia implicada no modo como se bate, avança em direção às tempestades de explosivo, de ferro e

¹⁹ “Então as pulsões contidas há demasiado tempo pela sociedade e pelas suas leis, voltaram a ser o único, e o sagrado e a última razão. E tudo que o cérebro, ao longo dos séculos, tinha talhado com arestas cada vez mais cortantes, serviu-se tão só para aumentar a força do punho para além de toda a medida.”, *idem*, p. 15.

de aço para o único objetivo, matar, se possível num combate frontal, o inimigo²⁰. Em outros, de relance, o choque e a fascinação sobrevêm. O soldado passa a ser percebido como *material* para um combate de máquinas colossal despontado pela aplicação e pela invenção espantosas da técnica chegando-se até ao próprio limite de cogitar do risco de sua desapareição naquelas tempestades vociferantes ou na mecânica das trincheiras ou, provavelmente, na mira de uma espingarda descarregada pelo inimigo, por exemplo, quando do acaso ou do avanço sobre a terra-de-ninguém²¹.

Esta perturbação da realidade da guerra mundial provocada pela percepção oscilante da técnica é interrompida quando a potência de domínio do combatente sobrepõe-se ao referido desvio causado pelo espanto técnico. Quando a guerra, incorporada e introjetada na figura dos soldados, tinge de sangue as cidades, arrancando repentinamente as massas à cadeia dos dias, destruindo a finura, a complexidade, a sutileza, o divertimento refinado dos prazeres, o culto delicado ao cérebro sufocante e empurrando-as rumo ao renascimento da barbárie anunciada em meio a um tinir de ferros, aços e máquinas, novos deuses são elevados ao trono do dia: a *força*, o *punho* e a *bravura viril*²² encarnados em extensas colunas de juventude no serviço das armas, martelando, cinzelando, temperando o asfalto de quantas ruas existam, fermentando júbilos na multidão que se misturam a estremecimentos devotos. “Que pode haver de mais sagrado do que o homem

²⁰ “Desencadeado o combate frontal, quer se estendam as garras e se arreganhem os dentes, quer se brandem machados talhados grosseiramente, quer se retesem arcos de madeira, ou quer suceda que uma técnica eleve a destruição à altura de uma arte suprema, chega sempre o momento em que se vê chamejar, no branco dos olhos do adversário, a vermelha embriaguez do sangue (...) toda a atrocidade, todos os refinamentos acumulados de terror, não podem igualar o horror de que o homem fica possuído pela aparição perante si mesmo, no espaço de segundos, da sua própria imagem.”, *idem*, p. 19. Ou o suspiro junto dos soldados: “Ah, não somos apenas espingardas, sucede que somos também homens, corações, almas.”, *idem*, p. 84.

²¹ “Já muitas vezes, apanhado nos campos magnéticos da batalha moderna, me pareceu estranho e quase inacreditável que estivesse a assistir acontecimentos da história humana. O combate reveste a forma de um mecanismo gigantesco e sem vida, recobrando a extensão de uma vaga destruidora, impessoal e gelada.”, *idem*, p. 107

²² Ou, de acordo com a tradução do sociólogo norte-americano Jeffrey Herf, o *poder*, *Fausto* e a *bravura varonil*. Cf. HERF, Jeffrey, “O realismo mágico de Ernst Jünger”, in *O modernismo reacionário: tecnologia, cultura e política na República de Weimar e no 3º Reich*, São Paulo, Ensaio; Campinas, Editora da Unicamp, 1993, p. 88.

combatente? Um deus?”²³, questiona então Jünger para logo ressaltar que até os deuses imortais têm, mesmo contra sua vontade, ciúmes do novo homem que surge deste combatente entranhado e consumado por novas potências.

Tal a nova raça²⁴ composta a partir de soldados de todo o planeta, marteladores de um novo rosto da terra, mesmo que, no momento do acontecimento e de seu disseminar por ela, poucos assim o reconheçam e o enxerguem, já que ainda não se pode ver claramente o que deles surge sob os escombros do desabamento da torre de marfim da civilização. No combate, quando um deles cai, não o faz em vão, já que sua destruição também é procriação sob a espécie *viril* do novo homem. Entre inimigos e amigos, compõem a manifestação do futuro, da obra comum. São criaturas cinzeladas por uma ética pura e dura que se consolida em ideias cada vez mais cortantes, ética que não se ocupa nem se preocupa com o que é preciso arriscar, pois só inquire do fim e do futuro. Expressam-se na linguagem sublime do poder com valores e profundidade própria, linguagem apenas compreendida pelos bravos, pelos que enfrentam de frente todos os golpes do destino, todas as frentes, todos os assaltos, todas as explosões, todas as destruições. Homens de aço em tempos de ferro.

“(…) eis o homem novo, o sapador de assalto, o escol (…). Uma raça completamente nova, inteligente, forte, carregada de vontade. O que se descobre no combate e surge até à luz, será amanhã o eixo de uma vida com rotação sonora e cada vez mais rápida. Não haverá sempre, como aqui, que abrir caminho entre as crateras, através do fogo e do aço, mas o passo de carga que impulsiona o acontecimento, o tempo ditado pelo ferro, continuarão imutáveis. O poente abrasado de uma era que desaparece é também uma aurora onde há que se armar para combates novos e mais

²³ Cf. JÜNGER, Ernst, *A guerra como experiência interior*, cit., p. 55.

²⁴ “(…) uma raça completamente nova, a energia encarnada, carregada de força até à borda. Corpos ágeis, nervosos, rostos em lâmina de faca, olhos que mil terrores tinham petrificado sob o capacete de aço. Eram vencedores natos, tendo como eixo o combate em todas as suas formas horríveis. (...) No momento de choque, eram a quinta-essência de toda a actividade guerreira que o mundo alguma vez jamais produziu, uma amálgama exacerbada do corpo, do intelecto, do querer, dos sentidos. (...) Em tudo o que faziam, a natureza destes homens da acção curta e brutal revelava-se explosiva.”, *idem*, p.43. Aqui se deve ressaltar que o termo “raça” não está associado a questões referentes à genética ou à pureza, antes, como se verá mais à frente, à descrição de um tipo peculiar que surge.

duros. Longe, na retaguarda, as cidades gigantescas, os exércitos de máquinas, os impérios cujo tufão rasga os ligamentos internos, esperam o homem novo, mais intrépido, aguerrido no combate, que não se poupa nem poupa os outros. Esta guerra não é o final da violência, é apenas seu prelúdio. (...) A guerra é uma grande escola, e o homem novo será da nossa têmpera.”²⁵

Jünger atenta intensamente para o prelúdio de uma nova figura no momento que, para os alemães, deve estrategicamente anteceder a decisão do combate. O último assalto na frente ocidental, previsto para 21 de Março de 1918, é para ser “o” dia da posse irrevogável das definições, dos símbolos do evento, confrontados e decididos no sangue e na destruição. Desfrutando da companhia dos camaradas que não cogitam da derrota alemã²⁶, ele se sente, por um instante, filho de um passado eminente e pai de um futuro que vingará em pouquíssimo tempo, um elo de transição, uma mutação. Num lapso, do brilho dos corpos acerados, corajosos, rápidos, nervosos, ágeis, linguagens de poder, toma conta um rigor amargo, seco e excitante, um passo cadenciado que conta com a simpatia do destino invocador e enunciador de vastas zonas industriais, exércitos de máquinas, batalhões de trabalhadores, materiais que falam a linguagem de ferro, terrificante, cortante, resoluta do futuro do mundo, e que se atrelam ao poderio técnico não para desaparecerem em sua potência, mas para que ele seja orientado e dotado de sentido. Aqui, a questão que está para ser decidida é se os novos tempos serão *mobilizados* pela terra, pelo espírito, pela liberação, pelo trabalho, pela guerra, pela disciplina, pela potência ou pela liberdade, pela civilização, pela humanidade, pelo progresso, pela democracia, pelo dinheiro, pela paz.

²⁵ *Ibidem*, p. 80.

²⁶ “Sim, estamos alegres e seguros da vitória. (...) Tudo o que pesa cai no inconsciente, o instante torna-se delicioso apanágio. Futuro, preocupações, todos os fardos que nos acabrunhavam as horas tristes são deitados fora num revirar de mão, como uma beata de cigarro. Daqui a algumas horas talvez se apague atrás de nós essa ilha confusa a que (...) tentámos dar sentido. O dinheiro, essa fonte de preocupações, torna-se supérfluo e sem sentido, bebe-se até o último vintém, que mais não seja para nos vermos livre dele.”, *ibidem*, p. 105.

Mas eis que desta ofensiva, o que permanece e fica em aberto para formulação é a morte de milhares de homens em alguns minutos²⁷. Seu desfecho é a derrota alemã, sobretudo por problemas estratégicos, além da produção de suspeitas acerca da possibilidade de perda do combate mundial.

Ao longo do último assalto do qual Jünger participa que se inicia em 30 de julho de 1918, estas suspeitas se confirmam no desenrolar do conflito. Os soldados alemães sabem que não podem mais vencer, sabem da inutilidade do confronto diante do aparato técnico avultante que então se volta com ímpeto contra suas frentes, sabem o que a perda da guerra significa para a substância material e espiritual de seu povo que sempre cunhou sua grandeza e sua decadência no sangue, mas sabem, o mais importante, que a *convicção* de talharem a posteridade do planeta, a virada dos tempos, continua intocada, impecável, no acerto e no erro, na vitória e na derrota, na vida e na morte²⁸, para os quais se lançam tomados de êxtase, embriaguez, delírio, intuição, impulsão instintiva, convicção esta que nutre a certeza de conhecer, experimentar, experimentar, perceber esta guerra do interior, da afirmação do turbilhão do acontecimento e de suas potencialidades, diferenças e positivities e não de fora, tomando-a como princípio de negação de escravos e de vítimas.

* * *

Fogo e movimento é um ensaio de Jünger que resulta do reencontro, em 1930, das experiências da Primeira Guerra Mundial, das formulações efetuadas durante o período de colaboração na Comissão de Regulamento do Ministério da Guerra alemão e, em geral, dos pensamentos elaborados quando da prestação de

²⁷ Experiência esta tão forte que, em 1925, Jünger a transpõe sob o signo das sagas islandesas em *Fogo e sangue*.

²⁸ "(...) a morte por uma convicção é a suprema perfeição. É proclamação, ato, realização, fé, amor, esperança e fim: é, neste mundo imperfeito, algo de perfeito, a perfeição sem rodeios. A causa não tem importância, tudo está na convicção. Pode-se morrer bem, mergulhado num erro indiscutível: é o que se pode fazer de maior. (...) a loucura e o mundo são apenas um, e quem morrer por um erro nem por isso deixa de ser um herói.", in JÜNGER, Ernst, *A guerra como experiência interior*, cit., p. 106.

serviço na *Reichswehr*²⁹. Este ensaio trata de questões táticas e estratégicas a partir de desenvolvimentos e desdobramentos da técnica e da inteligência de guerra no combate mundial sem, contudo, ter por finalidade consistir em uma espécie de instrução de uso. Retomando o espanto técnico lançado em 1922 com *A guerra como experiência interior*, Jünger desenvolve teoricamente suas percepções acerca do *descompasso* existente entre fogo e movimento na guerra referida e, assim, entre aparatos e dispositivos técnicos e estratégia, entre técnica e humano, entre técnica e decisão, entre técnica e totalidade do combate para tratar de seu duplo, a saber, o descompasso que há entre uma nova figura que desponta e que é experimentada e sua operação ordenada na vida.

* * *

Esta guerra mundial é transpassada por correntes conservadoras e revolucionárias que fluem umas ao lado das outras e que cortam umas às outras. Os exércitos penetram sua extensão buscando a vitória nas armas e nas estratégias que os garantiram e os gloriaram no passado, apostando no *capital de experiência bélica* de que dispõem, pois a experimentação de meios e inovações técnicos e de artimanhas teóricas descolados da experiência topa imediatamente com o destino que, em se tratando de campo de batalha, mostra-se intensamente cruento, decidido e irrevogável para com cada uma das escolhas e das ações que aí se dão. Daí que em grande parte das frentes deste confronto, armamento, máquinas, motores, originais e existentes, e maneiras distintas de guerrear incorporem-se tão-somente paulatinamente à *imagem* da guerra, fazendo-o com titubeios, reiterações e avanços restritos a pequenos espaços de terra, de ar e de mar.

Por outro lado, quando os exércitos se lançam na rede de arrasto desta guerra, fazem face a uma situação extraordinária que comporta desenvolvimentos teóricos e técnicos de materiais, equipamentos, maquinário, instruções com

²⁹ Exército da República de Weimar que surge em 1919, mas que é oficialmente institucionalizado apenas em 1921. Dissolve-se com a criação da *Wehrmacht* em 1935.

possibilidade e potencialidade bélicas produzidos ao longo dos períodos nos quais a paz governa, períodos nos quais cada capital de experiência bélica tem seu valor desviado para o fomento e o incremento do risco, do novo. Daí que a paz alimente de modo ininterrupto esta confrontação bélica (o que se nota quando do funcionamento da *logística* em seus interstícios), por mais que se tenha de levar em conta uma certa desmedida entre o risco teórico e sua *atualização* prática.

Jünger põe para rodar as correntes conservadoras e revolucionárias do combate mundial atingindo uma visão particular instigante: a imagem de uma batalha estranha, monótona na qual a produção e o dispêndio de grande quantidade de recursos e dispositivos técnicos com fins táticos desequilibram a totalidade do combate, travando a tomada de decisões por meios estratégicos. Alcança esta imagem por meio de um percurso inusitado que se inicia pela Alemanha.

* * *

Como esta nação entra no confronto mundial, por exemplo? Dispondo de um capital de experiência bélica que procede sobretudo da Guerra Franco-Germânica de 1870 – o espírito de uma tradição vitoriosa de *guerreiros* que se expressa na grande confiança, na força do choque, nos atiradores em campo aberto, na mobilidade da artilharia, no vigor da cavalaria, no ideal estratégico da batalha total de aniquilação.

Entretanto, grandes avanços técnicos despontam e se atualizam no sangue produzindo um aumento excepcional do fogo e, assim, dos meios à disposição do defensor. A potência com a qual o fogo vai se contrapondo ao movimento pode ser notada primeiramente ao longo de dois acontecimentos que estouram e transcorrem nas “margens da civilização”, responsáveis por proporcionar o vislumbre das condições transformadas nas quais se entrechocarão os exércitos europeus a partir de 1914. A Guerra dos Boers (1899-1902) tem seus espaços sacudidos desde posições de fogo invisíveis que criam

as paisagens insípidas, tediosas, frias, traiçoeiras, vazias do campo de batalha, apontando, assim, para uma dissolução progressiva e gelada das massas combatentes e para um meticuloso aproveitamento do terreno. Porém, é na Guerra Russo-Japonesa (1904-1905) que o efeito do incremento do fogo se mostra extraordinário. Nela delineiam-se, detalhadamente, as condições da guerra de posições, guerra que tem por característica própria que os soldados de ambas as frentes de batalha, encontrando-se em possessão máxima de fogo, sejam praticamente incapazes de se mover³⁰.

O que ocorre na Primeira Guerra Mundial é que se continua aumentando de maneira espectral esta desproporção, este descompasso entre um efeito modificado das armas, proporcionado pela aplicação e pela inovação técnicas de armamento e maquinário, e formas de movimento que não se adaptaram a este a efeito, logicamente não podendo ser-lhes superiores.

Três são as grandes fases desta guerra pelas quais este descompasso corre, quais sejam, uma primeira que busca em vão lograr a decisão do assalto mediante o movimento de velho estilo (que, por exemplo, o capital de experiência bélica alemão comporta); uma segunda que se traduz no domínio irrevogável, absoluto do fogo (anunciado pelas guerras dos Boers e Russo-Japonesa); e, por fim, uma terceira na qual começam a aparecer esforços tendentes a conseguir com novos meios e métodos que o movimento volte a correr. É certo que estas três fases não se sucedem cronologicamente, antes, aparecem em múltiplas variantes, combinações, hibridizações ao largo da campanha. Contudo, na frente ocidental, o cenário decisivo no qual a guerra se desenrola com todos os meios de uma “técnica de grande estilo”, um corte aparece. Os acontecimentos discorrem conforme leis rigorosas fazendo com que as três fases mencionadas surjam uma da outra de modo direto e incontestado.

³⁰ Para maiores detalhes, consultar obra do oficial, estrategista e historiador militar inglês John F. C. Fuller. Ver FULLER, John Frederick Charles, *A conduta da guerra: de 1789 aos nossos dias*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1966. Destaque para o capítulo intitulado “As origens do Armagedon” e para a seção “A última guerra de expansão”.

Assim, muito rapidamente da guerra de movimento que corresponde aos conceitos tradicionais da batalha brota a guerra de posições que, por sua vez, já começa a travar o movimento e apontar causas de sua debilidade³¹. Nela, a *força gravitacional do fogo* chega a ser tão significativa que o supremo esforço realizado por todas as partes que compõem o único corpo se esgota na conquista temporária e revertível dos mesmos pedaços de terra destruídos, dos mesmos bosques devastados, das mesmas aldeias aniquiladas, ou seja, o movimento busca objetivos cada vez mais próximos, produzindo-se sob pausas cada vez mais longas³². Voluntários, reservistas, soldados não faltam para fazer contraposição ao fogo inimigo no campo de batalha, os Estados, aliás, os possuem de sobra. Contudo, o fogo permanece, soberano, acrescido pelo turno de trabalho técnico dos Estados consideravelmente industrializados, redenção dos defensores e aposta no esmagamento do adversário via artilharia e infantaria com número e calibre das bocas de fogo e fumo aumentadas intensa e incessantemente³³. Sua performance, nunca dantes suspeitada, é a batalha de material em funcionamento.

“Renuncia-se a avançar, o que se faz é ‘expulsar a tiros o adversário de sua posição’.

A serviço desta tarefa estão os meios técnicos, tanto separados como combinados.

³¹ “Naqueles lugares nos quais os jovens regimentos de voluntários formados com os melhores homens sucumbem ao fogo das metralhadoras, como ocorre em Flandres, ou as tropas veteranas e bem treinadas, ao intentar voltar a avançar em profundidade em alguns setores da frente, permanecem cravadas já a poucos quilômetros, o que se coloca em evidência é o seguinte: a brutalidade que começa a paralisar o movimento não pode ser explicada nem por uma falta de espírito nem por uma falta de vontade, senão unicamente pela própria qualidade do movimento, que já não está à altura da incrementada força de gravitação do fogo. A este sortilégio sucumbem não só os exércitos alemães – tampouco o *élan* francês e o sangue frio inglês são capazes de ultrapassar a zona de chamas cada vez mais densa e mortal que se lhes enfrenta.”, in JÜNGER, Ernst, *Sobre el dolor seguido de la movilización total y Fuego y movimiento*, Barcelona, Tusquets Editores, 1995, p. 132. Tradução própria, assim como das passagens da obra que serão citadas daqui para frente.

³² “Assim é como a ofensiva do general Naville, nascida da vontade de movimento a todo custo, leva o exercito francês à beira do desastre. As grandes batalhas livradas em Verdun, no Somme e em Flandres desfalecem atrás de alguns minguados êxitos iniciais (...) um lento ir roendo adiante da frente, operação que causa muitas baixas.”, *idem*, p. 136.

³³ É interessante ressaltar que neste processo, a cavalaria, arma clássica do movimento de avanço e de perseguição, perde seu significado e passa a realizar tarefas que correspondem a outras classes de armas ou procura por cenários inferiores e afastados da linha de frente. Daí que numerosos oficiais de cavalaria redirecionem-se para as novas tropas de aviadores no afã de participarem de novas formas de movimento que hão de se dar com outros meios.

Neste estágio, a infantaria é uma espécie de órgão executivo da artilharia. O que nas grandes consignas se aponta é que se perdeu a fé em pôr fim à guerra com meios estratégicos. Passa-se a fazer da extensão da guerra um sistema: é preciso ‘resistir’, fazer com que o adversário se esgote, debilitá-lo nas zonas de sua vontade, o qual se intenta fazendo com que morra de fome ou acelerando o desgaste de suas reservas morais.”³⁴

Transmutar o ataque na resistência, a estratégia no sistema é um sintoma dos mais profundos da varredura dos valores e movimentos tradicionais da guerra. A acumulação de massas de material contra massas de material com exércitos no meio do turbilhão de aço, ferro e fogo simplesmente faz parecer que o sentido da estratégia tenha se tornado *fútil*. Isto ao longo dos anos de 1915, 1916 e 1917 nos quais a quantidade e a qualidade do movimento procuram depender manifestamente da quantidade e da qualidade do fogo.

No momento em que escreve, olhando para a guerra *de fora*, do exterior, a Jünger parece uma falta de lógica que beira o irracional que durante todo este período a vontade bélica tenha se utilizado de um aparato técnico tornado gigantesco quase que exclusivamente para potenciar o fogo, enquanto que o movimento tenha seguido dependendo apenas da força muscular dos homens e dos cavalos.

É claro que não se podem descartar as tentativas bem sucedidas de acionar (belicamente) e de inventar maquinário que produza movimento por terra, mar e ar, sobretudo na fase final do combate. Inclusive, é com este maquinário que se torna possível efetivar observações, reconhecimentos e transportes velozes, infringir desassossego e perigo ao inimigo além de destruições cada vez mais sutis e sensíveis sem que, contudo, se ultrapasse a natureza tática de sua aplicação: munido dele, os exércitos simplesmente não conseguem decidir a guerra, pois seus efeitos não se estendem à totalidade do confronto – não existe aperfeiçoamento técnico atrelado à potência de decisão para que se atinjam

³⁴ JÜNGER, Ernst, *Sobre el dolor...*, cit., p. 137.

estratégias terrestres, marítimas e aéreas. Este maquinário já é bastante capaz de insinuar o descompasso existente entre a força do homem e a força da máquina, descompasso no qual esta, em todas as batalhas em que faz sua aparição, demonstra ter mais tenacidade e velocidade que aquela. Mas isto não quer dizer que a estratégia tenha perdido seu valor e sua crucialidade no que tange à questão da decisão.

“A tentativa de romper com novos meios algumas posições fixas (...) é uma tentativa que na idade da máquina se repete com meios maquinais. Essa tentativa não pode modificar as leis da estratégia, que são, por assim dizer, as formas *a priori* da intuição bélica, mas brota da vontade de colocar à disposição destas leis um órgão executivo novo, o que corresponde a nosso tempo.”³⁵

O maquinário que produz fogo e movimento é um meio de expressão de um tempo outro da guerra que, por sua vez, alimenta intensamente a expressão de um tempo outro do espírito. Ele não cria a *imagem* da batalha técnica, embora seja um fenômeno pertencente a seu marco. Não somente a batalha serve-se dele de modo crescente e celerado, como permanece em seu conjunto perpassada pelo espírito que o fomenta e *mobiliza*. Em grande escala, este espírito pode ser percebido em operação na mesma ofensiva alemã de 1918, não somente significativa pela carnificina em massa que causa em poucos minutos e que se comunica imediatamente à paisagem, mas também por sua exatidão implacável – pelo novo processo das máquinas e dos motores no combate industrial em que se expressa a vontade do comandante convertida em vontade abstrata.

“Vista deste ângulo a guerra mundial aparece como um fragmento gigantesco ao qual cada um dos países industrializados prestou sua contribuição. Sua fragmentaridade consiste em que a técnica pôde certamente destruir as formas tradicionais da guerra, mas por si mesma só foi capaz de insinuar, mas não de tornar realidade, uma imagem nova da guerra. Neste processo, a guerra mundial é um reflexo de nossa vida em geral – também nesta pôde o espírito que se encontra por trás da técnica destruir os

³⁵ *Idem*, p. 139, 140.

vínculos antigos, enquanto que na construção de uma nova ordem capaz de viver por seus próprios meios, ainda não abandonou o estágio da experimentação.”³⁶

Nesta breve e veloz conclusão do ensaio salta a percepção de uma nova figura que é experimentada e potenciada na guerra pelos Estados, sobretudo industrializados, mas que ainda não efetiva sua operação ordenada. A *fragmentaridade* em processo é vista através do descompasso entre fogo e movimento no combate e através de seu duplo, o descompasso entre nova figura deflagrada pelo “espírito que se encontra por trás da técnica” e sua *preparação* plena para funcionar nas dimensões da “vida em geral”: técnica, maquinário, *trabalho* e *trabalhador* com sentido decidido e acertado, pois de acordo com as enunciações de ferro do destino.

A falta de estratégias atualizadas e prontas para as exigências do futuro do combate, para as requisições da nova *imagem* da guerra, é questão de suma importância também pensada por Jünger durante sua participação na referida Comissão de Regulamento do Ministério da Guerra da República de Weimar. Voltado para a posteridade, lá ele se concentra na invenção de novas instruções militares – certos dispositivos e movimentos concernentes aos cordões, às linhas e aos grupos de atiradores – e, não apenas topa com ideias gerais sobre este tema como, notavelmente, com a reestruturação do conceito de *guerra total*, ambos frutos de criações e argumentações desenvolvidas em revistas militares francesas por um jovem oficial chamado De Gaulle³⁷.

³⁶ *Idem*, pp. 141, 142.

³⁷ Nos anos 1920 e 1930, Charles de Gaulle retoma este conceito a partir da perspectiva militar da Defesa Nacional. No caso francês, a ênfase na necessidade de aplicação de esforços totais em tempos de paz para a fortificação permanente do território e para a constituição de um exército nacional profissional permanente tem em vista a mobilização avultante dos alemães que cada vez mais vai se desvencilhando dos termos e das exigências do Tratado de Versailles além das tendências da época de desenvolvimento e de potenciação da economia de guerra, da técnica, da indústria, dos materiais, da velocidade, da especialização, da qualidade, da virtude moral esportiva, da preparação ofensiva para acasos, contingências e surpresas de qualquer ordem. Num estudo detalhado denominado *Mobilização econômica no exterior* publicado em 1934 que tem por intuito atizar e alargar a (estreita) percepção dos franceses, De Gaulle trata do conceito de guerra total através das *mobilizações econômicas nacionais* que, desde o começo da década de 1920, se dão em três Estados, quais sejam, Estados Unidos, Itália e Bélgica. O fato de a Alemanha estar fora da

* * *

Em pouquíssimo tempo, quando o campo de percepção de Jünger se desloca e se compõe a partir da observação do combate funcionando *com* a retaguarda social na Primeira Grande Guerra, a noção de guerra total é posta para girar e, destacadamente, o problema do descompasso e de seu duplo transmuta-se na questão da maquinação entre as trincheiras e as cidades, na operação da nova figura. Este deslocamento ficará mais inteligível com o ensaio *A mobilização total* que, desde o momento de sua publicação, em 1930, torna-se bastante conhecido entre os veteranos de guerra e os jovens alemães e muito mal afamado pelo prelúdio de ranços nazistas, pelo excesso de colocações incômodas e chocantes e, ainda, consideravelmente ressentido e recalçado tal o grau de perversão de sua perspectiva.

* * *

“Talvez a peculiaridade desta grande catástrofe possa ser apontada da melhor maneira através da indicação de que nela, o gênio da guerra conseguiu atingir e permear o espírito do progresso.”³⁸ A guerra mundial, junto da “segunda rica colheita” de guerras civis que estouram, tem grande parte de seus exércitos cortados e avassalados pela força *cultural*, pela cinestética audaciosa, pela crença

seleção provoca uma considerável inquietação, haja vista sua significativa e reconhecida *armação* atinada com, palavras do militar francês, “o espírito do tempo” (aliás, é sabido que, desde 1914, a Alemanha refina o conceito de *guerra total* ao colocar em funcionamento um programa de mobilização econômica para a guerra por meio da iniciativa de Emil Rathenau). Neste artigo, os destaques recaem sobre a mobilização da indústria para a guerra em tempos de paz que se estende por todo o território norte-americano logo após o grande combate e que se efetiva por meio da cooperação baseada no lucro e no trabalho selada entre homens de negócio, oficiais técnicos, personalidades e políticos; sobre a mobilização civil fascista que, desde meados de 1923, vai enquadrando quase todos os domínios e quase todas as dimensões da atividade nacional para a preparação de guerra permanente e para a construção de uma espécie de complexo militar-industrial-acadêmico-espiritual; e, por fim, sobre a mobilização industrial e comercial belga que tenta aliar produção de guerra e incitamento à mobilização nacional, a menos expressiva dentre as três no que diz respeito à esforços e possibilidades econômicos para a presteza do combate e a colaboração administrada pelo Estado entre militares, industriais e políticos mas, mesmo assim, uma das mais interessantes em termos de tentativa de arquitetar já no período de paz uma preparação que supra a necessidade de meios e provisões em caso de confronto e que, principalmente, efetue o rendimento máximo das atividades nacionais quando dos conflitos (capitalização das hostilidades e dos eventos).

³⁸ Cf. JÜNGER, Ernst, “A mobilização total”, *cit.*, p. 191.

acrítica gozadora de autoridade efetiva sobre as massas que é o progresso, capaz de recrutar suas próprias tropas em direção à aniquilação do oponente avançando pelo turbilhão de fogo, de aço e de ferro ao encontro da glória e da morte. Neste movimento, o que realmente importa para Jünger é apontar para um processo que está sendo intensamente potenciado através desta “grande igreja do povo do século XIX”, desta “religião travestida em razão” que flui pelo combate e pela cidade: a mobilização total.

Qual é a relação entre o progresso e a mobilização total? De imediato, pode-se dizer que o progresso é o *fator de persuasão moral* mais aprimorado por meio do qual a mobilização total opera. Ele é o apelo e o fomento eficaz que torna possível a parte decisiva desta mobilização, a saber, a conquista e o recrutamento de massas gigantescas para a participação nesta guerra que, de fato, se registra como uma das mais populares que a história comporta. Guerrear pela humanidade, pela civilização, pela liberdade, pela democracia, pela constituição, pela razão, pela paz, pelos valores burgueses, pela “liberdade dos mares”, pela “libertação da Bélgica”, contra a barbárie, contra a reação, contra a monarquia – ao invés de lutar pelo povo, pela cultura, pelo romantismo, pelo idealismo, pelos valores tradicionais, por exemplo –, é o que conta para assegurar ao engajamento do homem, da máquina, da técnica e do trabalho o último grau de *fé* e a produção mais refinada de *vontade* que os esforços para a mobilização total exigem³⁹.

Os esforços que aqui estão em jogo são extremamente consideráveis e já foram introduzidos na *Démarche*. Porém, antes de tratar novamente dos mesmos, o retorno detido àqueles da chamada mobilização parcial das monarquias mostra-se interessante para que então se sobressaltem as diferenças. Nela, a relação entre as coroas e os exércitos no que diz respeito ao combate restringe-se à sua preparação por gabinetes conservadores e à sua condução efetuada por

³⁹ Instigando: “(...) esforços nos quais se imprime a marca da falta de finalidade – aí, justamente, é que nós não conseguimos nos arranjar com as explicações econômicas, mesmo que elas pareçam tão lógicas. Isso também é razão pela qual a escola do materialismo histórico é capaz de tocar apenas na superfície do processo. Em se tratando de esforços deste tipo, a primeira suspeita tem de ser dirigida, muito antes, a um fenômeno de ordem cultural.”, *idem*, p. 200.

guerreiros e profissionais de modo distanciado e mesmo desconhecido da representação popular. Existe, por parte dos Estados, um certo cálculo estimativo de armamentos e custos limitados exigidos pelas guerras que, por sua vez, são encaradas como situações tacitamente extraordinárias. Aqui predomina uma razão de Estado particular cujos princípios centram-se no descrédito diante da representação popular e numa espécie de desistência do progresso e do aperfeiçoamento do aparato bélico, pois é nos voluntários entusiasmados para a luta empunhando os melhoramentos da artilharia que, certamente, se oculta um ataque fatal ao poder monárquico. Daí os reis preferirem terem seus tesouros tomados e serem derrotados em suas guerras para garantir o domínio das formas da monarquia, já que sua autêntica pedra-de-toque está em saber perder, e não na medida de júbilo que lhe é dispensada⁴⁰.

A mobilização total de uma nova figura que se experimenta e que vai se estruturando numa guerra total mundial requer esforços que concernem à crescente conversão da *vida* em energias *potencial e cinética*, à crescente transformação dos conteúdos de todos os vínculos, de todas as comunicações, de todas as relações em prol do acionamento, da fugacidade e da mobilidade⁴¹. Destruição da exigência da defesa armada efetuada exclusivamente por profissionais por conta da necessidade de voluntários e reservistas em massa, aniquilamento da casta guerreira, aumento extraordinário das despesas exigidas pelo combate, incremento e manutenção de maquinário que impõe a captação de crédito ilimitado dos Estados fazem parte da criação e da implementação de uma *economia social de guerra na qual guerra e trabalho se acoplam e se potenciam*. É a diferença maquinando:

⁴⁰ “A mobilização parcial corresponde (...) à essência da monarquia, que vai além de suas fronteiras na mesma proporção em que é forçada a fazer participar da armação bélica as formas abstratas do espírito, do dinheiro, do povo, em suma, os poderes da democracia que avulta. Olhando para trás, hoje nos é permitido dizer que a plena desistência dessa participação era, decerto, impossível. A maneira de sua integração ao Estado descreve o âmago da arte da política do século XIX.”, *idem*, p. 194.

⁴¹ Esforços que em alguns países, quando da eclosão da guerra, ainda permanecem associados às coroas e à sua arte política. Porém, ao longo do conflito, estas coroas vão tendo seu domínio completamente destruído em benefício do correr da mobilização total. Vide, por exemplo, o que acontece com o império Austro-Húngaro, a monarquia absoluta czarista e com as coroas alemã, prussiana e turca.

“(…) a imagem da guerra como um negócio armado, cada vez mais, deságua na imagem amplificada de um gigantesco processo de trabalho. Ao lado dos exércitos que se entrecrocavam no campo de batalha, surgem os novos tipos de exércitos: o do trânsito, o da alimentação, o da indústria armamentista – o exército do trabalho em geral. Na última fase, que já se insinuava por volta do fim desta última guerra, não ocorreu mais nenhum movimento – mesmo o de uma dona-de-casa junto à sua máquina de costura – no qual não residisse ao menos uma função mediatamente bélica. Nessa captação absoluta de energia potencial, que transformou os Estados industriais beligerantes em vulcânicas oficinas siderúrgicas, anuncia-se, talvez de modo mais evidente, o despontar da era do trabalho – essa captação faz da guerra mundial um fenômeno histórico cujo significado é muito mais importante que o da Revolução Francesa. Para desdobrar energias de tal grandeza, não basta mais armar o braço que carrega a espada, é preciso uma armação até a medula, até o mais fino nervo da vida. Realizá-la é a tarefa da mobilização total, de uma ação através da qual a rede elétrica da vida moderna, amplamente ramificada e cheia de dutos, é canalizada, por meio de uma única chave na caixa de luz, para a corrente da energia bélica.”⁴²

No início da Primeira Grande Guerra, a mobilização total pode ser tida como um processo menor, como uma leve insinuação de algo que, contudo, vai se intensificando e se amplificando ao longo do desdobrar do combate⁴³. Da pulsão lúdica, do forte engajamento das variações relacionais na guerra, segue o desencadeamento de uma vida marcada pelas disciplina e lógica rigorosas – racionamento planejado das matérias-primas e dos gêneros de abastecimento, transmutação das relações de trabalho em relações “mediatamente bélicas”, serviço civil obrigatório incrementado, armação militar dos navios mercantes, ampliação das competências dos Estados associada à restrição das liberdades e dos direitos e ao entrelaçamento das chefias administrativa, política e militar, cooperação dinâmica entre indústria, técnica e poder, engajamento das massas na economia social de guerra, indistinção entre execução de atividades civis e militares, aperfeiçoamento da logística. “Aqui não

⁴² JÜNGER, Ernst, “A mobilização total”, *cit.*, pp. 195, 196.

⁴³ Isto pode ser visto nas imagens dos quatro volumes de Júlio de Mesquita que tratam dos quatro anos de luta. Consultar MESQUITA, Julio de, *A guerra (1914-1918)*, 4v., São Paulo, O Estado de São Paulo; Editora Terceiro Nome, 2002.

há átomo algum que *não* esteja trabalhando, átomo algum que não esteja dedicado, no nível mais profundo, a este processo furioso⁴⁴: cada existência individual torna-se a existência de um *trabalhador* mergulhada num processo avassalador de potencialização do trabalho e de canalização das energias voltadas para a armação bélica da vida⁴⁵.

“*Prontidão para a mobilização total*” é a expressão crucial que Jünger utiliza para dar conta desta maquinação entre a guerra e o (restante do) social. Ela é operatória em dois momentos complementares: primeiramente, durante o confronto, com o acionamento potencial da matéria e do espírito dos Estados para esta guerra, especificamente, através do progresso tecnológico e, principalmente, através do progresso civilizacional enquanto força cultural; e, ainda, quando da instauração do armistício, com o alcance das últimas possibilidades da conversão da vida em energia já que a *imagem* do advento da guerra total passa a estar previamente incrustada, previamente *preparada e pronta para entrar em ação* nas produções do ordenamento do estado de “paz”. Aqui muitos Estados – os industrializados, aqueles que a guerra arrasa por conta dos resquícios monárquicos, os longínquos, os inimagináveis – mostram saber do que se trata: de *uma figura cunhada a partir do acoplamento entre trabalho e guerra totais* numa época cujo elemento fundamental é a *pronta indistinção e fragmentação* engatada pelo embate mundial⁴⁶.

⁴⁴ Cf. JÜNGER, Ernst, “A mobilização total”, *cit.*, p. 198.

⁴⁵ “(...) às guerras dos nobres, dos reis, e dos cidadãos, seguem-se as guerras dos *trabalhadores* – guerras de cuja estrutura racional e de cuja impiedade o primeiro grande conflito do século XX já nos deu uma noção.”, *idem*, p. 198.

⁴⁶ “O velho carrilhão do Kremlin está adaptado à melodia da Internacional. Em Constantinopla, os alunos das escolas soletram a escrita latina em vez dos velhos arabescos do Alcorão. Em Nápoles e Palermo, os policiais fascistas coordenam o tumulto da vida meridional segundo os princípios fundamentais do moderno código de trânsito. Nos países mais distantes do mundo e ainda quase lendários, são inaugurados prédios que abrigam parlamentos. Cresce ininterruptamente o caráter abstrato e, portanto, também a crueldade de todas as relações humanas. (...) No fascismo, no bolchevismo, no americanismo, no sionismo, nos movimentos pela independência dos países de cor, o progresso prepara avanços que, até então, seriam impensáveis; ele se transforma como que para continuar seu movimento sobre um plano muito mais simples (...). Ele começa a submeter a si os povos em formas que já não são mais muito distintas das de um regime absoluto, para não falar da pequeníssima medida de liberdade e de conforto. Em muitos locais, a máscara humanitária já está por cair e, em seu lugar, surge um fetichismo da máquina, meio grotesco, meio bárbaro, um

A mobilização total está atrelada a uma mobilização superior que o espírito em consonância com o destino encaminha para frente. Nada melhor para confirmar esta tese que o modo como forças contrárias a esta guerra se movimentam no cenário da mobilização, tais como o pacifismo, os confrontos civis, as teorias de emancipação social: “É como se as forças que não puderam ser captadas para a guerra também exigissem, agora, sua participação no engajamento sangrento”⁴⁷. O exemplo que Jünger ressalta é aquele do pintor francês declaradamente pacifista Henri Barbusse, voluntário de guerra que enxerga na afirmação e no aprofundamento *deste* combate a única possibilidade, o único caminho de efetivação do progresso, da civilização, da humanidade, da liberdade, da própria paz no mundo em detrimento aos desígnios, poderes e potencialidades alemãs⁴⁸.

“Por mais complicada que possa parecer esta dialética, seu resultado é inelutável. (...) Barbusse é um guerreiro como qualquer outro, um guerreiro do humanitarismo; e o humanitarismo não pode prescindir nem do tiro de barragem, nem dos ataques de gás, nem tampouco da guilhotina, do mesmo modo que a Igreja cristã não pôde prescindir da espada do braço secular. Certamente, um H. Barbusse tinha de viver na França para se encontrar mobilizado numa tal proporção.”⁴⁹

Os Barbusses alemães vencem esta guerra quando, com a derrota da Alemanha, conquistam os valores da *civilisation* para seu Estado e sua sociedade. Mas e se a mobilização deveras parcial da Alemanha ainda não conseguiu atinar com as potencialidades da mobilização superior? O que significa jovens alemães nos campos de batalha da Primeira Grande Guerra lutarem pela Alemanha, pela

culto ingênuo da técnica – justamente em lugares onde não estão disponíveis de modo imediato, produtivo, as energias dinâmicas de cuja destruidora marcha triunfal as peças de artilharia de longa distância e as esquadras militares armadas com bombas são apenas a expressão bélica. (...) Em particular o socialismo e o materialismo são as duas grandes moedas entre as quais o progresso tritura o resto do velho mundo e, por fim, a si mesmo.”, *ibidem*, pp. 212, 213. Jünger chega a sugerir nas entrelinhas que estas duas moedas constituem a *estratégia social* de mobilização total encabeçada respectivamente pelos russos e pelos americanos. Mas pára por aqui.

⁴⁷ Cf. JÜNGER, Ernst, “A mobilização total”, *cit.*, pp. 207, 208.

⁴⁸ A finalidade de seu avanço empunhando o fuzil oferecido pelo Estado em direção à barreira de artilharia da batalha de armamento pesado : “a guerra tem de ser assassinada no ventre alemão”.

⁴⁹ JÜNGER, Ernst, “La movilización total”, *in Sobre el dolor...*, *cit.*, p. 114.

morte, pelo clamor das armas, por valores extemporâneos? Segundo Jünger, significa perder esta guerra de cabeça erguida, apostando em uma mobilização ainda mais potente, ainda mais poderosa, ainda mais aguerrida, ainda mais dominadora que aquela efetivada com o progresso, a saber, aquela angariada pelo Alemão⁵⁰.

* * *

O Trabalhador: domínio e figura, longo ensaio publicado em 1932, é um dos escritos mais conhecidos e reeditados de Jünger⁵¹. Quando de sua aparição enquanto “contribuição à crítica do tempo” e esclarecimento inusitado e ousado da tomada (positiva) do universo pela técnica, Julien Hervier, um dos principais tradutores de parte significativa da vastíssima obra de Jünger para a língua francesa⁵², comenta que o fato imperante só pode exprimir-se através da palavra *desorientação*:

“(…) a recepção crítica é decepcionante. Todos ficam desorientados. Os tradicionais partidários da ‘Revolução conservadora’ aí enxergam uma obra bolchevique enquanto que os marxistas a condenam ao compreenderem-na como uma mistificação burguesa que camufla a luta de classes. Do lado nazista, a recepção é ainda mais hostil: Thilo

⁵⁰ Esta aposta foi definitivamente suprimida da versão final de *A mobilização total* das *Obras Completas* de Jünger, como explicado em 1995 para Sánchez Pascual numa carta-prólogo à edição espanhola do ensaio. Já que se trata de expor “com pureza” o assunto da mobilização, Jünger resolve descartar tudo aquilo que se refere às circunstâncias existentes na Alemanha quando do pós-guerra, aquilo que, ao invés de se chamar aposta histórica, ele designa por acidental. Em 1980, esta escolha se manifesta: “Quase cinqüenta anos após o aparecimento do escrito e, desde então, ocupado com outras questões, agora eu o revisei de modo definitivo. Revisei-o muitas vezes no correr das décadas, pois, com freqüência, ele foi reimpresso. As provas deviam livrar o núcleo substancial das circunstâncias acidentais. (...) Manifestamente, algo fundamental foi avistado naquela ocasião. Face a isso, a situação particular do entre-guerras torna-se secundária, em especial a de um jovem alemão que experimentara esforços mortíferos e passara pelo Tratado de Versaillles. Isso não muda nada o seu significado *histórico*, para o qual permanece válida a primeira impressão.”, in JÜNGER, Ernst, “A mobilização total”, *cit.*, p. 142.

⁵¹ Junto de *Tempestades de Aço*, certamente o mais ilustre e reeditado, e de, em terceiro lugar, *Nos penhascos de mármore*, publicado em 1939, livro altamente polêmico que coloca o nazismo e, em linhas gerais, os totalitarismos em questão *na literatura*.

⁵² Hervier também é responsável pela introdução e publicação da obra de Jünger na França conjuntamente a Henri Plard e Alain de Benoist. Em 1978, escreveu reconhecida tese sobre o pensamento do autor intitulada *Deux individus contre l'histoire: Drieu la Rochelle et Ernst Jünger*, reeditada em 1990 e em 2010.

Von Throta escreve em outubro de 1932 no *Völkischer Beobachter*, o jornal do partido, que, doravante, o autor se arrisca 'pela zona das balas na cabeça'. Mesmo um espírito da qualidade de Spengler indigna-se em nome dos valores do campesinato diante de uma visão do mundo que apenas reserva espaço à tecnologia. Somente os grandes, como Gottfried Benn e Martin Heidegger⁵³, ou os teóricos próximos do pensamento de Jünger, como Ernst Niekisch, reconhecem o valor e a originalidade da obra.⁵⁴

Jünger se desviará por alguns anos desta criação concomitantemente limite e ingrata que logo de início vem a suscitar reações tão desconcertantes⁵⁵. Mas qual afinal a razão da desorientação, do desconcerto?

Neste ensaio, ele sonda as vanguardas de um novo poder terreno expresso na *figura do trabalhador*. Seu núcleo imutável e inabalável explicita-se na concepção e no *tornar visível* desta figura enquanto grandeza atuante operando em uma *nova realidade*. No prefácio da edição original, edição que aliás atinge uma gama muito mais extensa de leitores que não os habituais intelectuais revolucionários conservadores e afiliados aos numerosos jornais de direita, Jünger aponta qual é exatamente um dos desígnios mais caros do que se seguirá: “Se apenas se conseguiu tornar visível uma barbatana do Leviatã, tanto mais avança o leitor para descobertas próprias, quando é atribuído à figura do trabalhador não um elemento de pobreza, mas de plenitude”⁵⁶.

⁵³ Heidegger interessou-se bastante cedo por este ensaio e por *A mobilização total*. Além de seminários que versam sobre temas tais como técnica, mobilização, ser, niilismo, produziu um dossiê repleto de anotações e de comentários sobre *O Trabalhador*. Ver HEIDEGGER, Martin, *Gesamtausgabe: IV. Abteilung: Hinweise und Aufzeichnung: Band 90: zu Ernst Jünger*, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 2004.

⁵⁴ HERVIER, Julien, “Avertissement”, in JÜNGER, Ernst, *Maxima-Minima: notes complémentaires pour Le Travailleur*, Paris, Christian Bourgois Éditeur, 1992, pp. I, II. Tradução própria. No final desta citação, poder-se-ia incluir seu próprio irmão, Friedrich Georg Jünger que, em 1946, efetua uma confrontação com e sobre a técnica em uma de suas principais obras intitulada *Die Perfektion der Technik* (A Perfeição da Técnica) que, para Jünger, deve ser tida como o negativo de uma fotografia da nova situação cujo positivo arma-se em *O Trabalhador*.

⁵⁵ Afora revisões para reedição nos anos 1940, Jünger se defrontará diretamente com a obra em 1964, quando da composição das notas complementares e da aparição prevista de *O Trabalhador* na primeira versão de suas *Obras Completas* que data de 1965.

⁵⁶ Cf. JÜNGER, Ernst, *O Trabalhador: domínio e figura*, Lisboa, Hugin Editores Lda., 2000, p. 45.

Os principais filamentos desta barbatana do Leviatã compõem-se de temas cruciais tais como o domínio *aparente* da burguesia, o cunho da nova figura do trabalhador, o corte Primeira Guerra Mundial, o trabalho como necessidade e liberdade, o domínio desta nova figura enquanto legitimação da vontade de potência, o trabalho como princípio, modo de vida e estilo, a raça e o tipo do trabalhador, a técnica como mobilização (total) do mundo pela figura do trabalhador, a efetuação artística da configuração orgânica mundial via mobilização total e, por fim, o prenúncio de um Estado Universal guiado pela nova figura.

* * *

Ao longo desta seção é bastante interessante experimentar não perder de vista uma colocação do sociólogo norte-americano Jeffrey Herf que consta na obra *O Modernismo Reacionário*. Ao final de um capítulo que trata do *realismo mágico* do pensamento de Jünger, Herf define-o, de modo mordaz, integralmente, enquanto um *fazedor de mitos* e não um analista social⁵⁷. Seguindo seriamente o rastro desta colocação, topa-se com algo de inusitado particularmente no ensaio que aqui está em questão, a saber, o fato de, nele, Jünger fundir pensamento analítico e pensamento mítico e, desta fusão, resultar a produção de uma espécie de *mais-valia histórica* schmittiana, o mito do trabalhador e da técnica⁵⁸.

* * *

“Olhando para mais de um século de história alemã, podemos admitir com orgulho que fomos maus burgueses.”⁵⁹ Com esta frase, inicia-se o ensaio e a

⁵⁷ Consultar HERF, Jeffrey, “O realismo mágico de Ernst Jünger”, in *O modernismo reacionário...*, cit., p. 123.

⁵⁸ Para mais informações sobre a noção de mais-valia histórica, ver SCHMITT, Carl, *Hamlet ou Hécube. L'irruption du temps dans le jeu*, Paris, L'Arche, 1992.

⁵⁹ Cf. JÜNGER, Ernst, *O Trabalhador...*, cit., p. 49.

ultrapassagem do jogo da era burguesa⁶⁰. É sobretudo no século XIX que se interpreta e se *mistifica* o trabalhador como representante de um novo estado, como portador de uma nova sociedade e como um órgão da economia. Não, Jünger assegura, o alemão nunca foi um bom burguês, e sempre o foi menos onde é mais forte: na ordem. Ordem significa estar preparado para a palavra, para o comando, reconhecendo em ambos o reflexo robusto da liberdade – guerrear, trabalhar, governar sabendo-se que *domínio* e serviço são um e o mesmo. Daí que tanto a liberdade como a ordem relacionem-se não com a sociedade, mas com o *Estado*, e que o modelo de cada organização seja o *militar* e não o contrato social. Não há regresso. Na Alemanha, o novo domínio salta diante dos olhos daqueles que percebem no *trabalho* uma nova consciência da liberdade e da responsabilidade.

Esta consciência opera no trabalhador, *forma* da inexorável oposição a todas as valorações e valorizações burguesas. De fato, a recordação do “matrimônio sangrento da burguesia com o poder” ou, em outras palavras, a memória da Revolução Francesa, é a fonte da qual se alimentaram e se orientaram seus primeiros movimentos. Contudo, o que acaba por aparecer ao menos na Alemanha é que por todo lado onde se acreditava finamente na efetuação de um trabalho revolucionário, na verdade, teatralizava-se a rebelião, já que as autênticas transformações iam sendo cumpridas sem serem vistas, de modo oculto, sob as cortinas ardentes das batalhas, nos ataques⁶¹.

Entre o burguês e o trabalhador existe uma diferença de plano. Este está imerso em uma relação com potências elementares de cuja mera presença aquele

⁶⁰ A era burguesa é entendida aqui como uma era histórica marcada pela compreensão do homem enquanto cidadão determinado por uma racionalidade abstrata e igualitária num *cosmos*, por sua vez, determinadamente econômico.

⁶¹ “(...) [O burguês] recusa a mais elevada fundamentação da guerra, o ataque, porque muito bem sente que esta não lhe é adequada, e onde, mesmo que seja pela mais manifesta utilidade própria, chamou pela ajuda dos soldados, ou se vestiu ele mesmo como soldado, nunca renunciará ao julgamento de que tal acontece para a defesa, se possível para a defesa da humanidade. O burguês só conhece a guerra de defesa, isto é, não conhece em geral a guerra, já porque está excluído, segundo a sua essência, de todos os elementos bélicos. No entanto, por outro lado, é incapaz de evitar a sua penetração nas suas ordens, porque todas as valorizações que tem para lhes contrapor são de uma dignidade menor.”, in JÜNGER, Ernst, *O Trabalhador...*, *cit.*, pp. 55, 56.

nem sequer suspeita. Se assim o fizesse, temeria. O trabalhador é capaz de experimentar e de enfrentar uma liberdade totalmente diferente da liberdade burguesa, pois suas reivindicações, ao estar *preparado*, são muito mais abrangentes, significativas, temerárias que as de um estado, de uma classe particular, imersos em um ordenamento pautado pela estratificação sócio-econômico-política moderna. Ele não se encaixa nas conceituações da sociedade cujo sentido implica na negação do Estado como supremo meio de poder, quanto menos nas lendas que narram sua qualidade fundamental como uma qualidade econômica.

Aquilo que ele tem de ver para imediatamente rechaçar é a presença de uma *ditadura do pensar econômico em si*, cujo âmbito abrange e limita nas suas medidas qualquer outra ditadura possível. No interior deste mundo não há nenhum movimento que não remexa o turvo lodo dos interesses, nenhuma posição a partir da qual a ruptura aconteça, pois é a economia em si, a percepção e a edificação econômica do mundo, que constitui o ponto central de um *cosmos* a partir do qual tudo irradia, de um “espírito” que provê e que dispõe a cada uma de suas partes sua gravitação – em poucas palavras, este mundo, econômico, determina a *vida* como um *poder de destino*.

Aqui não se trata de neutralidade econômica, nem sequer de afastamento de todos os combates econômicos, longe do pensamento de Jünger. Do contrário, trata-se de que os mesmos sejam acionados e de que se lhes impinja *suprema intensidade*. Entretanto, isto não ocorre na medida em que a economia determine as regras do jogo, mas, antes, na medida em que uma lei superior de combate impere sobre a mesma. Um mundo mais rico em sua pobreza, mais profundo em sua aparência, mais frutífero em sua escassez mostra-se em sua potência. Para que seja construído, não é minimamente suficiente um confronto de libertação cuja consciência se alimente da questão da exploração num jogo insano entre explorador e explorado, senhor e escravo. Tudo depende primeiramente de o trabalhador reconhecer a sua supremacia e de que sejam criados, a partir e por meio dela, os padrões próprios de um domínio futuro.

O trabalhador deve declarar sua independência relativamente ao mundo econômico. Tal não significa, como já dito, simplesmente renunciar a este mundo, mas subordiná-lo a uma reivindicação de domínio de um tipo mais abrangente que descarte o econômico como eixo crucial da revolução. Tal robustecerá o ímpeto dos meios, meios do autêntico *administrador* deste mundo, do *trabalhador guerreiro* que dispõe tanto mais seguramente das riquezas quanto mais as souber desprezar. Pertence às características deste novo tempo que nele a sociedade burguesa, quer apresente o seu conceito de liberdade na massa, quer no indivíduo, esteja condenada à morte. Daí a importância da diferenciação entre o trabalhador como poder emergente no qual repousa o destino da terra e os farrapos com os quais o burguês traja este poder. Esta é a diferença que maquina entre a ascensão e o declínio, que transmuta a fé na ascensão do trabalhador em uma nova elevação da Alemanha e de todos os cantos e recantos do planeta.

“Eternamente se faria assim uma cópia seguir à outra, eternamente se alimentaria o curso da máquina através da invenção de novas oposições se o trabalhador não concebesse que ele não está numa relação de oposição a esta sociedade, mas de alteridade. (...) Só neste instante é que ele declara o combate de vida ou de morte. Então, do singular, que no fundo não é mais que um empregado, surge um guerreiro, da massa surge o exército, e a colocação de uma nova ordem de comando surge no lugar da alteração do contrato social. Isto afasta o trabalhador da esfera das negociações, da compaixão, da literatura⁶² e ergue-o à esfera da ação, transforma os seus vínculos jurídicos em militares – isto é, ele possuirá guias, em vez de defensores.”⁶³

Alteridade para com a cunhagem das valorizações burguesas e suas utopias sociais e humanitárias pressupõe que o trabalhador se conceba em uma outra forma e que se expresse nos seus movimentos não mais um reflexo da consciência burguesa, mas uma autoconsciência que lhe seja devida. Ora, a questão que então surge é sondar e vislumbrar se na *figura do trabalhador* não se

⁶² “O muito lamentado declínio da literatura não significa outra coisa senão que um questionamento literário envelhecido perdeu a sua dignidade.”, *idem*, p. 149.

⁶³ *Idem*, p. 60

desvenda muito mais do que até agora se (pre)julgou que o trabalhador portasse e representasse.

* * *

À era burguesa não é possível nem desejável enxergar o trabalhador numa hierarquia determinada pelas figuras e por suas articulações, pois não lhe está dada uma relação genuína e substancial ao mundo que elas fomentam, à totalidade. Pelo contrário, tudo nesta era se derrete em ideias, conceitos, fenômenos, *Europe*, em um espaço fluído cujos dois pólos consubstanciam-se na razão e na sensibilidade, em um descorado verniz de um “espírito” cuja fúria é o eterno tornar-se senhor de si mesmo. Daí que a melhor resposta a esta alta traição contra a vida seja a alta traição do espírito contra o “espírito”. E pertence ao grande e cruel prazer de Jünger participar deste trabalho de explosão com seus escritos.

O burguês não pertence ao palco das figuras. Por isso, o tempo devora-o, sem concessões. Sua culpa de guerra exprime-se em sua incapacidade de realmente conduzir a guerra no sentido de uma mobilização total, e de, assim, a perder substancialmente e ver declinada sua mais elevada liberdade. O que diferencia o burguês do soldado da frente de batalha é que, igualmente no combate, ele procura entrever qualquer oportunidade para a negociação, a mediação e o lucro enquanto que a campanha significa, por exemplo, para o soldado alemão do fronte, um espaço no qual se trata de morrer, ou melhor, de *viver* de modo outro tal que a figura de um *Império*, já anunciada por elevados espíritos no século XIX, seja confirmada, Império que, mesmo que o corpo seja levado juntamente da *dor*, pertence à convicção.

A vitória da Europa e de sua *civilisation* na guerra mundial auxilia o burguês a mais uma vez possibilitar e potenciar um daqueles espaços artificializados através dos quais a figura e o destino significam pura e simplesmente o sem sentido e o irracional. É o mistério da derrota alemã que a continuidade de um tal

espaço tenha sido o mais silencioso ideal de permanência do burguês. Porém, o ato por meio do qual o trabalhador consegue sacudir e lançar para os ares este espaço consiste precisamente em ele reconhecer-se como figura e dentro de uma hierarquia de figuras⁶⁴. Eis que nesta ação se fundamenta a justificação mais veemente para o combate pelo Estado que, por sua vez, não se tem de referir a uma nova e revigorada interpretação do contrato social, mas a um destino.

Uma determinada consideração do trabalhador adequada à figura pode atrelar-se a dois fenômenos a partir dos quais o pensamento burguês abarcou o conceito “trabalhador”, quais sejam, o singular e a comunidade, representações que o século XIX possui do homem. Por meio dela, ambos transmutam seu significado e uma nova imagem deste ser é posta para funcionar. O singular, sob auspícios heróicos, aparece como o soldado desconhecido que é aniquilado nos campos de trabalho e como, precisamente por isso, o senhor e ordenador do mundo, *tipo* que domina na posse de uma onipotência nunca dantes tão obscuramente suspeitada. Este soldado-trabalhador-senhor pertence soberana e soberbamente à figura do trabalhador e é esta condição que une guerra, trabalho e domínio o mais profundamente onde se medem uns aos outros no combate mortal. Já a comunidade surge como sofredora, haja vista o ímpeto da *obra* que suporta, e como a unidade fundamental cujo sentido é totalmente dependente do perseverar ou do vir abaixo exatamente desta obra. É por este motivo que se torna imprescindível tratar da ordem na qual esta obra tem de ser servida e governada enquanto que sua própria necessidade esteja, mais uma vez, reservada ao destino e, sendo assim, encontre-se muito além dos questionamentos e problematizações tão-somente humanos.

⁶⁴ Diante da hierarquia das figuras, o próprio singular transmuta-se em alegoria, em cunho e o sentido de sua vida depende da medida em que é envolvido e tomado pelo ordenamento e pela luta que elas travam. É assim que ele descobre sua determinação, seu destino, e torna-se capaz do sacrifício que ganha no sangue sua expressão mais significativa. A partir desta atitude e desta vontade, que não são realizáveis nem para o idealismo nem para o materialismo, mas que têm de ser referidas a um *realismo heróico*, é que se dá a dimensão mais extrema da força de ataque de que se dispõe e de que se necessita. Cf. JÜNGER, Ernst, *O Trabalhador...*, cit., pp. 67, 68.

A tarefa a ser executada é perscrutar a figura do trabalhador em um plano a partir do qual tanto o singular quanto a comunidade devam ser concebidos como alegorias, como representantes⁶⁵. A unidade íntima de ambos mostra-se na medida em que a *vontade de ditadura total* ou *vontade de permanência econômica* é reconhecida no espelho de uma nova ordem como *vontade de mobilização total*. É a partir desta guinada de plano que a percepção do progresso é finalmente ampliada. Enfim, torna-se inteligível que ao progresso *per se* falta relação às forças originárias, ao sentido, o que faz com que sua dinâmica se funde no curso temporal do movimento. Esta é a razão pela qual suas elucubrações, suas conclusões, certamente persuasivas, estejam todavia condenadas, como que por um cálculo diabólico, a desembocar no *niilismo*.

Contudo, da mesma maneira que se pode constatar que o Iluminismo é mais profundo que o iluminismo burguês, o progresso igualmente não se mostra sem pano de fundo. Existe uma voracidade nas proezas técnicas, no início do domínio ilimitado do mundo, que possui uma suspeita da mais misteriosa *vontade de potência* para a qual conhecimento, técnica, guerra, trabalho, trabalhador são *armações* para lutas e rebeliões insuspeitadas, desmedidas.

Eis que o prolongamento de um trajeto que parecia conduzir à comodidade e à segurança entra doravante na zona do perigoso. Este é o contexto. Neste sentido, o trabalhador, para além do pormenor que o progresso lhe assinalou, surge como o portador da substância heróica fundamental que implica uma nova vida. É no operar desta substância que o trabalhador é, está à frente e faz jus a sua existência. Tudo que fará com que, nas lendas e mitos dos séculos longínquos, este novo tempo que se anuncia apareça dominado por uma estirpe

⁶⁵ Apesar de a figura do trabalhador repousar mais profunda e estavelmente no ser do que nas dimensões alegóricas, representativas, histórico-materiais que se traduzem nas feições em mutação de um rosto cujo caráter fundamental permanece inalterável. Cf. JÜNGER, Ernst, *O Trabalhador...*, cit., p. 73.

de feiticeiros poderosos, pertence a esta substância – à figura do trabalhador. Certamente, neste processo, sacrifícios rigorosos, enérgicos farão sua exigência⁶⁶.

* * *

O burguês nunca se sente impelido a procurar o destino de livre e espontânea vontade no combate e no perigo, pois o elementar repousa além de seu enquadramento – é o irracional, o non-sense, o imoral. O trabalhador, por sua vez, tem aversão a este culto à “razão” que abomina tanto o destino quanto o perigo ao pregar este como erro e como algo que escapa à alçada do racional e aquele como ameaça a uma segurança e a um conforto detidamente perseguidos e rigidamente impulsionados pela técnica e pela economia. Porém o destino, através do próprio perigo, do infortúnio, assim como do milagre, inclui prontamente em uma ordem regente mais poderosa cujo sentido de intervenção é longamente conhecido na tragédia (aliás, Jünger, como que cochichando no ouvido do trabalhador, lembra-lhe neste instante que não é à toa que os deuses têm predileção por manifestarem-se nos elementos e no elementar).

É a guerra mundial que definitivamente arrasa este tempo burguês *romântico*. A realidade deste combate exige outras reservas. Aqui existe uma diferença entre dois mundos, entre duas eras e não apenas entre dois grupos de nações, quando vencedores e vencidos são escalonados de acordo com, respectivamente, a pertença ao espaço elementar ou ao espaço romântico, a temporalidade do trabalhador ou a temporalidade do burguês.

Após o armistício, que apenas põe termo a este confronto, pois, de fato, cerca e mina toda a Europa e alhures com inteiras teias e ramificações de novos conflitos, cunha-se um estado em que a *catástrofe* aparece como o *a priori* de um pensamento modificado e em que o perigoso e o *extraordinário* passam a imprimir

⁶⁶ “(...) sacrifícios tais como ainda não exigiu nenhuma Inquisição nem nenhum Moloch, e cujo número se multiplica a cada passo com uma segurança mortal – como poderia aqui um olhar que realmente quer ver furtar-se à visão de que atrás do véu da causa e efeito, que se agita sob os combates do dia, operam o destino e a veneração?”, *idem*, p. 75.

sua marca. O sublime casamento da vida com a tragédia. Nem o espírito do progresso, nem os esforços de uma camada dirigente que estremece diante da decisão, quanto menos o aumento e o aperfeiçoamento dos meios são capazes de evitar a entrada do conflito, se possível homem contra homem, no novo jogo. Neste, não se deve deixar de reconhecer que é ao trabalhador que está atribuída a posição decisiva⁶⁷.

* * *

Ser *não unicamente* material, mas, ao mesmo tempo, portador do destino; conceber a vida não apenas como campo do necessário, porém, igualmente, da liberdade: eis a caracterização do realismo heróico e a aceitação de ser tragado pelo extraordinário; eis a marca que o trabalhador carrega. Seguindo esta lógica ou razão outra, nada mais elucidativo que, no interior de um mundo no qual o trabalhador possui o sentido de um *cunho de dignidade* e o trabalho é concebido como a sua mais íntima necessidade, a liberdade se apresente precisamente como a expressão desta necessidade e, assim, que qualquer reivindicação de liberdade se mostre como uma reivindicação de trabalho.

“Só quando vem à luz a reivindicação de liberdade nesta acepção se pode falar de um domínio, de uma era do trabalhador. Pois não se trata de uma nova camada social ou política tomar o poder, mas de uma nova humanidade, igual a todas as grandes figuras históricas, encher com pleno sentido o espaço do poder. (...) assim a vida do trabalhador é ou autónoma, expressão de si mesma e, assim, domínio, ou não é nada senão o desejo de participação em direitos poeirentos, na fruição, tornada insípida, de um tempo que passou.”⁶⁸

Para que isto possa ser concebido, uma compreensão outra de trabalho pautada na alteridade tem de efetivar-se. Primeiramente, em pouquíssimas palavras, deve-se ter em conta que em uma era do trabalhador *nada* pode existir

⁶⁷ “Da terra despedaçada pelo fogo e embebida em sangue surgem espíritos que não se deixam encantar com o silêncio dos canhões; em vez disso, influenciam de um modo estranho todas as valorizações existentes e dão-lhes um sentido modificado.”, *ibidem*, p. 83.

⁶⁸ *ibidem*, p. 90.

que não seja concebido como trabalho: “O trabalho é o ritmo do punho, dos pensamentos, do coração, a vida de dia e de noite, a ciência, o amor, a arte, a fé, o culto, a guerra; o trabalho é a oscilação do átomo e a força que move as estrelas e os sistemas solares”⁶⁹.

E tal é a reivindicação de sentido e de legitimação da vontade de potência nesta era: ser trabalhador. Isto quer dizer ser representante de uma grande figura que irradia e avassala a história, tomar parte em uma *nova humanidade* destinada ao domínio pelo destino e sentir operar a consciência de uma nova liberdade tanto no espaço-tempo do pensar quanto no da mecânica. Que o trabalhador realmente assuma uma posição crucial, pode-se concluir pelo fato de que qualquer grandeza considerável coloque-se em relação com ele. Sua alteridade, sua figura são *poder* em um sentido completamente distinto, pois, no mundo do trabalho, poder significa tão-somente representar a figura do trabalhador.

Um poder legitimado por esta figura há de deparar com esta nova humanidade que possui sentido para uma *nova linguagem* de comando que não faz promessas, mas que, ao contrário, põe exigências. Humanidade que é a mais intensa arma de ataque, o meio de poder supremo que está à disposição da figura do trabalhador. Seu manejo certo, sua aplicação precisa é um inconfundível registro de se estar a operar uma nova arte estatal, uma nova *estratégia social*. É certo que uma nova ordem mundial consolidada nestes novos termos terá de fluir pelo caminho do trabalho de uma cadeia de guerras, civis e mundiais. Aliás, a incrível armação que em todos os lugares e em todas as áreas da vida pode ser observada, atesta a disposição dos Estados para a realização desta missão. A dominação do que vai se tornando desmedido, a domesticação do *movimento absoluto*, só se realizará plenamente por meio desta nova humanidade que, de acordo com a convicção de Jünger, já se faz mais que presente.

* * *

⁶⁹ Cf. JÜNGER, Ernst, *O Trabalhador...*, cit, p. 90.

Mais detidamente, o significado do trabalho está na alteridade que *pressiona*. Trabalho, numa nova acepção, funciona a partir de três preceitos: em primeiro lugar, nada tem que ver com um sentido moral; em segundo lugar, ergue-se violentamente sobre todo o econômico *decidindo-o* de modo complexo; e, em terceiro lugar, de modo algum se consubstancia em uma atividade técnica. Por mais incontestável que seja que é precisamente a técnica que lhe transmite os meios decisivos, não são os mesmos que transmutam o rosto do mundo, mas a vontade de potência legitimada peculiar que lhes está atrás e ao lado. A técnica é o conjunto de instrumentos, a projeção de um modo de vida particular para o qual o trabalho é a expressão mais simples. Por conseguinte, longe de se confundir com uma atividade, o trabalho é a marca de um *ser* peculiar que procura realizar seu espaço, seu tempo, sua legalidade, sua infinitude no transcorrer das vinte e quatro horas de todos os dias do ano.

O trabalho pode ser tomado como princípio e como modo de vida, respectivamente em relação à sua eficácia e ao humano, e finalmente como *estilo* no que tange às formas. Enquanto estilo, começa a penetrar e a contagiar o mundo. É neste momento que sua figura se regoziza com as mudanças aniquiladoras das formações naturais e espirituais em toda a superfície terrestre – massas e indivíduos, estirpes, povos, nações, paisagens, instituições, sistemas e Estados estão todos expostos a um ataque que aparece como um completo extermínio de uma certa legalidade. Esta é a preparação de uma nova unidade dramática cujo despontar pode ser suspeitado junto aos destroços da cultura, sob a máscara mortal da civilização, a partir da transformação veloz. Tão-somente assim se expõe à vista o palco deste tempo em sua espantosa iluminação: um campo de batalha, nervoso, tenso, tático, rico em decisões. Completamente em movimento, como se alude das cidades que começam a balbuciar a linguagem do trabalho e, no entanto, ansiando pela fixidez; deserto, mas na companhia de máquinas de combate, máscaras, zumbido de telefones, matraquear de notícias e, logo, não desprovido de sinais furiosos pelos quais uma nova vontade se confirma.

A simplicidade, a estupidez remetem para um *tipo* determinado cujo equipamento é mais unido e proporcionado às tarefas dentro desta nova ordem de ação que o *caráter total do trabalho* determina. Este futuro no presente cria incessantemente a raça de que necessita. O indivíduo declina em vista da existência do singular. O processo oferece-se com clareza no modo como a guerra mundial, sobretudo em suas fases mais tardias, forma o destino do singular. Nelas, a vontade livre, a formação, o entusiasmo e a embriaguês do desprezo pela morte por parte dos soldados *não* são suficientes para superar a gravitação dos poucos cem metros em que reina o encanto da morte mecânica: aquilo que subjaz no núcleo sangrento de seus embates é a irrupção de uma *oposição cósmica* que se exprime nos símbolos de uma *era técnica*. Neste sentido, o que morre, o que cai, é na verdade o indivíduo enquanto representante de uma ordem enfraquecida e destinada ao declínio. O singular, por sua vez, passa heroicamente através do âmago desta morte ao não se desviar de seu percurso e, mais ainda, ao intensificá-lo de modo desejoso no ataque. Aqui, a consciência heróica sabe tratar o corpo como puro instrumento e arrancar de suas entranhas, para além das fronteiras do instinto de autoconservação, uma série de desempenhos complexos voltados para a realização da mobilização total em seu último e mais duro grau – uma estrondosa reformulação das experiências interiores à guerra em prol do êxtase técnico e do (super)humano.

Do mesmo modo, a massa desaparece tanto das cidades quanto dos campos de batalha nos quais surgiu com as guerras democráticas e revolucionárias. São, antes, contextos de outro gênero que abarcam o novo tipo do século XX. Este aparece no interior de formações bastante diferenciadas que podem ser assinaladas como *construções orgânicas*. Nestas, o *caráter especializado de trabalho* é o modo pelo qual o trabalhador se manifesta de um modo organizador, ordenador e diferenciador da substância vital, exigindo das energias potencial e cinética da vida aumentos incessantes. Em tais construções,

este poder metafísico, esta *figura enquanto técnica*, mobiliza, principiando doravante a submissão de todas as unidades orgânicas.

* * *

Inequivocidade, uniformidade, rosto acerado, farda, uniforme, terceiro sexo, intensidade, determinação, prontidão, sacrifício, caráter objetivo, sincronia, tipicidade, cifra são termos que informam sobre o tipo. Contudo, o mais importante: a *união centáurica* deste homem com seus meios técnicos. Não há nenhuma espécie de homem mecânico do ponto de vista jüngeriano; o que existe são máquinas e homens em uma profunda união entre a simultaneidade dos meios e a nova humanidade. Para captar esta união é preciso efetivar o esforço de ver através das máscaras do tempo, feitas de aço e de carne, para vislumbrar a figura, a metafísica, *o mito* que as movimenta e mobiliza. Se, nesta guinada, for sentida alguma dissonância, esta certamente não deverá ser perseguida no *ser*, mas no curso de um desenvolvimento ilimitado e sem sentido, no movimento indefinido e acelerado do culto da razão e do valor que se sobrepõe ao homem, à técnica, à natureza confirmando as vivências do indivíduo e da massa e alimentando suas estonteantes perspectivas.

A força essencial do tipo está em ele se referir a um outro presente, a um outro espaço, a um outro tempo, a uma outra lei como cujo ponto central está dada a figura. Em outras palavras, em falar outra linguagem. Onde esta é incorporada, encerram-se o debate e a negociação e iniciam-se a ação e a revolução. A resistência que o tipo consegue contrapor à sua própria mobilização é extremamente reduzida e frágil, haja vista o crescimento dos contextos objetivos pelos quais ele é reivindicado. Sua morte torna-se mais simples, um *acidente* geralmente atrelado a altas velocidades no qual o destino aparece em estreita relação ao mundo da técnica enquanto um seco traço de necessidade. Para ele, no âmbito da vida, para além da morte, as leis da guerra predominam.

“Para o tipo, (...) o campo de batalha é o caso especial de um espaço total; daí que se represente no combate através de meios aos quais é peculiar um carácter total. Assim, emerge o conceito de zona de aniquilamento, o qual é feito através do aço, do gás, do fogo ou de outros meios, e também através da actuação política ou económica. Nestas zonas, já não há qualquer diferença de facto entre combatentes e não combatentes. Daí que já na última guerra a discussão do direito internacional sobre locais abertos e fortificados, navios de guerra e comerciais, bloqueio e liberdade dos mares, tenha assumido um carácter puramente propagandístico. Na guerra total, qualquer cidade, qualquer fábrica é um local fortificado, qualquer navio comercial é um navio de guerra, qualquer meio de subsistência é contrabando, qualquer medida activa ou passiva tem um sentido guerreiro. Que o tipo, pelo contrário, seja encontrado como singular, como soldado, é de significado secundário – ele é encontrado no ataque ao campo das forças em que está implicado. Mas tal é a característica de uma crueldade muito aumentada, de uma crueldade muito abstracta.”⁷⁰

Este gênero de implicação não conhece quaisquer exceções: “crianças no berço ou mesmo nos corpos das mães, monges na cela, negros na floresta virgem tropical”⁷¹. Todos encarnam o tipo e, deste modo, a obrigação total. A liberdade manifesta-se no grau em que a totalidade do mundo que implica imprime-se na existência do singular. O tipo não conhece nenhuma ditadura, pois liberdade e fidelidade são para ele sinónimos e o trabalho, uma dignidade cultural.

* * *

A técnica.

Jünger ressalta que os enunciados que o pensamento contemporâneo ao seu próprio consegue fazer sobre a técnica oferecem uma pobre produção, pois ao discorrerem sobre seu percurso de vitória, fazem uso de um restante da terminologia do iluminismo que deve ser prontamente descartado diante da percepção dos cadáveres que deixa atrás de si ao longo de seu nefasto percurso pela ante-sala da razão.

⁷⁰ *Idem*, pp. 150, 151.

⁷¹ Cf. JÜNGER, Ernst, *O Trabalhador...*, *cit.*, p. 152.

Primeiramente, para se atinja uma relação real à técnica, tem de se ser algo mais do que um técnico. Irrevogavelmente. O erro que se espalha por todo lado onde se procuram articular a vida e a técnica é sempre o mesmo, independentemente de se chegar a conclusões que o rejeitem ou que o corroborem: a colocação do homem em uma relação imediata à técnica, seja reconhecendo-o como seu criador, seja reconhecendo-o como sua vítima. Nesta articulação, o homem aparece ou como um aprendiz de feiticeiro que evoca e provoca forças de cujos efeitos não está à altura ou como o criador supremo e sublime de um progresso ininterrupto que corre cada vez mais velozmente ao encontro de paraísos artificiais.

Entretanto, concepções completamente distintas despontam quando se considera que o homem não está atrelado imediatamente, mas *mediatamente* à técnica, já que *a técnica é o modo pelo qual a figura do trabalhador mobiliza o mundo*. A medida em que o homem está decididamente em relação com ela, em que não é destruído por seu ímpeto, mas, antes, estimulado por sua potência, depende do grau em que representa a figura do trabalhador. A técnica, neste sentido, é o domínio de uma linguagem que é válida no espaço de trabalho, uma linguagem significativa, profunda que, além de gramática, possui, igualmente, metafísica. Em seu contexto, a máquina desempenha um papel tão secundário quanto o do homem, pois ambos são apenas alguns dos órgãos através dos quais ela é proferida.

Muito se perde logo que se admite a figura do trabalhador tão-somente como centro em repouso de um processo avassalador. Esta figura tanto estimula a mobilização total como destrói tudo que se lhe contraponha. Daí que por trás dos processos superficiais da mudança técnica se tenha de indicar tanto uma aniquilação abrangente quanto uma construção do mundo de outro gênero, às quais, diga-se de passagem, é dado um sentido muito determinado. Jünger vê a guerra ilustrar este movimento de maneira primorosa: se considerada como um processo técnico *profundo*, não há como não notar que sua intervenção quebra muito mais do que a resistência desta ou daquela nação, pois ao se reconhecer a

figura do trabalhador operando no turbilhão da destruição gerada por este processo *titânico*, abre-se um caráter muito unitário, muito lógico de extermínio de uma era em prol de outra que revoluciona a paisagem⁷². O que tem de se percebido aqui é que este evento que, em um primeiro momento, emerge como guerra mundial, desponta, em um segundo, como revolução mundial destruindo monarquias, nobrezas, burguesias para só então tornar a modificar-se em formas guerreiras articuladas de modo elementar ao trabalhador.

Ainda a ser mencionada com grande ímpeto é a decomposição da autêntica igreja popular do século XIX – (a veneração do) progresso – por meio da guerra, sobretudo por conta de no espelho deste desmoronamento vir a ser particularmente visível o duplo rosto da técnica:

“A técnica aparece no espaço burguês como um órgão do progresso que se movimenta para uma completude racional-virtuosa. Daí que esteja estreitamente vinculada às valorizações do conhecimento, da moral, da humanidade, da economia e do conforto. O lado marcial de sua cabeça de Jano entra mal neste esquema. Mas é incontestável que é uma locomotiva que pode mover uma companhia de soldados em vez de um vagão restaurante, que é um motor que pode mover um tanque em vez de um carro de luxo – ou seja, que o aumento do tráfego não apenas junta mais depressa os europeus bons, mas também os maus. Do mesmo modo, a apresentação artificial de preparados de azoto actua tanto no sentido agrícola como no sentido da técnica de explosivos. Todas estas coisas só se deixam descurar enquanto não se entra em contacto com elas.”⁷³

Como o pensamento burguês não pode negar o emprego de meios civilizadores e progressistas no combate, mostra o desejo de os excusar. Isto ocorre, por exemplo, através da inversão da ideologia do progresso sobre o acontecimento guerreiro, quer dizer, na medida em que a violência das armas técnicas aparece como um lamentável caso excepcional, como um meio de

⁷² Aliás não é à toa que no curto espaço de tempo que sucede ao término deste combate, os símbolos técnicos acabem por se espalhar até os rincões mais afastados do mundo mais depressa que “há mil anos, a cruz e o sino nas florestas virgens e nos pântanos da Germania”. Cf. JÜNGER, Ernst, *O Trabalhador...*, cit., p. 159.

⁷³ *Idem*, p. 161.

domesticação de bárbaros inclinados a não progredir que apenas compete ao caráter humano (e somente para o caso de defesa) e cujo objetivo de uso não é a vitória, mas a libertação dos povos, a inclusão de cada um deles naquela comunidade que dispõe de uma maior civilidade – eis a cobertura moral sob a qual na verdade se exploram e se arrasam os povos coloniais que também se estende sobre os chamados tratados de paz.

Mas a situação apresenta-se de tal modo que a burguesia mundial e seu pensamento pretensamente universal apenas obtiveram uma vitória aparente, já que as suas posições vão se enfraquecendo na mesma medida em que, após a guerra, ambos ganham uma extensão planetária. Convicção jüngeriana. Enfaticamente, o burguês é incapaz de empregar a técnica como um meio de poder adequado à sua existência e é por conta disto que o estado resultante deste conflito não consiste em um novo ordenamento do mundo, mas em uma outra etapa de reprodução e repartição da exploração. O que também não quer dizer, é certo, que sob a capa de um armistício abarrotado de frases liberais acaloradas não continue a arder a mobilização.

Desde este período, cada vez mais nitidamente se começam a distinguir e separar duas frentes, quais sejam, a da restauração e da manutenção e a que está decidida à continuação da guerra com *todos* os meios que não apenas os da guerra, em suma, ao ataque total. Para esta última, a melhor armação possível traduz-se na condução de vida do trabalhador quer pelo singular, quer pela comunidade, ou, em poucas palavras, na mobilização total e no domínio ao invés de no progresso e na *decadência*. Nesta frente, por todos os lados onde os homens atingem o âmago do turbilhão – a técnica – vêem-se postos diante de uma alternativa incontornável: aceitar os meios peculiares e falar sua linguagem ou decair. Seguindo a primeira opção, e isto é absolutamente importante, transmutam-se não somente em sujeitos de processos técnicos, mas sobretudo, concomitantemente, em objetos dos mesmos já que o emprego dos meios arrasta todo um estilo de vida determinado segundo si próprio que se estende tanto às grandes quanto às ínfimas questões e potencialidades da vida.

Pois a técnica não é um poder neutro, não é um reservatório de meios eficazes ou cômodos a partir do qual quaisquer forças sobrevindas sejam capazes de criar e produzir como bem entendam ou como bem queiram. Muito pelo contrário, é precisamente atrás e ao lado desta aparência de neutralidade que se encontra a lógica misteriosa e tentadora com que ela mobiliza o mundo, lógica que se torna cada vez mais inteligível e mais irresistível na mesma medida em que o espaço de trabalho ganha em totalidade e que, assim, o *instinto* dos que são atingidos e arrebatados por este dilúvio se enfraquece.

A marcha triunfal da técnica deixa para trás um extenso rastro de símbolos destruídos. Seu resultado inevitável é a anarquia, anarquia que despedaça as unidades da vida em suas dimensões máximas e mínimas. Sua substância parece ser de natureza niilista pelo fato de seu ataque alastrar-se à soma das relações e de nenhum valor lhe conseguir contrapor resistência. Contudo, a perplexidade advém quando se constata que ela, apesar de aparentemente neutra e *anômica*, está ao serviço.

A aparente contradição que supostamente a fende, contradição entre a prontidão sem escolha para tudo e todos e o seu caráter destruidor, dissolve-se quando passa-se a concebê-la como linguagem. E quanto mais extensa é a esfera que esta linguagem cria para si, tanto maior é seu poder enquanto comando e tanto menor é a oposição que existe ou que se prolifera no que tange a uma construção orgânica do mundo. Na técnica, claramente, reconhece-se o meio mais eficaz e mais inelutável da revolução total. Entretanto, só é possível colocá-la ao serviço, realmente e sem contradição, quando a figura do trabalhador, destruidora, mobilizadora e harmonizadora, operá-la soberana e plenamente.

De fato, por mais movimentada, explosiva e alterável que a técnica possa se mostrar, conduz, no entanto, para ordens completamente determinadas, inequívocas e necessárias que lhe estão desde o início incluídas em potência enquanto tarefa, enquanto objetivo. Esta articulação também se expressa na medida em que se diz que sua linguagem peculiar se torna cada vez mais

nitidamente compreendida. Ao levar-se em conta estes encadeamentos, renega-se também a sobrevalorização do desenvolvimento característica da relação entre o progresso e a técnica. O desenrolar desta última *não* é ilimitado. Do contrário, ele está concluído no instante em que, enquanto instrumento, a mesma corresponda às exigências peculiares a que a figura do trabalhador a submeta. O mundo técnico *não* é uma área de possibilidades infinitas, antes, lhe está atrelado um caráter embrionário que, em potência, vai ao encontro de uma destinada maturidade e de um certo termo.

No momento em que escreve, início da década de 1930, a Jünger parece que o espaço assemelha-se a uma imensa oficina de ferreiro ou, também se poderia dizer, de alquimista. A mutabilidade dos meios tem como consequência um investimento ininterrupto de capital e de força de trabalho que, apesar de se esconder sob a máscara da concorrência, vai contra todas as leis da economia. É assim que passam gerações que não deixam atrás de si nem poupanças nem monumentos, mas tão-somente uma marca da mobilização.

Apesar disto, ele constata que este século, ao menos em aspectos parciais, já apresenta uma maior definição das linhas condutoras que traem uma clarificação inicial da *vontade de configuração técnica*, isto é, de um entrelaçamento e uma assimilação incessantemente mais espessos que procuram soldar o arsenal técnico em toda a sua especialização num único instrumento gigantesco que aparece como símbolo material e profundo do caráter total de trabalho. Daí que os questionamentos técnicos já possam ser elevados ao estágio decisivo, o que é extremamente tentador, pois por trás de sua aura já se mostra provável encontrar muito mais do que algo eminentemente técnico.

“Trata-se, antes, de que o olhar se habitue a uma diferente imagem de conjunto da técnica. A técnica apareceu à representação, durante muito tempo, como uma pirâmide que está na ponta e que se encontra num crescimento ilimitado, cuja superfície livre aumenta imprevisivelmente. Pelo contrário, temos de nos esforçar por vê-la como uma pirâmide cuja superfície livre se estreita progressivamente e que, num

tempo muito previsível, terá alcançado o ponto conclusivo. No entanto, esta ponta ainda invisível já determinou a dimensão do esboço. A técnica contém em si as raízes e as sementes da sua última potência.”⁷⁴

Pode-se afirmar também que, desde o início deste mesmo século, os meios técnicos que estão à disposição não apenas são suficientes para preencher quaisquer exigências da vida como, o que é inusitado, que são capazes de realizar mais do que deles é esperado. Situações a partir das quais se busca oprimir o crescimento destes meios seja através do acordo, seja através do comando acontecem com certa intensidade. No entanto, provisoriamente, existe somente a possibilidade de uma regulamentação crescente que exclui a constância de uma vontade de fixação definitiva dos mesmos⁷⁵. O fundamento desta constatação deve ser atestado de acordo com o fato de que entre o homem e a técnica não exista nenhuma relação de dependência imediata, mas mediata, como já dito. Logo, a técnica possui um curso próprio que o homem, a seu turno, não consegue arbitrariamente encerrar quando o estágio dos meios lhe parece ser suficiente. Todos os exemplos técnicos arrastam a sua solução e a constância técnica não surgirá mais cedo do que quando da existência de cada uma de suas devidas soluções. Só então se poderá dizer que os meios possuem forma e que não são mais unicamente as instrumentações fugazes de linhas de desempenho.

A perfeição técnica é uma das características cruciais para a *conclusão* da mobilização total, pois é capaz de elevar a vida a um outro patamar de organização aniquilando o espaço dinâmico e revolucionário ditado pela pressão do movimento em vista de um espaço estático e supremamente ordenado no qual

⁷⁴ *Idem*, pp. 170, 171.

⁷⁵ “Com um cuidado justificado, o espírito acompanha o surgir de meios através dos quais estas possibilidades se começam já a mostrar. Já na última guerra houve zonas de aniquilamento cuja visão só se pode descrever através da comparação com catástrofes naturais. No curto intervalo de tempo que nos separa daqueles espaços, o ímpeto das energias que estão à disposição intensificou-se várias vezes. Com isso, aumenta a responsabilidade que está puramente contida na posse e administração de tais energias. (...) A realidade (...) é determinada através de leis. Daí que a questão decisiva que se deve colocar seja: há um ponto a partir do qual se pode decidir, com autoridade, se os meios devem ser empregues ou não? Um sinal de que não há um tal ponto é que a guerra mundial não criou nenhuma ordem mundial, e este facto está impresso de um modo suficientemente claro na consciência dos povos.”, *ibidem*, p. 188.

temor e possibilidade de extermínio total sejam inexcedíveis. Uma tal permanência durante um longo espaço de tempo é na verdade a regra enquanto que o ritmo febril de mudanças sem nenhum exemplo histórico, a exceção necessária.

A duração da mutabilidade é limitada porque a vontade que lhe suporta acaba por *quebrar* ou por alcançar seus objetivos. Por conta de prenciar tais objetivos, mesmo que em imagens longínquas, Jünger considera a primeira possibilidade até mesmo sem sentido ou importância. O único problema é que, realmente, esta vontade que estrutura a mutabilidade pode não quebrar, e mesmo mais, perdurar indefinidamente. Isto é reconhecido, enquanto leve tremor que perturba a percepção, porém, o descarte imediato da questão e a *aposta* na segunda alternativa terminam por persistir.

Assim sendo, a condução da vida no sentido da realização daqueles objetivos pertence aos pressupostos de uma *economia planificada*. Contudo, por ora, enquanto capital e força de trabalho, independentemente de quem disponha de ambos, estejam sendo absorvidos pelo processo de mobilização total, não se pode falar apenas em termos de economia, já que a lei econômica é incessantemente sobrecodificada por leis que se assemelham às da condução da guerra mundial, isto é, a modos de concorrência em que não se ganha. Em algumas palavras, qualquer mais-valia resultante da queima de homens, técnicas, naturezas, valores é vorazmente tragada pela necessidade sempre revigorada de uma maior *aceleração para a mobilização total* e, o que está em jogo aqui, é a produção de uma espécie de *plus* de espírito que se atrele à mobilização superior e ao destino.

Somente após o alcance da conclusão deste processo é que se poderá falar de uma economia ordenada, *planificada*, de uma relação calculada entre tarefas e receitas, de uma ordem na qual a constância dos meios seja capaz de reconduzir a concorrência desenfreada e incalculável a uma concorrência naturalizada. Apenas então é que a técnica se transmutará em órgão de um reino natural ou sociedade histórica e retrocederá enquanto poder autônomo e que,

finalmente, junto da mutabilidade dos meios, desaparecerá o caráter de oficina do processo substituído pela articulação, duração e calculabilidade das instalações e dos feixes de relações. Só então a construção orgânica do mundo se refinará. Em relação ao tipo, ela se manifestará como a estreita fusão, sem contradições, do homem com os instrumentos técnicos que estarão à sua disposição – a existência dos *ciborgues plenos*, sem mais.

Jünger ressalta que a segunda fase do emprego dos meios de poder de tipo técnico encontra-se em andamento após se ter cumprido na anterior o aniquilamento dos últimos vestígios monárquicos. Esta fase é assinalada através da concepção e da execução de grandes planos, não monumentais, haja vista o caráter de oficina momentâneo, porém ousados. Correlativamente, aponta que já podem ser observadas as potências históricas em um processo de armação febril que procura submeter a si a soma de todos os fenômenos e potencialidades da vida dando-lhes uma dignidade guerreira. Apesar das diferenças de *timing*, é a austera uniformidade do processo que “espanta, atemoriza e suscita esperança”⁷⁶. E quanto à última e decisiva fase da plenitude da construção orgânica, uma distância imensa ou mesmo escatológica, mas sobretudo, uma antevisão.

Deste turbilhão, não há como regressar: do passado, acena a decadência; do futuro, impelem os prelúdios do *Estado Imperial*⁷⁷. Não se trata apenas de viver, mas de tornar possível mais uma vez no mundo a condução de uma vida em grandes estilo e escala. Está-se no meio do experimento. A Jünger mostra-se ainda mais interessante que no momento presente se acelere, o máximo possível.

“Quanto mais os singulares e as massas se cansam, tanto maior se torna a responsabilidade que é apenas dada a poucos. Não há nenhuma saída, nenhum andar para o lado e para trás; trata-se antes de aumentar o ímpeto e a velocidade dos

⁷⁶ Cf. JÜNGER, Ernst, *O Trabalhador...*, cit., p. 187.

⁷⁷ “Na saudade de paz a que a prontidão dos imensos acampamentos militares serve de contraponto, esconde-se a reivindicação de uma felicidade que não é realizável. Um estado que deve ser visto como símbolo da Paz Perpétua nunca é garantido através de um contrato social entre Estados, mas através de um Estado de uma dignidade incontestável e imperial, no qual se unam ‘*Imperium et libertas*’.”, *idem*, p. 188.

processos nos quais estamos compreendidos. Pois é bom suspeitar que atrás de excessos dinâmicos do tempo está escondido um centro imóvel.”⁷⁸

* * *

A repartição unitária do tempo em passado, presente e futuro pode muito bem ser aplicável para o tempo astronômico, porém, não para o tempo da vida e do destino. Certamente, há um tempo astronômico, contudo, concomitantemente, uma multiplicidade de tempos de vida cujos ritmos balançam juntos uns dos outros. Sendo assim, também não é um tempo, “o” tempo, que reivindica o homem, mas uma variedade de tempos, de temporalidades. Tudo depende do olhar que se é capaz de lançar sobre os mesmos, o que pode fazer com que um e o mesmo evento apareça tanto como símbolo do fim quanto do começo. O corte profundo que sacode a vida nesta nova era noticiada não somente separa duas gerações ou dois séculos, mas, sobretudo, anuncia o “fim de uniões milenares”.

Agora, são mais importantes que a comparação com a imagem de tempos e espaços que se desvanecem a questão de sondar a relação originária nova e peculiar cuja realidade ainda não encontrou qualquer expressão na história e a questão de saber se já não está disponível uma liberdade outra a ser apreendida de maneira completamente distinta daquela liberdade burguesa atrelada ao medo e ao mistério que a velocidade desmedida esconde. Finda a partir daqui o criticismo para Jünger, pois são visões de outra espécie aquelas a que se tem de entregar: no momento não se trata de responsabilidade pelas imagens, mas de responsabilidade pela força originária que as cria.

“Quando se reconheceu aquilo que hoje é necessário, nomeadamente a afirmação e o triunfo ou, se tiver de ser, também a preparação para o decisivo declínio no meio de um mundo completamente perigoso, então sabe-se a que tarefas qualquer tipo de produção, da mais elevada à mais simples, se tem de submeter. De resto, quanto mais a vida puder ser conduzida de um modo cínico, espartano, prussiano ou bolchevista, tanto melhor será. O padrão que é dado encontra-se na condução da vida do

⁷⁸ *Idem*, pp. 190, 191.

trabalhador. Não se trata de melhorar esta condução da vida, mas de lhe dar um sentido supremo e decisivo.”⁷⁹

A representação da figura do trabalhador necessariamente segue soluções de amplitude *planetária e imperial*. Nelas, inclui-se a administração dos tempos e espaços. No mesmo instante em que se atinge a consciência da força produtiva peculiar, alimentada sobretudo por fontes de sentido de outra espécie, existe, igualmente, uma completa reviravolta no que concerne à consideração da história e do destino e à administração de seus desempenhos. Aqui a *arte* é o objeto da mudança, ou, em poucas palavras, um dos modos em que a figura do trabalhador é concebida como o grande princípio criador. Daí que deva ser procurada em uma unidade estreita com o trabalho num estágio avançado do processo.

Depois da questão referente ao domínio já ter sido decidida, virá o tratamento da *configuração*, logo, da arte. A tarefa da arte que representa a figura do trabalhador assentará na configuração da Terra⁸⁰. Se, na paisagem de oficina, opera uma mobilização total voltada para o domínio, a configuração, por sua vez, referir-se-á a este domínio e será por ele possibilitada; se, a tarefa da mobilização total nesta paisagem consubstancia-se na transmutação da vida em energias, atrelando-se à sua potência, a configuração, a seu turno, trará o *ser* à expressão, servindo-se não de uma linguagem de movimento, mas de uma linguagem das formas.

É certo que a uma determinada vontade que concebe o planeta como seu material elementar não poderão faltar tarefas (imensas). Serão tarefas em que se terá de mostrar a estreita união existente entre a arte e a *arte estatal* onde a vida

⁷⁹ *Ibidem*, p. 196.

⁸⁰ “É o globo terrestre que é concebido como unidade por um sentimento da Terra novo e nascente – um sentimento da Terra que é suficientemente ousado para as grandes construções e suficientemente profundo para abranger as suas tensões orgânicas. O ataque já começou e, apesar de as suas fases revolucionárias ainda estarem em curso, a sua instalação planetária não pode ser aqui descuidada. Mundialmente revolucionária é a técnica, enquanto meio pelo qual a figura do trabalhador mobiliza o mundo; mundialmente revolucionário é o tipo, no qual a mesma figura se cria uma raça dominadora. A instalação secreta dos meios, das armas, das ciências tem como objetivo uma dominação espacial de pólo a pólo, e as confrontações entre as grandes unidades vitais aspiram a um carácter de guerra mundial.”, *ibidem*, p. 208.

estiver sendo ordenada. E o que se mostrará de suma importância nesta articulação será o papel supremo que recairá de modo cada vez mais inteligível no corpo do Estado, pois ele pertence aos pressupostos de uma configuração da paisagem em um sentido abrangente, impensável sem domínio. As mais variadas necessidades reclamarão soluções crescentemente penetrantes de natureza total, das quais apenas este Estado de tipo muito particular, do *trabalho*, será capaz de criar⁸¹.

Ressaltar que somente a figura do trabalhador representada no tipo, no Estado e na arte conseguirá realizar a *viragem imperial* do mundo nunca é demais. Por meio dela, ao invés desta marcha desembocar no puro movimento de partes tornadas autônomas, numa anarquia infinita, acabará por ser domada e articulada por potências de tipo estático. E à linguagem dos símbolos estáveis nos quais a pura existência falará à intuição, estará reservado dar testemunho de que a figura do trabalhador contém mais que movimento: que possui um significado cultural. É assim que o revestimento da Terra ganhará a plenitude e a riqueza profundas nas quais a unidade do domínio da figura se manifesta.

* * *

Muitas marcas, segundo Jünger, já deixam reconhecer a nova era na qual se pode voltar a falar de domínio real, de ordem e submissão, de comando e obediência. É por esta razão que se mostra de suma importância o modo pelo qual se realiza a rendição do domínio aparente burguês pelo domínio do trabalhador e, assim, a emergência de uma *imagem* do Estado completamente diferente. Quanto mais elementar for o caminho em que acontecer esta permuta,

⁸¹ “Não há nenhum espaço, nenhuma vida, que se possa furtar a este processo, que desde há muito traz a marca de uma migração de povos bárbaros, com as múltiplas formas de colonização, povoamento de partes da Terra, desbravamento de desertos e florestas virgens, extermínio de populações indígenas, aniquilamento das leis da vida e dos cultos, destruição secreta e aberta de camadas sociais e nacionais, acção revolucionária e guerreira. Neste espaço, são terríveis os sacrifícios e é grande a responsabilidade. Mas independentemente de quem possa triunfar e de quem possa sucumbir: o declínio e o triunfo anunciam o domínio do trabalhador. Os conflitos são plurívocos, enquanto o questionamento é inequívoco. A violência caótica da revolta contém já a rigorosa medida de uma legitimidade futura.”, *ibidem*, p. 208.

tanto mais ele terá lugar no campo da autêntica força do trabalhador, e, quanto mais este último renunciar em seu combate à utilização de conceitos, ordens, regras do jogo e constituições inventados pelo burguês, tanto mais estará pronto para realizar a sua lei peculiar e tanto menos se poderá esperar dele tolerância.

Não se deve desviar do fato de que, em 1932, tentativas de restauração burguesa, de *vivência no estilo burguês*, ainda permanecem. Contudo, o que lhes resta é *acelerar* o curso da mudança. Socialismo e nacionalismo, por exemplo, devem ser encarados dentro do mundo do trabalho como grandezas de mobilização cujo efeito é tão mais aniquilador quanto mais atacam a *democracia liberal* em sua metódica mais peculiar.

A guerra mundial, na medida em que encerra o século XIX, é uma confirmação violenta de seus princípios atuantes. Não deixa atrás de si nenhuma outra forma de Estado que não seja a democracia liberal. Como já referido, este resultado não poderia ter se dado de outro modo já que a proporção em que se podiam mobilizar os meios democráticos liberais e liberalizantes mostrava-se cada vez mais decisiva para o sucesso da empreitada. A reivindicação do domínio, neste contexto, via-se muito mais remetida para o caminho das negociações do que para o dos barcos de guerra e canhões.

Todavia, a partir de um deslocamento da percepção no fluir das fases finais do combate, inícios do século XX, a democracia liberal começa a aparecer em sua magnitude como um puro caráter de movimento, uma anarquia que carece de figura e, portanto, de uma ordem genuína. Sua necessidade premente de fazer repetir e valer as assinaturas em cada ocasião e após cada oscilação, por mínima que seja, já é um sinal de decadência da política burguesa, um sinal de que não se fazem tratados de paz, mas, antes, tratados de armistício, e de que a decisão

ainda não tem um caráter estratégico, porém tático. Esta a “atmosfera do pântano” que tem de sofrer duras explosões e revoluções⁸².

“O estado de grande perigo que está incluído numa movimentação ilimitada, e que se torna mais ameaçador na mesma medida em que a segurança burguesa se mostra como utópica, exige imperiosamente outras medidas do que as que se podem retirar da substância da democracia liberal”.⁸³

A dominação das relações anômicas só poderá acontecer por meio das forças que penetrem na zona de destruição e que dela ressurgam com uma legitimação distinta. Diante de sua emergência, tornar-se-á inteligível o grande erro de cálculo da construção da sociedade burguesa, qual seja, o *povo* também poder decidir uma vez contra a democracia minando o campo autêntico da legitimidade burguesa. Eis a potência da rendição da democracia liberal pela democracia do trabalho e, assim, da vivência do espetáculo dos regimes que os povos se imporão a si mesmos para que o necessário e o desejado possam ser ordenados. Trata-se aqui, de fato e de direito, de um *estado de exceção*, no entanto, de maneira alguma, de um estado de exceção que possa desembocar novamente no liberalismo. A rendição da democracia liberal terá de ser definitiva e, cada novo passo que seja dado para além de suas formas, só poderá tocar em uma intensificação do caráter total de trabalho.

A viragem para a democracia do trabalho deverá acontecer através da viragem para o Estado do trabalho efetivada pelo tipo. Um movimento de participantes da guerra, um partido social-revolucionário, um exército se transformará, deste modo, em uma nova aristocracia que se colocará na administração dos meios espirituais e técnicos decisivos. Aqui o cultivo e a seleção predominarão em detrimento ao esforço burguês de formação de

⁸² “É neste estado que nos encontramos, e a ele corresponde a linguagem que, no comércio entre as democracias nacionais, se tornou habitual – uma linguagem cujas regras de jogo se tem de conhecer, se bem que, no fundo, já ninguém acredita nelas. Ela deve ser estudada naquela mistura de rotina, cepticismo e cinismo que determina o tom das conferências sobre reparações e desarmamento.”, *ibidem*, p. 229.

⁸³ *Ibidem*, p. 237.

“mônadas zumbis”. O plano, tal como emergirá no interior desta democracia, acentuar-se-á por meio das características do acabamento, da flexibilidade e da armação sem que, contudo, ainda neste momento, se possa falar de medidas definitivas. A paisagem planificada diferenciar-se-á, entretanto, da paisagem de oficinas por possuir objetivos solidamente demarcados e, de maneira crucial, por prescindir do aspecto de desenvolvimento ilimitado e do caráter de *perpetuum mobile político* que ronda em torno das profundezas da perdição burguesa.

O *perigo* de (continuar a) viver no mundo burguês arrebatado pela produção infinita de mais-valia de movimento ou a glória de fazer parte de uma era cuja produção de movimento pela mobilização total (de forma acelerada de preferência) levará a uma conclusão e a um sentido: uma oposição de tal gênero, para Jünger, nem digna será de provocar tantas preocupações pois, afinal de contas, dentro da paisagem planificada, este tipo de movimento ilimitado para adiante acabará por se apresentar pura e simplesmente como desperdício já que a marcha do trabalho ocorrerá em uma série de etapas que deverão ser calculadas de forma minimalista pelos Estados em ligação com disposições metafísicas.

O acabamento da paisagem planificada deverá gerar uma série de modelos de Estados que, apesar de diferenciados segundo sua proveniência histórica e sua situação especial particular, poderão ser detectados e qualificados como assemelhados em suas marcas essenciais. A limitação valerá para paisagens em que se reconhece a necessidade da “apropriação da técnica mecânica” sem que o tipo já esteja presente com uma força suficiente. O sentido do processo revolucionário que daqui decorrerá será a submissão voluntária à figura do trabalhador. Todavia, que neste processo não seja ultrapassado o nível passivo, ficará patente pela pressão de não só ter de lidar com a importação dos meios,

mas do tipo ativo, acabado e “encapotado” capaz de resguardar a utilização dos mesmos.⁸⁴

Mas, de qualquer modo, o exame decisivo da medida de autarquia real que um poder conseguirá alcançar permanecerá reservado à guerra, pois continuará a ser a partir dela que se tornará muito rapidamente visível a verdadeira diferença existente entre a mobilização total e uma mera tecnificação. Mesmo assim, possibilidades de surpresa não estarão excluídas do processo. É pelo fato de o espaço que está atribuído à figura do trabalhador possuir um alcance planetário que se fará possível que mais áreas deste mesmo espaço tornem-se condutoras, onde quer que tal possa acontecer.

* * *

O ordenamento e a subordinação das paisagens planificadas estarão reservados a um Estado de dignidade imperial, o *Estado Universal*. O objetivo em que se encontrarão todos os esforços consistirá no domínio e na configuração planetários enquanto símbolos supremos da nova figura. Só em sua realização é que repousará o padrão de uma segurança sobreposta que abranja todas as etapas de trabalho, pacíficas e guerreiras.

O ingresso no espaço imperial será antecedido de uma provação e de um endurecimento das paisagens planificadas que ainda não são nem representáveis. Nele, os espantos serão desencadeados: para além da democracia do trabalho

⁸⁴ Seria muito instigante ler os escritos de Jünger a partir de uma perspectiva cruzada que encarasse estes filhos da Terra Europa, o tipo dominador por excelência, em relação àqueles nascidos em “terras virgens”, indígenas, entre os “povos de cor”, para além das “margens da civilização”, os chamados “fascinados”, “atrasados” aos quais cabe determinada posição – submissa, maravilhada, deveras impotente – e um destino certo – aniquilação das tradições e civilizações – no processo de mobilização total do mundo. Perspectiva esta que se abriria para uma interessantíssima questão que é o tratamento do que se poderia nomear em um primeiro momento “*Terceiro Mundo*” no pensamento do autor. Aliás, os ensaios aqui selecionados são um ponto de partida possível que se distingue sutilmente dos caminhos percorridos pelas obras de cunho literário nas quais o esforço e o sacrifício para tornar secundária a política polêmica e a história acidente predominam, haja vista a preocupação com a literatura, com o estilo e com a forma, com o ser humano, com a transcendência e com a eternidade.

surgirão os esboços e ensaios de ordens do Estado que estarão fora de quaisquer possibilidades de comparação. Pode-se, no entanto, prever e antever que já não mais se falará de trabalho ou de democracia num sentido (re)conhecido.

“A descoberta do trabalho enquanto elemento de plenitude e liberdade ainda está iminente; do mesmo modo, muda-se o sentido da palavra democracia, quando o solo mãe do povo aparecer como portador de uma nova raça. Vemos que os povos estão a trabalhar, e saudamos este trabalho onde quer que seja desempenhado. O combate autêntico vale como a descoberta de um mundo desconhecido – como uma descoberta mais aniquiladora e, conseqüentemente, mais rica que a descoberta da América. Não é senão com emoção que se pode observar o homem, tal como está ocupado, no meio de zonas caóticas, a forjar armas e corações, e tal como sabe renunciar à saída da felicidade.

Tomar parte aqui e servir: tal é a tarefa que é esperada de nós.”⁸⁵

“Tomar parte aqui e servir: tal é a tarefa que é esperada de nós”... tal o fechamento do ensaio cujo vigor fica por conta da mobilização da visão: perceber o demoníaco, o mítico, participando e servindo livremente como um trabalhador, como um puro administrador e detentor das potências e dominâncias da terra em uma era que promete desbancar aquela dos falsos deuses a partir da insígnia, pode-se dizer firmemente, dos novos *titãs*.

* * *

A articulação destes seres titânicos à grandeza dor é o problema para o qual Jünger se volta em um ensaio que data de 1934. Em *Sobre a dor*, esta última é entendida como o critério (negativo) limite responsável por iluminar uma gama de questões que giram em torno da operação da nova figura na vida, mesmo que em dissonância com a operação dos valores ainda excessivamente invisíveis e insensíveis que lhe são correspondentes, e da objetivação revolucionária do mundo e de sua imagem ou, em outros termos, da aniquilação dos valores tradicionais e burgueses e da simplificação e superficialização das relações.

⁸⁵ JÜNGER, Ernst, *O Trabalhador...*, cit., p. 266.

É interessante introduzir esta série de questões pelas próprias epígrafes do ensaio que, respectivamente, reportam a “um livro de cozinha [berlinense] para o bom governo da casa de todos os estamentos” do século XIX e ao *Buschido* de Motibé e que dizem o seguinte:

“De todos os animais que servem de alimento ao ser humano, os caranguejos são os que hão de sofrer uma morte mais horrenda, pois se lhes põe ao fogo vivo em água fria.”

“Mas um bobinho vai chorar por qualquer dor?
A mãe o repreenderia com estas palavras:
Que covarde, chorar por uma dor de nada!
Que farás quando te cortarem um braço na batalha?
E o quê, quando tenhas de cometer o harakiri?”⁸⁶

* * *

Quando existe a aproximação dos pontos em que o ser humano se mostra à altura da dor ou superior a ela, logra-se atingir as fontes das quais emana seu poder e o *segredo* que se esconde por trás de seu domínio. “Di-me qual é tua relação com a dor e te direi quem és!”⁸⁷, profetiza Jünger: como critério, a dor é imutável, sendo, pois, variável, o modo pelo qual os homens se lhe defrontam e enfrentam. Eis uma conexão que se desvia da consciência e que, portanto, constitui a melhor pedra-de-toque para testar e conhecer uma *raça*.

Na nova era que se inicia, o *trabalhador* já dispõe de uma relação original e peculiar para com a dor sem que, contudo, à vida em geral estejam dispostos, preparados, perceptíveis certos valores e normas que lhe são substancialmente necessários. Um bom ponto de partida para tratar desta dissonância é confrontar o papel que desempenha a dor na nova *raça*, composta pelo trabalhador, e, verdadeiramente, ver no que este caminho vai dar.

⁸⁶ Cf. JÜNGER, Ernst, *Sobre el dolor...*, cit., p. 12.

⁸⁷ *Idem*, p. 13.

Em primeiro lugar, uma breve análise da mecânica peculiar da dor mostra-se imprescindível. Ela se faz complexa em sua simplicidade. Funciona através de dois princípios, quais sejam, a inevitabilidade do assédio, extraordinariamente intensificada pelo descaso para com as ordens de valor demasiadamente humanas, e a astúcia, responsável por fazer com que os objetivos sejam alcançados por todas as vias, possíveis e impossíveis. Por ora, tem-se como exemplo de sua operação implacável a maneira pela qual a tentativa de sufocação artificial de sua potência pelos portadores de concepções “iluministas” segundo as quais sua atualização no mundo é um prejuízo que a razão racional pode decisivamente rechaçar, acaba resultando em humanitarismo e barbárie e, assim, em (mais) dor.

De início, a natureza da suposta segurança destes destemidos permanece em que a dor seja negada em proveito de um ritmo e de uma sensação de bem-estar impávido mesclado a uma espécie de alívio iconoclasta. Entretanto, neste procedimento, ela é tão-somente empurrada para a periferia onde costuma ir se acumulando para formar uma espécie de *capital invisível* que vai aumentando incessantemente com os interesses dos interesses destes valentes homens para que, em um determinado instante, a chamada “gota d’água”, exploda, furiosamente, em vagas de ressentimento, ódio e terror. Mais explicitamente, isto é o que Jünger percebe que ocorre nos anos que transcorrem a partir do pós-guerra, anos que se assinalam por um estranho amálgama de pacifismo extremo e incremento monstruoso e incoseqüente dos equipamentos e dispositivos bélicos.

Contudo, certamente existem atitudes que capacitam os homens para distanciarem-se consideravelmente das esferas e dimensões nas quais a dor e sua mecânica governam. Isto se produz e se manifesta sobretudo na potência destes homens para tratar o corpo, carne que soberbamente participa na dor, como um objeto, habilidade que pressupõe uma retaguarda repleta de postos de mando situados a uma altura tal que desde de si tratem o corpo como um posto

avançado apto para ser lançado ao combate e sacrificado a partir de uma grande distância. Neste gênero de economia, todas as medidas tomadas visam resistir e ultrapassar a dor ao invés de simplesmente lhe escapar ou, ainda pior, a recalcar.

Daí que tanto nos mundos heróico e *cultural* seja encontrada uma relação para com a dor completamente distinta da que pode ser percebida no mundo do “esclarecimento” e da sentimentalidade, pois enquanto neste o que importa é expulsar a dor negando-lhe sua pertença à vida, naqueles o que conta sobremaneira é incluí-la integralmente no mundo e, assim, dispor da vida de tal modo que a todo momento ela esteja preparada para o contato com a sua imensidão. De fato, o que está em jogo nesta ação é manter a vida inteiramente sujeita ao poder-potência de um determinado humano para que em qualquer instante se lhe possa arremessar ao conflito no sentido de um ordenamento superior. Não se trata de uma traiçoeira superioridade de Homens, mas da superioridade suprema de um tipo de humano sobre o espaço-tempo lastreado pela dor.

Pelo caminho do corpo e de sua *objetivação* é possível começar a examinar qual é o nível dos valores já existentes e lidar com o problema da dissonância levantado. Assim sendo, ao se aplicar o critério da dor ao corpo que aqui importa, o do trabalhador, nota-se que a vida está apartada da zona da sentimentalidade em prol da zona dos elementos. Liberdade individual, ensino laico universal perdem-se no vigor da *disciplina* que permanentemente alimenta o contato da carne com a dor e com a armação bélica. As articulações deste corpo também passam por severos processos de disciplinarização, destaque para a *técnica*, interface na qual aparece com máxima clareza a crescente objetivação da vida, do mundo, impermeabilizada de modo especial contra os acessos e assédios da dor e mesmo mais, *uniforme deste corpo* tornado-lhe cada vez mais *simbiótico* quanto mais seu caráter de conforto for fundindo-se inequivocamente a um caráter instrumental de poder.

Neste ponto, o espetáculo da batalha mundial é capaz de proporcionar esclarecimentos peculiares, já que é possível perceber em seu turbilhão tal caráter de poder em funcionamento. Sobretudo o espetáculo do combate naval certifica de que, na viragem para o novo tempo, processos guerreiros sumamente ordenados e disciplinados podem ocorrer, veementemente. Sim, por mais que o combate mundial tenha se consubstanciado na luta continental e colonial por excelência, abrigava em seu âmago muito mais, e não por acaso: o início de algumas decisões *imperiais* cujos instrumentos eram os navios ou as frotas, “postos avançados flutuantes do grande domínio, células encouraçadas onde a exigência de poder se condensa em um espaço altamente reduzido”⁸⁸, e cujos embates entre si distinguiam-se pela clara visão de conjunto que proporcionavam e pela sombria perspectiva de acordo com a qual nenhum dos combatentes envolvidos fazia-se notado, (e)levando esta postura até as últimas conseqüências ao aceitar como próprio destino o naufrágio e, assim, encarar a morte de frente, preparado, com sublime e soberana segurança.

É certo que desde o término do confronto em questão segue-se reforçando a exigência de domínio dos meios técnicos e também não há dúvida de que o momento em que o espírito os alistar e os colocar em forma mostrar-se-á a ocasião decisiva, o eixo objetivo das tarefas que a nova era reclama, profundamente.

O que Jünger observa a este respeito, já a partir do pós-guerra, para além de humanitarismo e barbárie, é o desenrolar desta exigência exposta. Pois o *retorno do pensamento estratégico à realidade* com maior pureza se faz possível, haja vista a existência de certas marcas que anunciam que o movimento *exato* no espaço e no tempo está se tornando altamente imaginável tanto na terra quanto (especialmente) no ar. Algumas destas marcas, que igualmente apontam para um estilo demasiadamente tenaz na condução da luta, consolidam-se nas noções de *esquadilha* e de *blindagem*, detentoras de uma secreta relação com a matemática

⁸⁸ *Idem*, p. 63.

nos mundos orgânico e mecânico e com uma legalidade outra, construtiva, exatamente oposta àquela legalidade caótica, em descompasso, anteriormente expressa em *Fogo e movimento*.

“Maquinando novos meios de luta, o espírito técnico aspira conseguir um incremento de mobilidade no combate, e isto não só promete o reavivamento da operação estratégica como ainda anuncia a aparição de um tipo mais duro e inatacável de soldado. Também na realidade deste intervém a modificação da legalidade (...). Em um mundo no qual a luta aparece como um caráter especial de trabalho já não é possível falar de um ‘povo em armas’ no sentido que nos resulta corrente. Do mesmo modo que os meios são superiores a todas as cifras imagináveis, também as tropas que se encontram ao serviço destes meios pressupõem um modo de seleção diferente do que pode ser garantido pelo serviço militar obrigatório. Em especial, a brevidade do tempo de serviço, que é uma das características da formação das massas, não basta para assegurar nem o necessário domínio dos meios nem a aceração das pessoas. Em correspondência com isto, se observa que a instrução, que está se especializando de muitas maneiras, começa a se preparar imediatamente.”⁸⁹

Há, portanto, toda uma série de indícios que apontam para a tendência de que os exércitos adquiram, continuamente, um caráter de objeto, e tal tanto no que se refere ao armamento e ao combate quanto no que concerne aos combatentes. Isto quer dizer que, num futuro breve, guerras de gabinete serão preferíveis às chamadas guerras populares pelo fato de se traduzirem em conflitos meditados, detentores de objetivos determinados em sintonia com circunstâncias objetivas. Mas, antes de qualquer coisa, Jünger ressalta, com a narrativa do menino que gosta de ser mau, que estes serão conflitos apartados da zona moral e que, portanto, não serão atravessados pelo sentimento de culpa responsável por recalcar a excitação dos “baixos instintos” ou, em outras palavras, do primitivo e das sensações de revolta.

Destacadamente, ele também não deixa de notar e ressaltar que muitos são os sinais da *revolução objetiva* que está avassalando e submetendo homens e

⁸⁹ *Ibidem*, pp. 65, 66.

mundo, mesmo que ainda de modo significativamente imperceptível, a uma legalidade modificada. De imediato, o surgimento das “vítimas” reclamadas pela técnica como pura *necessidade*. Esta inevitabilidade está infalivelmente atrelada ao tipo do trabalhador que afronta e encara a morte como uma coisa óbvia, um acidente indispensável, um fato que “faz parte” da voracidade do processo técnico.

O trabalhador é aquele que dispõe de uma espécie de *segunda consciência*, fria, acerada, voltada para a crescente capacitação em objetivar corpos, seres, vida, cosmos, e que opera na passagem do sentimento para o exterior da zona dor – fotografia, cinema, camuflagem, esporte, medicina, guerra, economia, paz, acontecimentos, política, tabus objetivam-se em sua esteira sendo objetivada, desta maneira, a própria imagem do mundo. O mecanismo é singelo: quanto maior a objetivação, maior a suscetibilidade e a suportabilidade à quantidade e à qualidade de dor; já o sentido do processo, duplo: liberação/liberdade e disciplinarização/coisificação. Aqui está em movimento o afã, o esforço para a construção de um espaço-tempo no qual o impossível se torne duramente real, a saber, ter-se a dor como uma *ilusão* em uma acepção completamente diferente daquela do sentimentalismo e do recalque. Nunca se devendo esquecer que a cadência deste movimento é dada pelo decurso técnico exato que atravessa o autêntico cunho da dor através de uma legalidade nova que não aquela dos ritos tradicionais ou dos “nervos” da burguesia.

“Estamos assistindo aqui a inauguração daquele espetáculo no qual a vida entra em cena como vontade de potência e nada mais?”⁹⁰, questiona então Jünger à maneira nietzscheana para lidar com uma resposta positivamente contraditória: sim, em termos de avanço e de aceleração da idade das valorações técnicas lógicas e não, em se tratando das exigências de responsabilidade e de legitimidade em vista do fantasma coletivo (latente) do nihilismo.

⁹⁰ Cf. JÜNGER, Ernst, *Sobre el dolor...*, cit., pp. 82, 83.

A conclusão do ensaio é rápida: a predominância de uma situação que se assinala pelo fato de algumas novas ordens do trabalhador já ocuparem posições consideravelmente aceleradas, de ponta, mas cujos valores ainda não se mostram suficientemente visíveis. Daí a crucialidade da dor enquanto único critério, única marca negativa da estrutura metafísica que informe corretamente, pois em consonância com as malhas do destino. Mais uma vez, a única maneira de transpor a dissonância exposta é, além de mergulhar de cabeça na revolução objetiva, participar, e participar com todo ímpeto e apesar de tudo, da armação bélica do mundo. Convicção.

Sim, eu sabia a respeito de Benjamin. Durante a guerra, eu me encontrava em Bourges, onde alemães emigrados tinham sido capturados e internados em um campo de prisioneiros. Apesar de fazer parte do exército, eu tive a oportunidade de ajudar mais de um deles. Eu também estava ciente quanto a Benjamin, mas ele tinha conseguido fugir de Bourges rumo à Espanha. Depois, nós soubemos que ele tinha se suicidado em Portbou. Mas também pode ser que ele tenha sido assassinado.

(...) Digo simplesmente que não se dispõe de nenhum elemento seguro que permita saber se ele se suicidou por desespero ou se ele foi assassinado. O que quer que seja, pessoalmente, eu não aprofundi a questão, da mesma forma que eu nunca estudei a fundo sua obra, por exemplo, suas teses de filosofia da história.

Ernst Jünger

É o que Benjamin denominou o núcleo teológico do marxismo: a reconciliação da vida em sua dimensão profunda. Talvez isso seja insolúvel, mas é dessa dimensão que decorrem as energias de todos os movimentos sociais. Em cada sociedade há uma vida nas profundezas, como sempre, também recalçada ou esquecida de onde se alimentam as energias para a guerra.

Heiner Müller

Este “*entre dois capítulos*” trata de um conflito incisivo de percepções e de apostas entre Ernst Jünger e companhia e Walter Benjamin. Em 1930, a editora Junker und Dünnhaupt publica a coletânea *Krieg und Krieger* (*Guerra e Guerreiros*) organizada por Jünger e encabeçada por seu ensaio *A mobilização total*⁹¹. No mesmo ano de sua aparição, Benjamin produz uma resenha dos ensaios que a compõem cujo título por si só é capaz de provocar espanto e inquietação: *Teorias do fascismo alemão* (*Theorien des deutschen Faschismus*). É por meio desta resenha, provinda do turbilhão dos acontecimentos, que este *entremeios* – que bem poderia ter por subtítulo *acerto de contas entre alemães quanto aos estados atual e futuro da Alemanha e do mundo* – tem por intuito construir articulações entre os conceitos de mobilização total, já posto para girar no capítulo precedente, e de estratégia de aceleração total de Heiner Müller, a ser colocado para rodar no capítulo ulterior.

* * *

Um relato sobre o Salão do Automóvel cuja conclusão, em linhas gerais, exprime-se a partir desta constatação: “*L’automobile, c’est la guerre*”⁹². Tal a posição de Léon Daudet, escritor, jornalista e líder do Partido Monarquista francês, publicada no cotidiano *Action française* do qual é um dos sócios fundadores; tais as formulações bombásticas que se encontram na base de sua surpreendente

⁹¹ Os demais ensaios de conservadores revolucionários que compõem a coletânea são respectivamente: *Shöpferische Kritik des Krieges* (*Nova crítica da guerra*) de Wilhem von Schramm, *Krieg und Krieger*, título homônimo da coletânea, de Friedrich Georg Jünger, *Die Intelligenz und der Krieg* (*A inteligência e a guerra*) de A. E. Günther, *Der verlorene Haufe* (*O grupo perdido*) de Ernst von Salomon, *Die grosse Verwandlung* (*A grande transformação*) de Friedrich Hielscher, *Der Krieg und das Recht* (*A guerra e o direito*) de Werner Best e *Die Bändigung des Krieges durch den Staat* (*A preparação da guerra através do Estado*) de G. Günther.

⁹² “O automóvel, é a guerra”. Tradução própria.

associação de ideias, feixe de percepção privilegiado: a concepção de uma *aceleração* dos recursos técnicos, das fontes de energia, das experimentações econômicas para com a natureza que não encontrando aproveitamento pleno e adequado na vida cotidiana, luta insistentemente por se justificar na guerra, mundial, guerra *imperialista* que com suas destruições prova que a realidade social não estava pronta para fazer da técnica seu órgão vital e que a técnica não estava suficientemente forte e potente para dominar as forças elementares do social, guerra imperialista que com suas devastações já expressa a enorme discrepância que existia entre os gigantescos meios tecnológicos e a mediocridade do conhecimento moral que lhes atravessava ou acercava, mesmo que, em termos de interesses econômicos, a sociedade burguesa não tivesse deixado de se esforçar por separar e estancar, na medida do possível e do necessário, a dimensão técnica da assim chamada dimensão espiritual. – A conclusão benjaminiana, um raio: “Toda guerra futura é ao mesmo tempo uma insurreição de escravos por parte da técnica”⁹³, logo, por parte da aceleração.

Estas são observações que marcam as questões relativas à guerra imperialista, à *experiência coletiva da guerra mundial* da qual os autores da coletânea incontestavelmente partem uma vez que todos foram soldados neste combate e que, no entanto, prostram-se diante da magnificência do espírito. Ora, “o que existe por trás das formulações espirituais de Jünger e de suas extensões colaboradoras?” pergunta Benjamin, não exatamente nestas palavras, para dizer, de modo ríspido, que se trata de um “misticismo perverso”, de um misticismo *bélico* arraigado nas fabulações e elucubrações de um pensamento viril e destacado de referências duras ao real, sobretudo, no que diz respeito a concepções consistentes da próxima guerra. Do contrário, a obtusidade, o modo oculto através do qual todos os implicados falam de guerras futuras atesta a falta de assimilação e de elaboração, por parte da experiência coletiva, de realidades – de fato, a pleiteada *ideologia da guerra* já está obsoleta se comparada ao estado

⁹³ Cf. BENJAMIN, Walter, “Teorias do fascismo alemão”, in *Documentos de cultura, documentos de barbárie (Escritos escolhidos)*, Seleção e apresentação de Willi Bolle, São Paulo, Cultrix, Editora da Usp, p. 130.

então atual do armamentismo europeu; o que lhe resta, talvez, seja uma espécie de pioneirismo ainda obscuro na *Wehrmacht*, o derradeiro sopro, ainda incerto. No momento então presente, a realidade da batalha de material, na qual por vezes se entreviu a revelação suprema da existência, mostra a desvalorização dos emblemas do heroísmo e a guerra química, tantas vezes desinteressante aos corpos tomados por morte inglória, está em vias de oferecer ao combate por vir categorias esportivas em detrimento das soldadescas tendo por característica estratégica primeva o fato de ser pura agressão, da maneira mais radical e inimaginável, pautada nos recordes de aniquilação e riscos elevados ao delírio do absurdo.

“Se o início da guerra ocorrerá dentro das normas do direito internacional – depois de uma prévia declaração de guerra – é algo que ninguém sabe; seu término não precisará mais contar com este tipo de barreiras. Ao abolir a distinção entre população civil e combatente, a guerra de gases anula a base mais importante do direito das gentes. Já mostrou a última guerra que a desorganização que a guerra imperialista traz consigo ameaça torná-la uma guerra sem fim.”⁹⁴

É um sintoma que estas questões sejam omitidas, desviadas ou mesmo desdenhadas em uma narrativa de 1930 capitaneada por Jünger, dedicada à guerra e aos guerreiros. Aos olhos de Benjamin, sintoma de um culto, de uma apoteose do combate que desemboca em uma velha nova teoria da guerra lastreada por uma origem, um destino, um estilo e um sentido decadentes em sua extemporaneidade, teoria que não chega a ser mais que a transposição irrefreada do *l'art pour l'art* para a guerra, pois, em sua rebelião, nada mais se percebe tão nitidamente quanto o descolamento da história contundente e de suas subseqüentes cartadas em forma de processo, e que, a despeito da proclamação dos discursos sobre os valores eternos e originais, tem na “tão pouco aristocrática pressa jornalística” para se apoderar da atualidade sem a compreensão detida do passado e dos mortos o salto para o fracasso, a ruína. Nomear o real em vez de mitificá-lo ou dotá-lo de uma aura natimorta, abraçar vividamente o pensamento:

⁹⁴ *Idem*, p. 131.

eis o que está proposto para ser efetivado na resenha que terá seu rastro levado até os autores da coletânea, mas, sobretudo, até aqueles que não compartilham de suas imagens, jogos de percepções e apostas, um vento fresco.

Engatando: como, realmente, funciona o *la guerre pour la guerre*? A Primeira Guerra Mundial é o corte do qual todos partem. Não somente é a guerra das batalhas de material, prontas para serem descartadas, como também, segundo o espírito da língua, a guerra enquanto uma totalidade perdida, a guerra alemã vencida em um sentido muito peculiar, a partir da substância material e espiritual mais íntima do povo, vinculada ao sangue. Sendo assim, esta derrota, uma das maiores da história, simplesmente significa o empobrecimento definitivo da existência alemã em peripécias, jogadas, quadros, imagens, achados e contribuições ao espírito do tempo, todos proporcionados pelo combate. A extensão e a intensidade do abalo que ela provoca é considerável.

Para lidar com ele, inicialmente, em meados de 1919, existe a tentativa de perverter a derrota em uma vitória interior através de um reconhecimento da culpa que se abre para potencialidades desmedidas, elementares, profundas, convictas enquanto que no período atual, 1930, superada a leve tentativa de esquecimento do acontecido, a tendência predominante é aquela que passa a levar a perda da guerra mais a sério que a sua própria ocorrência, reivindicando-a e mobilizando-a enquanto parte irrefutável da germanicidade – a derrota, assim, atrela-se à participação em uma pós-guerra, eterna, última ou ainda *suprassumo* da nova armação bélica do mundo, para que, só então, a mais alta expressão da Alemanha, a nova dominação, emerja da terra e do fogo. Ei-la, a guerra que por trás de si esconde a ideia da guerra ritual que, por sua vez, tem por sustentáculo o fato da guerra técnica e da aceleração e a ideia da luta travestida em grande protesto contra o modo de condução do conflito anterior e contra os civis ou a massa combatente que o marcaram indelevelmente.

A constatação benjaminiana que salta é que a avaliação da perda marcha na direção da luta cega, do culto da guerra dobrado aos apetites da burguesia

ansiosa, em sua ousadia suicida, pela decadência e pelo declínio do Ocidente. Afinal, quais inimigos reais? Qual, realmente, a compreensão do alcance e da velocidade da destruição e da transformação? Categoricamente, os autores em torno de Jünger ainda não conseguiram, nem sequer por um instante, olhar de frente para o que perderam, pois se o tivessem feito, segurariam a derrota convulsivamente, com unhas e dentes. Suas lutas voltaram-se ferrenha e brutalmente contra a reflexão pautada nos acontecimentos ou, dito em termos de história pesada, deixaram escapar a grande oportunidade dos vencidos, a transmutação da luta para uma outra esfera, para uma outra dimensão, a diferença de futuro, como os russos ou os revolucionários de Berlim e de outras cidades alemãs, até que o momento propício tivesse passado e os povos europeus tivessem reincidido no papel de parceiros e trapaceiros de transações mercantis⁹⁵. Apostaram na magia de um destino dos vencedores que, imperando nas nuvens, segundo um dos autores citados por Benjamin, Florens Christian Rang, operava (e ainda o faz) através de um velho novo modo de *idealismo alemão*⁹⁶, voltado para a realização do passado cósmico em um futuro grandiloqüente munido, de modo não romântico, porém desencantado e liberado

⁹⁵ “(...) uma data capital é o assassinato de Rosa Luxemburgo e de Karl Liebknecht. Para mim, é aí que começa a Segunda Guerra Mundial. É aí que o proletariado alemão é decapitado.”, “Tant que nous croyons à notre avenir, nous n’avons pas besoin d’avoir peur de notre passé”, in MÜLLER, Heiner, *Erreurs choisies, cit.*, p. 140. Entrevista realizada por Gregor Edelmann em 1986. Ou, “O drama mais pleno de conseqüências da história recente foi sem dúvida o fracasso da revolução proletária na Alemanha e seu estrangulamento pelo fascismo, e sua conseqüência mais grave, o isolamento da experiência socialista na União Soviética sobre um terreno onde as condições de experimentação não estavam reunidas.”, “Fatzner+Keuner”, in MÜLLER, *Erreurs choisies, cit.*, p. 27. Escrito em 1980. Traduções próprias.

⁹⁶ De acordo com aquele, diz Benjamin, cuja vida possuía mais germanicidade que o cortejo do desespero: “A demoníaca crença no destino, para a qual a virtude humana é vã; a noite escura de uma obstinação, que consome num incêndio apocalíptico a vitória dos poderes da luz (...), a aparente magnificência de vontade contida na idealização da morte no campo de batalha, que joga a vida fora, com desprezo, trocando-a pela idéia – essa noite prenhe de nuvens, que há milênios nos recobrem e que para iluminar nosso caminho acende, em vez de estrelas, relâmpagos ensurdecedores, atordoantes, depois dos quais a noite fica ainda mais atordoante: essa horrenda cosmovisão da morte universal, que no idealismo alemão alivia o horror com a idéia de que atrás das nuvens há o céu estrelado – essa tendência do espírito alemão é a mais profunda falta de vontade, não assume o que diz, é um esconder-se, (...) um não querer saber, um não querer viver e um não querer morrer (...). Pois é essa a dúbia atitude alemã perante a vida: poder jogá-la fora, quando não custa nada, num momento de embriaguez, num gesto que ao mesmo tempo assegure o sustento dos que ficam e ilumine a vítima com uma auréola eterna.”, RANG, Florens Christian, *apud* BENJAMIN, Walter, “Teorias do fascismo alemão”, in *Documentos de cultura...*, *cit.*, p. 133.

de resquícios nostálgicos ou projeções apocalípticas, dos arsenais técnicos e bélicos presentemente mobilizados pela economia burguesa necrófaga.

Todavia, em um ponto Benjamin deposita sua confiança nos “acertos genuínos e explicações plausíveis” de Jünger e de seus companheiros: na metamorfose que estes vêem por entre as chamas, de pronto, no novo soldado talhado a partir da transformação da própria luta com a Primeira Grande Guerra. Ele o recorda por meio das descrições dos autores adicionando alguns fatos: no início do combate, receptáculo do idealismo fornecido pelo Estado e pelo governo, cara animada, descontraída, entusiasmada, impetuosa; e, com o passar do tempo, ao final das campanhas, requerente desenfreado, alucinado da mercadoria *graça* em terras-de-ninguém, rosto mortalmente cansado, esquálido, inexoravelmente tenso. Neste ínterim, as batalhas de material, incessantes trabalhos de destruição, o criando e o formando, ele, o herói sinistro, cinzento como o aço, solitário, abalado, cada vez mais distante da nebulosa esfera de onde acenariam a glória e o ideal, mesmo que por suas conduta rígida e linguagem primordial (incutidora de incontornável desconfiança às civilizações e moralidades), vá se sentindo cada vez menos combatente da guerra mundial que executor da pós-guerra, ardoroso da morte e do futuro. Este o tipo de soldado real que, ao sobreviver à experiência coletiva da guerra mundial, defende continuamente, com todas as forças impossíveis e improváveis, a paisagem do front, sua pátria verdadeira ou, acertando-se a realidade em cheio, a *paisagem totalmente mobilizada*, nos dizeres benjaminianos, “formulação exata” de Jünger que tem apenas de receber um exame mais prolongado – ou, na verdade, um duradouro tratamento de choque:

“Precisamos dizê-lo com toda amargura: diante da paisagem totalmente mobilizada, o sentimento alemão pela natureza teve uma intensificação inesperada. Os gênios da paz que tão sensivelmente a habitavam, foram evacuados (...). Com lança-chamas e trincheiras, a técnica tentou realçar os traços heróicos no rosto do idealismo alemão. Foi um equívoco. Pois o que ela julgava serem traços heróicos eram traços hipocráticos, os traços da morte. Assim, profundamente impregnada pela sua própria perversidade, a técnica modelou o rosto apocalíptico da natureza, fazendo-a

emudecer, embora pudesse ter sido a força capaz de lhe dar voz. A guerra como abstração física, professada pelo novo nacionalismo, nada mais é do que a tentativa de desvendar por meio da técnica, de maneira mística e imediata, o segredo de uma natureza concebida em termos idealistas, ao invés de elucidar e utilizar esse segredo indiretamente, pela organização das coisas humanas. 'Destino' e 'heroísmo' relacionam-se na cabeça desses homens como Gog e Magog, suas vítimas não são filhos dos homens, mas filhos das idéias. (...) Quando alguns deles tentam ver as coisas como elas são, fica claro como seu conceito de heroísmo imperceptivelmente se transformou, como as virtudes por eles celebradas da dureza, da taciturnidade, da implacabilidade, são na verdade menos as virtudes do soldado do que as do guerreiro experimentado na luta de classes. O que se formou aqui, a princípio sob a máscara do voluntário, na Guerra Mundial, e depois, sob a máscara do mercenário, na pós-guerra, é na verdade o confiável guerreiro fascista na luta de classes; e o que os autores entendem por nação é uma classe dominante apoiada nessa corporação, uma classe que não precisa prestar contas a ninguém e muito menos a si mesma, imperando nas alturas, com os traços de esfinge do produtor, que em breve promete ser o único consumidor de suas mercadorias. Com essa fisionomia de esfinge, a nação dos fascistas constitui-se, ao lado do antigo mistério da natureza, num novo mistério, econômico, o qual, longe de iluminar-se com a luz da técnica, ostenta agora seus traços mais ameaçadores. No paralelograma de forças constituído pela natureza e pela nação, a diagonal é a guerra [e o ponto de intersecção das diagonais, a aceleração]."⁹⁷

Aqui o Estado desempenha um papel fundamental. Recuando-se alguns anos porém, pode-se afirmar que, por sua própria constituição e postura, ele já exercia um papel importante nesta referida teoria "mística" da guerra – para garantir o controle do combate, ele devia adaptar-se às forças *mágicas*, mobilizando-as em tempos de confronto e calma, mostrando-se digno de suas potências, para atraí-lo para seus fins. Entretanto, o que prevalece é a verificação

⁹⁷ *Idem*, pp. 135, 136. "A virada da história alemã pré-fascista se situa em 1932. Os empresários dos trustes alemães se encontraram em Düsseldorf onde Hitler proclamou seu célebre discurso que, na realidade, pode ser qualificado de marxista. Ele declarou que o nível de vida da raça branca não poderia ser melhorado se aquele das outras raças não fosse piorado. Ele dizia que, para sustentar uma tal posição, os meios econômicos não eram suficientes, que os meios militares também eram necessários. Esta linguagem foi ouvida e ele obteve a verba de que precisava para a guerra. Este era o último baluarte contra o socialismo.", "Murs", in MÜLLER, Heiner, *Erreurs choisies*, cit., pp. 76, 77. Entrevista realizada por Sylvère Lotringer em 1981. Tradução própria.

de seu fracasso diante dos acasos e dos fatos da Primeira Grande Guerra por parte de todos os autores da coletânea. Daí para frente, o que resta é a averiguação de Benjamin do caos: o surgimento de formações híbridas entre corporações religiosas e representações oficiais do poder público que rapidamente foram se consolidando em bandos independentes, desvencilhados de laços estatais, oferecedores de serviços aos magnatas das finanças, da inflação e das indústrias que, a seu turno, ao duvidarem do Estado como mantenedor e promotor de seus bens e valores, pelo intermédio de organismos privados ou do exército, fizeram jus à disponibilidade e dádiva ofertadas. Já no paralelograma de forças acima mencionado, trata-se sim da promoção de um velho novo Estado, contudo, estruturado e armado com os novos guerreiros, *condottieri* originais paramentados com a técnica, engenheiros da (pós-)guerra dotados de altos ou baixos soldos, contrapartidas dos altos e baixos funcionários de colarinho branco a serviço da classe dominante, munidos da procuração estatal para executar tarefas de cunho imperial, o sonho dos autores, a sombria eliminação dos conflitos políticos pela arte da guerra.

A abertura benjaminiana para a produção da diferença de futuro, da Alemanha e do mundo, a *guerra civil*: “mágica marxista” ou, nos termos de seu núcleo teológico, messianismo do profano.

“A Alemanha não pode aspirar a nenhum futuro, antes de destruir os traços de medusa das figuras que aqui lhe barram o caminho. Destruí-los (...) [isto] significa dirigir todas as luzes da razão e da palavra sobre a tal ‘vivência primordial’, de cuja surda escuridão surge a mística da morte do mundo (...). A guerra revelada nessa luz não é a ‘eterna’, invocada por esses novos alemães, nem a ‘última’, com que se entusiasmam os pacifistas. Na verdade, é apenas isto: a única oportunidade, a mais terrível e derradeira, de corrigir a incapacidade dos povos de organizarem suas relações mútuas segundo o modelo de suas relações com a natureza, através da técnica. Se a correção fracassar, milhões de corpos humanos serão estraçalhados pelo gás e pelo aço – isso é inevitável – mas mesmo os *habitués* dos terríficos poderes ctônicos [*titânicos*] (...) não descobrirão nem a décima parte daquilo que a natureza promete aos seus filhos menos curiosos e mais sóbrios: que a técnica não é

um fetiche para a destruição, mas uma chave para a felicidade. Eles darão uma prova dessa sobriedade quando se recusarem a ver na próxima guerra uma intervenção mágica e quando descobrirem nela a imagem do cotidiano; essa descoberta os levará a transformá-la em guerra civil: mágica marxista, a única à altura desse tenebroso feitiço das ruínas.”⁹⁸

⁹⁸ BENJAMIN, Walter, “Teorias do fascismo alemão”, in *Documentos de cultura...*, cit., p. 137.

Textos de Jünger e Nietzsche, a primeira coisa que li depois da guerra.

[Ler Jünger] *Era importante para mim, era algo como uma injeção aristocrática indo ao encontro desta tendência dos primeiros anos de colocar tudo sobre o mesmo plano.*

Foi justamente antes de Brecht que li Jünger.

A direita não é algo monocromático. O importante é que não sejamos estreitos demais e que pelo menos se tome conhecimento de conceitos que não correspondam às nossas expectativas.

Já não tenho um plano racional para o universo no bolso, Deus e os deuses dos mitos estão mortos, o Espírito do Mundo montado a cavalo já morreu na ilha de Elba de câncer de estômago ou de envenenamento por arsênico: eu não sou o Espírito do Mundo diante da máquina de escrever; vejo possibilidades e necessidades, o futuro não nasce dos jogos infantis.

Heiner Müller

II. Realidade processada: o titanismo nazi e a estratégia de aceleração total

A partir daqui a narrativa vai quebrar. O conceito de estratégia de aceleração total econômica e tecnológica terá de ser comido pelas margens, pois os *materiais*⁹⁹ de Heiner Müller aqui selecionados – conversações, cartas, comunicações, textos, ensaios, vídeos, poemas e, sobretudo, entrevistas, produzidos ao longo das décadas de 1950, 1970, 1980 e 1990¹⁰⁰ – requerem que assim o seja.

Primeiro, chegará a produção de parte do modo de percepção cosmológico que *passa* por Müller: realidade, história, morte, mito comunismo. Em seguida, virá o trabalho do conceito em questão que parte de uma de suas obsessões que não Shakespeare: a história alemã.

⁹⁹ Os materiais são simplesmente tudo: sensações, mitos, esboços, filosofias, falas, experiências, sonhos, artes, pensamentos, textos, imagens, idéias, peças teatrais, outros. Eles se desdobram, tudo se tornando passível de utilização, acoplamento e colagem, para que articulações inusitadas, curto-circuitos, *insights*, *timings* contrastem com, resistam a, potencializem e integrem as narrativas e descrições existentes de processos e contextos históricos. Os materiais transformam-se em formas e fragmentos, imensamente dependentes das tensões e contradições entre intencionalidades e atualidades mas, sobremaneira, definidos em função de suas dinâmicas internas postas para operar e amadurecer no transcorrer da história. Fundamentalmente, trata-se de, por meio deles, assimilar realidades e produzir metáforas mais inteligentes que quaisquer autores e alegorias e mais amplas que quaisquer indivíduos e parábolas.

¹⁰⁰ Presentes em MÜLLER, Heiner, *Erreurs choisies*, cit., pp. 9-173; MÜLLER, Heiner, *Fautes d'impression*, cit., pp. 9-207; MÜLLER, Heiner, *Germania*, Nova York, Semiotext(e), 1990, pp. 13-247; MÜLLER, Heiner, *Guerra sem batalha: uma vida entre duas ditaduras*, São Paulo, Estação Liberdade, 1997, pp. 17-329; MÜLLER, Heiner, *Medeamaterial e outros textos*, Rio de Janeiro; São Paulo, Paz e Terra, 1993, pp. 13-206; MÜLLER, Heiner, *O Anjo do desespero (poemas)*, Tradução, posfácio e notas de João Barrento, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1997, pp. 9-88; MÜLLER, Heiner, *Poèmes (1949-1995)*, Poemas reunidos por Jean Jourdheuil, Paris, Christian Bourgois Éditeur, 1996, pp. 11-142; MÜLLER, Heiner, e KLUGE, Alexander, *Esprit, Pouvoir et Castration: entretiens inédits (1990-1994)*, Paris, Éditions Theatrales, 1997, pp. 7-74; MÜLLER, Heiner, e KLUGE, Alexander, *Profession Arpenteur: entretiens nouvelle série (1993-1995)*, Paris, Éditions Theatrales, 2000, pp. 7-125; MÜLLER, Heiner, e KLUGE, Alexander, *Conversations between Heiner Müller and Alexander Kluge*, in <http://muller-kluge.library.cornell.edu/en/videos.php> (Acessos em Julho, Agosto e Setembro de 2010); GALISI FILHO, José, *A constelação do Zênite: imaginação utópica e histórica em Heiner Müller (anos setenta e oitenta)*, Dissertação de Mestrado em Teoria Literária apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Campinas, 1995, pp. 10-414; e KOUDELA, Ingrid (org.), *Heiner Müller: o espanto no teatro*, cit., pp. 45-117.

Alemanha, o coração do século XX feito monumento que torna a sangrar. A Primeira Guerra Mundial, o titanismo *nazi*, a Segunda Guerra Mundial a partir de seus olhares e piscares. O que ele percebe enquanto estas operações efetuam-se por entre as máscaras? De imediato, Máquina de guerra alemã *versus* espectro do comunismo, Auschwitz, aceleração, economia, técnica – o impulso pelas velocidades acrescidas, pela alma do dinheiro e pela retidão contra a morte.

* * *

Aqui, o interesse é pelas realidades processadas, assimiladas, e não pelo que se concebe em termos de ideações, figurações e duplicações por “real em si mesmo”. Um de seus desdobramentos, o fazer passar a história ao invés do autoritário empreendê-la. Para que aquilo aconteça, Müller se transmuta em uma espécie de antena a captar estilhaços de materiais da história e dos mitos que, por sua vez, serão expressados nas formas documentária, dramatúrgica e poética.

Logo de início, é possível afirmar que a história que se registra na colisão dos estratos de tempo do passado, do presente, do futuro é um de seus temas fundamentais. História que exige conhecimento, denúncia, conflito profundo com seus desdobramentos para ter formulada suas experiências – mesmo que não totalmente –, liberar de suas contradições – desdobrando-as em outros níveis – e não retornar sob a forma antiga como, por exemplo, um pesadelo assolado por muitos fatos e sonhos reprimidos ou o terror de uma dança de punhais com os fantasmas e os espectros do passado e do futuro.

História que tem de ser olhada no branco de seus olhos, capacidade desenvolvida a partir da pressão crescente da experiência autêntica arrebatadora dos desenvolvimentos lineares e das periodizações coloniais da *Realpolitik*, para que, de fato, tenha sua espiral arrastada muito além da política, este fio branco, e mesmo mais, furiosamente a arruíne ao forçar, triturando, seus desdobramentos pelas periferias, pelas diferenças.

História que também tem de ter seus ossos expostos para terminar, para transformar-se. Seu maior problema, o excesso de peles, carnes, grossas camadas de seu corpo assegurando a putrefação e a infestação da vida. O impulso mais importante tem de ser o atravessamento destas suas superfícies para que se chegue até os ossos de seu esqueleto, de sua estrutura, sem deixar de lado tantos materiais, tantas realidades, tantos saberes impeditores de seu soçobro em gorduras, opacidades, vontades de permanência. O crucial aqui, o fazer passar a morte pela vida.

A história burguesa se reduz intensamente por sua repressão deste processo, pelo seu recalque da morte, pelo seu *niilismo*. Para desviá-la, primeiramente é necessário que os mortos sejam desenterrados para em seguida serem comidos e terem suas partículas vivas cuspidas e expostas à luz do dia. Culturalmente, é imprescindível aceitar suas presenças como parceiros e destruidores de diálogos e, assim sendo, não interromper os confrontos produzidos até que eles revelem a parte de futuro que levaram para os túmulos junto de si próprios. Só depois disto é que todos eles devem ser conjurados, enterrados novamente, a despossessão e a liberação se desenrolando em *slow motion*, fazendo com que a morte não continue a ser usada para apodrecer a complexa, inacabada e contraditória vida histórica. Eis o peso das gerações mortas e o sonho das liberações do passado e do futuro – diante deles, “a primeira forma de esperança é o medo e a primeira aparição do novo, o espanto”¹⁰¹.

É certo que a liberação dos mortos não colocará os vivos ao abrigo de outras mortes que se tornarão suas próprias ressurreições. Pois os anjos das revoluções só habitam os cemitérios até que recomecem seus vôos. É por conta da visada destas revoadas que o *mito comunismo* tem de ser, obstinadamente, o meio, a pré-condição a habitar a história para que, constantemente, uma alternativa ao desdobrar de seu conceito burguês se lhe afronte e assombre. Este

¹⁰¹ Cf. MÜLLER, Heiner, “O espanto como a primeira aparição do novo: para uma discussão sobre a pós-modernidade em Nova York”, in KOUDELA, Ingrid (org.), *Heiner Müller: o espanto no teatro*, cit., p. 48. Escrito em 1979.

mito é uma máquina com a qual sempre se podem conectar outras máquinas, como as utopias, os erros, os prazeres, é uma máquina transmissora da substância, da energia da diferença de futuro que, a seu turno, pode ser traduzida por *história universal*, oportunidade de chances similares de existência dos distintos níveis de civilização em que, terminantemente, a liberdade não se paga ao preço da igualdade e vice-versa.

* * *

Esta parte do modo de percepção que atravessa Müller operará sobretudo durante as entrevistas realizadas ao longo das décadas de 1970, 1980 e 1990. Neste período, é preciso mencionar que elas costumam-lhe ser rituais bastante inoportunos, muitas vezes mecânicos ou mesmo árdus, aos quais geralmente a entrega se dá com falta de vontade (o que não quer dizer que, estando nelas, ele não receba seus raios e clarões de comicidade). Mas, freqüentemente, a formulação teórica de problemas e incômodos a partir da escritura de textos discursivos e argumentados lhe parece ainda mais penosa: o dever de elaborar um pensamento constituído e assumir uma postura inexorável. Daí sua preferência pela abertura da reflexão para o movimento das entrevistas, intensamente dependentes dos jogos que acontecem entre as situações e conversações e os parceiros e inimigos de interlocuções e extremamente potencializadoras da fala, dos bloqueios, desvios e guinadas de rumo, do fragmentário, do inacabado e do reticente, dos saltos pela história, da expressão desenvolva, dos conflitos e erros, das contradições e ficções.

É pelo fato de serem desempenhos que as entrevistas se mostram muito mais afeitas ao teatro que à literatura, às garrafas atiradas ao mar endereçadas tanto aos mortos quanto aos vivos que às torres de marfim reservadas aos imortais. Mas o imprevisto e a experimentação que este denominado gênero aparentemente menos severo comporta, não deixam de se articular, e mesmo mais, de colocar para girar os escritos mais densos que, no caso de Müller,

traduzem-se em peças teatrais, fragmentos sintéticos, ensaios, cartas, manuscritos, poemas. Dito isto, resta apenas o engate em sua fixação.

* * *

Para escutar linhas que urram e que gritam é preciso obsessão. Apenas, olhar atentamente para o que se vê por um tempo suficientemente longo, não se deixar distrair, e, então, o que se estiver olhando poderá se tornar revolucionário – berros distendidos e dispersos pela paisagem. Isto tem de ser feito na Alemanha. Tomar este objeto da história nos jeitos em que se atualiza, e terminar com ele, calmamente, sem se deixar dispersar. – Meditar.

A obsessão atrela-se à impulsão fundamental da destruição, ao prazer da ruína e da desintegração. A história da Alemanha é uma das obsessões que Müller tenta incessantemente arruinar¹⁰². O maior ímpeto, o desnudar de seus complexos até o esqueleto, libertando-os de suas carnes e superfícies necrófagas, para só assim acabar com eles. Se todas as ilusões, ideias, ideologias forem demolidas, trombando-se com situações reais, pode ser que seja possível capturar a oportunidade de produção de algo outro, novo. O perigo, talvez, é que estas situações sucumbam. E o risco, assim, a desilusão.

Se a questão Alemanha é um problema de vida ou morte no século XX, é indispensável que o acesso a seu *background* histórico seja efetivado não apenas com sucesso, mas também com eficácia e astúcia. Poucos tão intensamente instigantes quanto o apelidado *Müller-Deutschland*¹⁰³ – (ex-)outorgante a depositário da memória alemã que claramente não gosta dos alemães e que, justamente por isto, se configura como um *outsider* na Alemanha – para encarar

¹⁰² No que diz respeito às peças teatrais, destaque para *A batalha* (1951-1974), *Germania morte em Berlim* (1956-1971), *Vida de Gundling Frederico da Prússia SonoSonhoGritodeLessing* de 1976, *A estrada de Wolokolamsk* (1984-1987) e *Germania 3: os espectros do morto-homem* de 1995.

¹⁰³ Este apelido pode ser compreendido em ao menos dois níveis: além da questão Alemanha, Müller mora em Berlim Oriental durante um período que se estende do começo da década de 1950 aos primeiros anos da década de 1990 tendo permissão para atravessar o muro em direção ao Ocidente até sua queda seguida por aquela da República Democrática Alemã (RDA).

furiosamente de frente, branco dos olhos no branco dos olhos, a missão. O que lhe importa neste confronto, enquanto escritor e entrevistado que tenta todo tempo transmutar-se de objeto desta história em seu sujeito, é, sobretudo, a preservação de traços da experiência alemã, uma experiência fundamental, e isto não diretamente para os próprios alemães, mas para todos os outros, para todos aqueles que deverão saber o que foi este acampamento de loucos que fez coisas tão insanas e no qual história e morte se tornaram a tal ponto indistintos que os acontecimentos estouraram e reverberaram, em grande medida, através do terror.

Aqui, estes traços serão preservados até o período que se desenrola logo após o término da Segunda Guerra Mundial.

* * *

Um povo que tem castrada sua coragem civil – que não se trata de formação *militar* para a guerra – por uma repressão sangrenta de uma revolução prematura. A Guerra dos Camponeses Alemães é a primeira revolução precoce na Europa cuja força não é suficiente para arrebatara a supressão brutal que vem a galope e que tem em sua rabeira a destruição do potencial revolucionário alemão de séculos¹⁰⁴. A Guerra dos Trinta Anos, o golpe castrador seguinte¹⁰⁵. Depois, Frederico Guilherme I, o “Rei Soldado” ou “Rei Sargento”¹⁰⁶ e seu filho, Frederico II, o Grande, o “terrível”¹⁰⁷. Apesar deste grande equívoco que é “velho Fritz”, apesar de tudo o que se fala contra sua figura, uma mistura de desprezo pelo

¹⁰⁴ A Guerra dos Camponeses Alemães (1524-1526) consubstancia-se em um conjunto de revoltas motivadas por questões econômicas e religiosas encabeçado por camponeses, cidadãos e nobres. São estes os responsáveis por elaborar a primeira manifestação escrita do que viriam a ser os direitos humanos.

¹⁰⁵ A Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) é fomentada por rivalidades quanto a assuntos religiosos e constitucionais germânicos que acabam por gerar uma série de guerras ferozes entre diversas nações européias, guerras estas também inicialmente motivadas por conflitos religiosos, mas igualmente por rixas dinásticas, territoriais e comerciais. Seu desfecho é oficialmente selado com a assinatura de tratados que em bloco constituem a Paz de Vestfália.

¹⁰⁶ É o rei da Prússia de 1713 a 1740, ano de sua morte. Reputado por sua avarizia, seu desdém pelas coisas espirituais, sua brutalidade e sua vontade de tudo comandar no menor detalhe, acresce sobremaneira a importância do exército para os prussianos e confirma a influência crescente deste reinado no seio das disputas européias.

¹⁰⁷ O exemplo de déspota esclarecido que governa a Prússia entre 1740 e 1772 e que a eleva a grande potência européia.

espírito alemão e conversão das Luzes para o combate (“Quando ministros estão falando sobre guerra, é como se um Iroquês estivesse falando sobre música”¹⁰⁸), ele, o apostador que frequenta Voltaire, é elevado a rei de conto de fadas dos alemães¹⁰⁹. Pois, simplesmente, precisa-se de um. Frederico II, o Único, o príncipe sapo. Mas quando os alemães têm de lidar com um soberano verdadeiro, o erro salta, a começar pela questão geográfica: Napoleão Bonaparte, o exportador e liquidador da Revolução Francesa. Ele poderia ter combinado uma liberação camponesa com a liberdade de comércio na Alemanha... Só tomba na Bélgica via Rússia, Waterloo, e que os alemães tivessem preferido tê-lo como rei, apenas poucos ou quase nenhum tiveram o destemor para admiti-lo. O sofrimento coletivo, que no âmago da história alemã não tenha existido um brilhante rei. (E isto tem de ser levado a sério uma vez que, no fundo, toda a dramaturgia alemã passou a ser uma busca da figura do soberano que nunca vingou¹¹⁰.) A última chance da Alemanha pertencer à Europa, as Revoluções de 1848 ou a Primavera dos Povos¹¹¹. Perdida. O diagnóstico, em poucas palavras, a ausência de revolução burguesa na Alemanha, sendo o teatro o equivalente ou sucedâneo da Revolução Francesa neste projeto de nação ainda utópico. Assim é que se dá uma emancipação do intelecto e do espírito, pois ela não acontece na realidade e no sangue.

* * *

¹⁰⁸ Cf. MÜLLER, Heiner, e KLUGE, Alexander, “Frederick of Prussia”, in *Conversations between Heiner Müller and Alexander Kluge*, <http://muller-kluge.library.cornell.edu/en/videos.php> (Acesso em Setembro de 2010). Entrevista difundida em 1992. Tradução própria.

¹⁰⁹ “(...) ele é, de modo bastante esquisito, o único monarca alemão ou a única figura governante que é digna de dramatização, porque com ele as discrepâncias estão nitidamente definidas. Primeiro de tudo, provavelmente o único intelectual no trono alemão. Por isto ele era também um cínico, é claro. E um rei que tinha desprezo por seu povo, desprezo que se estendia até suas linguagem e literatura. Ele nem mesmo conhecia a Alemanha e, apesar disso, desdenhava da literatura alemã. E ele é aquele que se tornou um ídolo, o emblema do patriotismo prussiano. E tudo isto traz junto de si tantas contradições... motivo pelo qual ele é interessante.”, *idem*.

¹¹⁰ Cf. MÜLLER, Heiner, “Para sempre em Hollywood”, in *Revista Vintém*, Revista da Cia. do Latão, n.5, 1º semestre de 2004, p. 39. Entrevista realizada por Frank M. Raddatz e originalmente publicada em 1994.

¹¹¹ Revoluções pela Europa duramente reprimidas, mas com desdobramentos significativos ao menos no que tange ao povo alemão por conta da produção do Tratado de Frankfurt de 1849. Este tratado produz os germes da unificação alemã encabeçada por Bismarck em 1871 com o fim da Guerra Franco-Prussiana.

Em 1914 vem o estouro da guerra. Por que o movimento operário não é capaz de preveni-lo quando o *pathos* é que a Internacional acabará com todas as guerras? Um problema primeiramente alemão. O fracasso resultante da Primavera dos Povos produz uma aliança entre burguesia e militares, realmente, a máquina militar alemã, mecanismo responsável por absorver e canalizar as energias proletárias e revolucionárias¹¹². É neste sentido que, em 1914, o entusiasmo guerreiro predominante entre os alemães faz-se tão bizarro. A máquina militar da Alemanha. Nenhuma outra nação afunda em tal avassalamento. Este entusiasmo representa algo como a ilusão do desligamento da exploração, a liberação sob todos os pontos de vista, sobretudo de todas as ligações sociais, e um retorno a uma condição anterior, aquela do caçador.

Este também é o significado das noções estratégicas de Alfred von Schlieffen¹¹³. O Plano Schlieffen consiste-se nisto: o flanco direito do exército

¹¹² “Donoso Cortês, um diplomata espanhol monarquista e católico, encontrava-se na Alemanha durante a revolução de 1848. Por meio desta revolução, a Alemanha tentava recuperar seu atraso com relação ao restante da Europa e, notadamente, sobre a França e a Inglaterra. Ela fracassou em um compromisso nacional que quase que inevitavelmente levou à militarização das energias revolucionárias. O que explica o dinamismo da máquina-de-guerra alemã. Depois do fracasso da revolução na Alemanha, Cortês apresentou uma conferência sobre a situação da Europa na Universidade de Salamanca. Uma de suas teses era que depois do fracasso da revolução na Alemanha, a próxima revolução aconteceria não na Inglaterra, mas em Petersburgo. E que disto resultaria o principal perigo para a Europa, a saber, a aliança entre o socialismo e os eslavos. Para Cortês, isto significava o declínio da Europa, pois ele não acreditava que os eslavos pudessem ser para a Europa o que os germanos haviam sido para Roma: uma transfusão de sangue. Segundo ele, os eslavos não possuiriam nenhuma força de integração, eles seriam integrados antes de terem podido integrar outros. Desta aliança nasceria um cadáver em decomposição. Sendo monarquista, certamente Cortês era um adversário de Marx. Mas Marx tinha o mesmo pesadelo, ele temia que seu projeto se realizasse primeiramente na Rússia. Desde 1848, coloca-se em prática o princípio de uma canalização das energias revolucionárias em direção a e na maquinaria guerreira e, por via de conseqüência, da experimentação do socialismo em um país subdesenvolvido, a Rússia.”, MÜLLER, Heiner, “Arracher l’utopie au terrorisme”, in *Fautes d’impression, cit.*, pp. 156, 157. Entrevista realizada por Frank M. Raddatz em 1990. Tradução própria.

¹¹³ Conde, general do exército alemão até 1906 e responsável pela elaboração do Plano Schlieffen em 1905. Este último consiste em uma organização militar, estratégica e logística extremamente minuciosa que, em agosto de 1914, é posta em funcionamento pelo subsequente general do exército alemão, Helmuth von Moltke. Originalmente, o plano concebe uma guerra em dois fronts, contra a França a oeste e a Rússia a leste. Contando com uma estrondosa rapidez de execução, ele arma uma estratégia para que, primeiramente, a França seja derrotada em aproximadamente seis semanas a partir da utilização de 90% do efetivo alemão em um ousado ataque contra Paris enquanto os 10% restantes encarregam-se da contenção do exército russo no leste da Prússia para que a manobra a oeste seja garantida. Somente após arruinar o exército francês é que as tropas alemãs a oeste devem se movimentar para o leste com vistas a deterem os russos. Para a

alemão marcha através da Bélgica neutra e da Holanda para adentrar a França e atacar o adversário por trás, surpreendentemente repelindo-o. Está é, de um ponto de vista marxista, a liberação do proletariado da exploração por meio de um retorno ao estatuto do caçador, a regressão histórica que é experimentada como uma libertação. O que é decisivo nesta embriaguez guerreira é o fato de consubstanciar-se na liberação das articulações e dos complexos burgueses. A guerra como a grande puberdade. Mas um outro aspecto a ser constatado é que o Plano Schlieffen repousa sobre movimentos de tropas não-interrompidos. E Moltke o corrige neste ponto crucial. Enquanto que, para Schlieffen, é suficientemente clara a necessidade de manter em movimento o setor central do front alemão, e ele realmente cogita da penetração dos franceses em território nacional tão-somente para que isto seja assegurado, Moltke, no desenrolar do combate, fixa este centro, por patriotismo, provocando a guerra de posição e o parto da superioridade *moral* dos adversários franceses e britânicos. Quer dizer, sua decisão desencadeia os meios mecânicos dos alemães, mas sobretudo, de seus próprios inimigos (...“primeiro a separação dos cavalos, depois dos humanos até que só restassem máquinas”¹¹⁴) e o plano que dantes apostava na guerra de movimento, no inusitado cerco sem ataques frontais, é rigorosamente

execução do ataque à França, a passagem pelo Flandres, pela Bélgica e pela Holanda é a rota mais rápida e mais interessante em termos táticos e políticos para configurar o assalto, mesmo ao preço de violação da neutralidade belga. Dentro de um prazo apertado, as companhias alemãs devem se movimentar avançando sobre Bélgica, Holanda e França em uma curva, atacando o nordeste francês em rota para Paris. Ao flanquearem o exército francês, o objetivo é atacá-lo pelas costas, onde incontestavelmente ele está mais vulnerável. Enquanto isto, uma ínfima força armada alemã deve guardar a fronteira franco-alemã permitindo que os franceses avancem por ela se preciso for ao passo que a curva esteja sendo feita e o cerco esteja se configurando para que, quanto mais eles tentem manobrar para recuperar os territórios perdidos e assim penetrem com todo ímpeto no leste, mais o ataque com toda força e, por conseguinte, a destruição fatal, estejam garantidos. Ocorre que, em 1914, Moltke efetua algumas modificações e correções neste plano. A mais crítica dentre elas é a alteração da proporção dos efetivos originalmente estabelecida, pois esta lhe parece impraticável por conta de questões espaciais e logísticas. Moltke decide-se então pela diminuição do número de tropas destinadas a avançar sobre a Bélgica e a França para reforçar a cobertura sobre as fronteiras franco-alemã e russa. Em outros termos, a opção pelo travamento dos movimentos. Seu isolamento da linha de frente, não tão distante de Paris, mas que o leva novamente a tomar decisões errôneas responsáveis pela criação de pontos de fragilidade nas linhas alemãs, provoca o contra-ataque veloz das forças francesas, que exploram estas brechas no Marne em 1914, e traz a ruína alemã junto da primeira fase da Primeira Guerra Mundial, a saber, o fim da guerra de movimento e sua ultrapassagem pela guerra de posição.

¹¹⁴ Cf. MÜLLER, Heiner, e KLUGE, Alexander, “Anti-Opera”, in *Conversations between Heiner Müller and Alexander Kluge*, <http://muller-kluge.library.cornell.edu/en/videos.php> (Acesso em Setembro de 2010). Entrevista difundida em 1993. Tradução própria.

estraçalhado pela superioridade material dos oponentes ocidentais. E uma vez que o movimento entra em suspensão, a guerra é perdida. Daí por diante, arrasta-se a matança mecânica.

Eis então a batalha de material. A operação consiste em apagar o pulular de pequeníssimas silhuetas, de preferência antes mesmo que elas tomem forma humana, e a finalidade, em transformar novamente a paisagem da guerra em natureza morta. A coisa tem de ter a inocência de um jogo infantil e a reação predominante, ou ao menos a mais benéfica e vantajosa, tem de ser o desespero, já que o inimigo está espalhado por todos os lados e todos estão atirando em todas as direções e ninguém tem para onde fugir porque o inimigo é, simplesmente, o homem que está em todas as partes e que tem de ser despedaçado para que desapareça. A Batalha de Verdun ou mesmo a do Somme em 1916, e a experiência de estar cravado, fincado no solo, nas trincheiras da terra-de-ninguém que é a luta do trabalho morto contra o trabalho morto. De um lado, as sensações dos participantes tornam-se mais refinadas, mais abstratas; de outro, uma nova insensibilidade faz sua aparição. Esta transformação aparentemente vem do espírito, do interior, mas, na realidade, são o corpo, o ambiente coletivo e a paisagem que dão ritmo ao processo. Neste, o homem se confina pois, que seja dito, ele não agüenta a batalha de material. Isto resulta nos mortos-vivos de Verdun ou mesmo do Somme, zumbis que se materializam em pleno meio desta grande máquina, também alemã, mas principalmente capitalista, vivendo da produção de mais-valias engendradas pela técnica, pelo dinheiro, pela morte, pela aceleração, pelo poder. A batalha de material com seus mortos-vivos, o esboço de Auschwitz. Em sua inteireza, os espectros que vêm deste futuro forçam pela primeira vez sua entrada. Triunfal.

Mas a Primeira Guerra Mundial é, sem dúvida, uma experiência para todos os combatentes. Trata-se, nela, no fundamental, do que narra Walter Benjamin: o crucial é a batalha de material, a experiência real, e o notável é que aqueles que

depois dela tenham sobrevivido não possam falar a seu respeito¹¹⁵. Na primeira polêmica contra Ernst Jünger levada a cabo por Wolfgang Harich após a guerra, por exemplo, Jünger é enquadrado nos prelúdios nazistas por ter proclamado uma sentença “particularmente condenável”, pois entendida como prova cabal de inumanidade, que expressa mais ou menos o seguinte: “Em uma operação como a Batalha do Somme, o ataque era como uma forma de espaço, um ato sociável”. Que atitudes como esta não tenham se convertido em experiência, a dimensão de pressão absoluta do progresso – que Jünger indica fazer-se sentir não como pressão, mas sim como vertigem – ou o delírio moral da mobilização total – que ele aponta transmutar a opressão em liberdade ou júbilo – o atestam.

* * *

O que começa em 1914 não termina em 1918. O povo castrado tem agora sua espinha esmagada pela decapitação de seu proletariado através dos assassinatos de dois de seus líderes judeus, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht (... “e de agora em diante e por muito tempo não haverá mais vencedor no mundo de vocês, mas só vencidos”¹¹⁶). A amputação do socialismo alemão através do fracasso da Revolução de 1918-1919 e de seu aniquilamento pelo proto-nazismo¹¹⁷. A elucubração de Vladimir Lênin, segundo a qual a revolução na

¹¹⁵ “Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje [1936]. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca. Não havia nada de anormal nisso. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano.”, BENJAMIN, Walter, “O narrador”, in *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, Obras Escolhidas, v. 1, São Paulo, Editora Brasiliense, 1985, p. 198.

¹¹⁶ Cf. BRECHT, Bertolt, *O declínio do egoísta...*, cit., p. 247.

¹¹⁷ Esta revolução marca o final da Primeira Guerra Mundial. Fomentada pela Revolução Russa de 1917, pelas crise econômica e reforma monetária em suspenso que abalam a Alemanha e pelo forte suporte da Liga Espartaquista fundada por Luxemburgo e Liebknecht, a revolução chega a fazer com que proletários e comunistas fundem uma República Socialista na Baviera com a propriedade privada das terras e das fábricas abolida e a missão de expandir a revolução socialista pela Alemanha. Contudo, tanto a república quanto a revolução acabam por serem sufocadas pela

Alemanha estaria próxima porque aconteceria primeiramente em países industrializados, historicamente prova não ser verdadeira. Logo, ele é obrigado a desistir da ideia de revolução mais implementação em um único país e, como não há outro objeto, isto significa colonizar a própria população. O começo da tragédia do comunismo alemão, as mortes de Luxemburgo e Liebknecht e a degolação do Partido Comunista Alemão que, respectivamente, levam à total dependência de Lênin e do Partido Comunista soviético.

Um olhar para o início do século XX: a perda dos líderes intelectuais alemães, esquecidos pela maioria, e a disseminação de uma resistência à inteligência que perdura (desde então, nenhuma cabeça dirigente, independente, do movimento comunista alemão volta a crescer, e quando acontece de uma minimamente despontar, já é imediatamente decepada, ao menos na época de Joseph Stalin¹¹⁸). Esta resistência não tem nada a ver com a estrutura do comunismo, é, exclusivamente, um problema da Alemanha. Aí o Partido Comunista só transporta a bandeira nacional do caráter popular e isto tem a ver com sua encrascada história: a revolução nunca realizada, somente o cumprimento dos compromissos oficiais, estes, estipulados pelos “quatro-olhos”, pela conservação. Pulsa a ausência de revolução burguesa nesta *ideia* Alemanha, agora mutilada por uma guerra mundial e uma insurreição arruinada. E sem nenhuma revolução bem-sucedida até então, resta que nenhuma época tenha sido vivida até o seu limite, até o seu fim.

* * *

Em 1932, Bertolt Brecht interrompe o trabalho no fragmento *Fatzer*¹¹⁹. É um dos poucos que, enquanto dura o período seguinte, o nacional-socialismo, não

recém-formada República de Weimar através dos paramilitares do *Freikorps* (Corpos livres), responsáveis pela retomada do controle por meio da supressão violenta dos levantes proletários e da esquerda encabeçada pela Liga, incluindo o assassinato de seus criadores em 1919.

¹¹⁸ Cf. MÜLLER, Heiner, “Necrofilia é amor ao futuro”, *in* Revista Vintém, *cit.*, p. 26. Entrevista realizada por Frank M. Raddatz e originalmente publicada em 1990.

¹¹⁹ “Bertolt Brecht trabalhou no manuscrito *Fatzer* entre 1927 e 1931, mas nunca chegou a concluí-lo. A peça também nunca foi por ele encenada e somente uma pequena parte [cerca de 15

alimenta nenhuma ilusão. A maioria dos intelectuais de esquerda pensa que isto só durará alguns meses, que Hitler é um imbecil, que será passageiro. Mais tarde, o próprio Brecht formula esta questão aproximadamente da seguinte maneira: “enquanto a bandeira vermelha ainda trazia a inscrição ‘nós venceremos’ eu já tinha depositado meu dinheiro na Suíça”. A posição final formulada em *Fatzer* ainda em 1932 é que a partir deste exato hoje e por um bom tempo não haverão mais vencedores no mundo, apenas vencidos. O núcleo do medo desta atitude, elaborado de modo um tanto quanto simplificado, a angústia do corpo-a-corpo insolúvel da revolução e da contra-revolução, e, o que nela mais interessa, o ponto zero atingido tão-somente a partir da convicção mais precisa e pessimista do curso das coisas. Isto, antes de 1933. Brecht o sabe muito melhor que os outros. Percebe o que vai acontecer. Os espectros vêm do passado e do futuro. Estes últimos, forçando sua entrada pela segunda vez. (E que aqui esteja constatado que eles não são pura fantasmagoria, pois procedem de uma história que os fabrica, como em Verdun ou mesmo em Somme, história que não deve, em hipótese alguma, ser tomada como algo de puramente objetivo¹²⁰.)

* * *

páginas] foi publicada na Alemanha em 1931 (...) num caderno berlinense de ensaios, já com o título *O declínio do egoísta Johann Fatzer*.”, RÖHRIG, Christine, “Apresentação”, in BRECHT, Bertolt, *O declínio do egoísta...*, cit., p. 7. Brecht descreve do que se trata o material Fatzer: “Em Mülheim, na região do Rhur, no tempo despido de toda a moral da Primeira Guerra Mundial, contava-se uma história que acontecera com quatro homens e acabara no declínio total dos quatro, em meio a assassinatos. Perjúrio e decadência mostravam os rastros sangrentos de uma nova moral. No terceiro ano de guerra, durante um ataque em Verdun, quatro homens sumiram de um tanque e foram tidos como mortos. No início de 1918, em completa clandestinidade apareceram em Mülheim, onde um deles tinha um quarto no porão. Desde então sob a constante ameaça de prisão e morte por deserção, eles tiveram muita dificuldade para conseguir comida, mais ainda por serem quatro. Mesmo assim, decidiram não se separar em nenhuma hipótese, já que a única esperança residia numa revolução coletiva do povo para pôr fim à guerra sem sentido, motivo pelo qual a deserção seria perdoada. Os quatro pensavam poder tomar parte da tão desejada revolução.”, in BRECHT, Bertolt, *O declínio do egoísta...*, cit., p. 1. Ao final, Johann Fatzer, o mais engenhoso dos quatro e aquele que lhes aconselhara a deserção e os conduzira até a casa deles ou perto dela, acaba sendo assassinado num quarto por um deles após dizer: “Não sei quem vai vencer / Essa luta / Seja lá quem for – Fatzer / está perdido. / Quando vocês duvidaram de mim / Foi a minha perdição. / E de agora em diante por muito tempo / Não haverá mais vencedor / No mundo de vocês, mas só / Vencidos.”, *idem*, p.247.

¹²⁰ Cf. JOURDHEUIL, Jean, “Postface”, in MÜLLER, Heiner, *Germania 3: les spectres du mort-homme*, Paris, L’Arche, 1996, p. 75.

Um importante texto de Adolf Hitler, o extenso discurso diante do Clube da Indústria em Düsseldorf no início do ano de 1932. Sua tese principal, em um perfeito marxismo primário, que o nível de vida da raça branca não poderá ser mantido senão com a condição de que aquele das outras raças permaneça baixo. E, como os meios econômicos são indispensáveis para isto mas não suficientes, mostra-se imprescindível que, no momento então presente, o acesso aos meios militares seja garantido. Uma revitalização da máquina bélica alemã. Empresários, proprietários de terras e militares, certamente, simpatizam com sua fala. Convicta. O titânico líder do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, na verdade, é um grande sedutor: contra a ameaça de uma tentativa contraditória de comunismo com face humana que contamina a Europa, ele, embalado pela *troupe* nazista, copia seu modo de organização, o marxismo-leninismo, por um lado descontaminando a nação do vírus rubro e, ao mesmo tempo por outro, angariando as massas para a sanidade negra. Primeiramente, ele chega ao poder por meio de nomeação legal, que isto não seja esquecido ou recalçado, e depois vem o golpe de Estado¹²¹. De fato, os nazistas sabem canalizar em benefício próprio a energia de esquerda e o pavor da direita que pairam sobre a Alemanha. Aliás, *Herr Führer* também conseguiu canalizar para si toda a saudade infantil nacional acumulada por um rei, apesar de estar mais para outro príncipe sapo. É como certa vez ele disse ao grande ator Paul Wegener: seu poder de sedução consiste em inalar, profundamente, toda a multidão. Já o exalar, um enérgico movimento suicida sem reservas.

¹²¹ “Quando os nazistas tomaram o poder e, em 28 de fevereiro de 1933, emanaram o *Verordnung zum Schutz von Volk und Staat* [Decreto para a conservação do povo e do Estado], que suspendia por tempo indeterminado os artigos da constituição que concerniam à liberdade pessoal, à liberdade de expressão e de reunião, à inviolabilidade do domicílio e ao sigilo postal e telefônico, eles não faziam mais, neste sentido, do que seguir uma praxe consolidada pelos governos precedentes. Havia, entretanto, uma importante novidade. (...) *O estado de exceção cessa (...) de ser referido a uma situação externa e provisória de perigo factício e tende a confundir-se com a própria norma.* Os juristas nacional-socialistas estavam tão conscientes da peculiaridade de uma tal situação que, como expressão paradoxal, eles a definem como ‘um estado de exceção desejado (*einem gewollten Ausnahmestand*)’. ‘Através da suspensão dos direitos fundamentais’ – escreve Werner Spohr, um jurista próximo ao regime – ‘o decreto coloca em existência um estado de exceção desejado com vistas à instauração do Estado nacional-socialista.’”, in AGAMBEN, Giorgio, *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2004, p. 175.

Em alguns dos exalares do Reich de mil anos pela Europa para, no caso, inalar as anexações da Áustria em 1938 e de multidões germânicas na Tchecoslováquia no ano seguinte, França e Inglaterra sentem suas respirações atrapalhadas. Os antigos territórios germânicos pertencentes à Polônia, a próxima inalação: *Herr Führer*, em setembro de 1939, no *Reichstag*, declara exalar guerra aos poloneses diante de um entusiasmo nacional consideravelmente diminuído justaposto a uma espécie de inquietação popular totalmente mobilizada e de um fascínio guerreiro dos soldados militantes (isto é, daqueles que matam com toda boa consciência por acreditarem em seu direito histórico). O que não quer dizer que a devastadora campanha da *Wehrmacht* que logo se segue com a *Blitzkrieg*¹²² não continue a concentrar e canalizar energia de esquerda, como citado nos jornais de trabalho de Brecht. Pois isto se articula àquela data capital, o assassinato de Luxemburgo e de Liebknecht seguido da decapitação da revolução proletária alemã, que despedaça a diferença de futuro no centro da Europa, deixando o experimento do Oriente soviético só com a revolução em um contexto com condições políticas não desenvolvidas e a Alemanha com o classicismo de Weimar como compensação da revolução depois substituído por um reino de terror que veementemente se opõe à insurreição. É a partir desta data capital que a Segunda Guerra Mundial é fabricada, registrando-se exatamente no momento em que a nação de espinha esmagada, por meio de seu chacal, decide tornar seu

¹²² Estratégia militar ofensiva que consiste na utilização de inteiras divisões de forças blindadas formadas por tanques leves e pesados, infantaria móvel, artilharia e unidades de reconhecimento cujos ataques altamente velozes, brutais e de surpresa intentam desmoralizar o inimigo, desorganizar suas forças através da paralisação de seus centros de controle e impedir que haja tempo para a reestruturação de suas defesas. Uma vez que os tanques pesados avançam sobre as defesas inimigas, uma brecha é consolidada e aumentada por uma onda de ataques dos tanques leves e da infantaria. As unidades de frente, por sua vez, continuam a avançar levando a batalha à retaguarda inimiga. Um elemento chave para seu sucesso é o apoio crucial da aviação cujos ataques ajudam a isolar as forças inimigas na frente de batalha e interromper quaisquer linhas de comunicação e suprimento. Já outro elemento chave, o rechaço ou ao menos a garantia de que todo atrito frontal com forças inimigas seja evitado. Graças a esta estratégia, a *Wehrmacht* consegue derrotar os exércitos aliados durante a primeira parte da Segunda Guerra Mundial principalmente quando das invasões da Polônia e da Dinamarca em 1939, da França em 1940, da Iugoslávia e da Grécia em 1941 e da União Soviética, sobretudo em 1941 e 1942.

o dever de rachar as espinhas das outras nações: é assim que, após a invasão da Polônia, França e Inglaterra declaram guerra à besta alemã.

O inalar alemão de multidões e territórios franceses em 1940 engata a primeira guerra mundial em que *plenos exércitos de trabalhadores totalmente mobilizados acoplados às avançadas infra-estruturas técnicas que compõem as máquinas militares industrializadas* velozmente se trituram imputando colapsos uns aos outros em busca de expansões territorial e subjetiva e, substancialmente, de forças de trabalho. Eis uma grande inovação: uma guerra irreal, travada em estado de meia-consciência na qual tudo são vultos e alucinações entrecortados por máquinas sombrias e simulacros de experiências.

* * *

Nos termos de George Bataille, a civilização europeia da economia, inteiramente voltada para o benefício, diferencia-se da civilização do desperdício, fixada na alta cultura indiana. Esta civilização, do benefício, é responsável por assassinar Deus ao menos três vezes. Primeiro, com o Esclarecimento. Este é o caixão no qual o Todo-Poderoso está enterrado com o cadáver apodrecendo em meio a um cemitério, antes terra abençoada, transformado em terreno baldio. A vida está presa neste caixão. Em sua lápide, poderia constar a frase que Brecht faz Galileu dizer: “O pensamento está entre os maiores prazeres da raça humana”¹²³. Pois para o pensamento europeu esclarecido, tudo que é pensável é deliciosamente possível de ser feito e provavelmente um dia o será não importando de que maneira nem por quem. A violência imputada à natureza tem seu fiador na autonomia deste pensamento, que tudo faz relacionar, representar e acrescentar à linha reta apontada para frente que, por sua vez, conduz à unificação, à uniformização, ao encanto da catástrofe, sem retenções morais ou freios. Simplesmente, o progresso – e quanto mais rápido, melhor. Este pensar é inimigo do viver. Via uma abstração humanidade, ele estabelece objetivos e indica

¹²³ Cf. MÜLLER, Heiner, “Conversation entre Wolfgang Heise et Heiner Müller”, in *Fautes d'impression, cit.*, pp. 42-46. Conversa realizada em 1986. Tradução própria.

que o caminho para atingir os alvos exige controle, organização, disciplina, *seleção*, inclusão e exclusão. E, quando o que está em jogo é a emancipação da natureza, o inimigo que obstacularizar a execução ou a eficiência do plano tem de ser tido como um inimigo total e, sendo assim, passível de ser prontamente a-ni-qui-la-do. Esta é a questão fundamental, e o paradoxo da existência humana neste registro, ter de lidar com a diferença existente entre este “o” pensar e outros viver.

A nova morte de Deus, que agora tem exterminada a aura do imperativo categórico da imortalidade e da ressurreição, se dá naquele caixão daquele terreno baldio, no momento cercado por montanhas de sapatos, ossos, cabelos e dentes. Auschwitz, o último estágio do Esclarecimento, é o titânico desenrolar daquela forma radical de pensar lógica, precisa e racionalmente que mais uma vez “O” mata (eis o lado negativo de ir até os ossos rechaçando, estraçalhando quaisquer carnes, o que ainda se consubstancia em um problema alemão). Os nazistas a refinam ao convencionarem que a emancipação da natureza é pouco, que é tecnicamente saboroso pensar, e com isto tornar i-ne-vi-ta-vel-men-te fazível, a emancipação de uma raça digna, ordenada, disciplinada daquelas vidas que não valem a pena serem vividas e que só empacam, que só atrapalham a execução do honroso Reich de mil anos. Montam então uma rede de *Murders Ltd.* cujo slogan poderia muito bem ser “better a life of terror without end than an end with terror”¹²⁴. Mas isto não sem antes efetivar a exploração total da força de trabalho disponível, pois, afinal de contas, não existem quaisquer soluções finais que não tenham por trás de si a resolução engenhosa de problemas concretos. E mesmo mais, de acordo com os princípios dos trabalhadores da *Wehrmacht* e da SS¹²⁵ que administram as filiais, é apenas o trabalho que liberta – sendo a

¹²⁴ Cf. MÜLLER, Heiner, “Black Mirror”, in *Germania, cit.*, p. 103. Escrito em 1987.

¹²⁵ Schutzstaffel (Tropa de Proteção). Fundada em 1925, a SS é inicialmente encarregada da proteção do corpo de Hitler. Ao longo do período nazista, ela acumula competências e missões sob o comando do *Reichsführer-SS* Heinrich Himmler, passando de um pequeno grupo de paramilitares a uma gigantesca organização com papéis concomitantemente políticos, econômicos, policiais, ideológicos, raciais e militares.

contrapartida desta máxima, a *experiência* dos selecionados forçados a viverem sem máscaras nestas paisagens.

Certamente, Hitler deve ser considerado o iniciador do milagre econômico alemão. Em seus campos de concentração e extermínio, a exploração da força de trabalho se dá em uma escala e intensidade tais que os próprios corpos humanos são transformados em materiais, em matérias-primas, em seguida engolidos pela voracidade da indústria alemã que, como uma das mercadorias derivadas de seu processo de funcionamento, produz morte em série. Homens sobre mulheres sobre crianças – trabalho vivo sobre trabalho morto sobre matança para limpeza. É neste sentido que Auschwitz também é o modelo de base da sociedade tecnológica: a lei racional da série potenciada pela lei política da seleção tem no genocídio, escala elevada da estatística, a realização da funcionalidade máxima.

Auschwitz é, finalmente, o altar do capitalismo, a grande metáfora, o modelo do século XX. Depois dele, o que impera é o bem, não o mal. Munido do princípio mesmo da política que é a realidade da seleção, o bem produz minorias, as explora, num certo momento as torna institucionalmente más para, por fim, estipular que elas têm de ser exterminadas. O trajeto da carnificina passa pelos aparatos tecnológicos. Para as estruturas do poder, não existe nenhum argumento racional finamente elaborado produzido por esta civilização do benefício que se compare. A única coisa que de fato se torna chocante para alguns de seus integrantes é que Hitler tenha sido capaz de exprimir um tal lapso geográfico a ponto de promover um experimento tão inovador no meio da Europa o que, entre pessoas razoáveis, é conveniente que não se deva fazer senão na África, na Ásia ou nas Américas. É, estranhamente expressando, como defecar no próprio carpete: sem dúvida, um episódio incandescente no contexto da máquina-de-guerra capitalista do século.

Quanto aos dramaturgos, por exemplo, a possibilidade de tratar de algo assim – homem sobre mulher sobre criança –, somente calar e escutar o silêncio; e, à questão de desvendar como abraçar a beleza quando as marcas das unhas

nas paredes das câmaras de gás estão entalhadas nas retinas, apenas a *graça*, a permanência da realidade dos poemas. Pois só ao se catapultar para fora de Auschwitz é que uma alternativa ao naufrágio desta civilização ainda poderá cintilar¹²⁶.

* * *

Stalin tem conhecimento sobre Zeus e, especialmente, sobre seu objetivo de criar uma nova humanidade após o extermínio da antiga. É deste ponto de vista que sua ideia pauta-se na necessidade da existência de alguém que aniquile o velho homem para que o novo possa nascer, pois é certo que a destruição automaticamente gerará o original. Mas como conceber que se pense desta forma? Naturalmente, se se entende que a Rússia também é asiática, compreende-se, explicando de modo grosseiro, que se trata da escolha da quantidade em detrimento à qualidade: existem tão grandes massas de homens disponíveis para o abate e a redenção que importa muito pouco que dentre elas se extermine um, cinqüenta mil ou quinhentos mil em uma única noite como, por exemplo, quando dos assassinatos de Kirov e de Meyerhold¹²⁷, de prisioneiros ou presos políticos nos *Gulags* ou de integrantes dos próprios regimentos do exército (já que qualquer noção ou conceituação de direitos humanos não é somente descartada para com os inimigos ao longo da Segunda Guerra Mundial como também para com os próprios camaradas, e tudo por uma aposta em uma

¹²⁶ “O postulado de Adorno segundo o qual após Auschwitz não haveria mais poemas possíveis, prolonga o sofrimento. Seria mais lógico dizer: depois de Auschwitz, nenhuma química é mais possível. A tese de Adorno é capitulação. É o contrário que é verdadeiro após Auschwitz, somente poemas. É claro, humanamente, eu posso compreender Adorno – Auschwitz como traumatismo judeu; mas é uma tese falsa. Pois a poesia lírica é um modo de sair do real. É apenas saindo do tempo que se pode ter influência sobre ele. É apenas fora da máquina que se pode encontrar uma possibilidade de perturbar o desenvolvimento determinado por ela. No interior da máquina isto não funciona de modo algum. Não mais ler poemas é permanecer no interior da máquina.”, MÜLLER, Heiner, “Penser est fondamentalement coupable”, in *Fautes d'impression*, cit., p. 192. Tradução própria.

¹²⁷ O assassinato de Serguei Kirov em 1934 marca o início do Grande Expurgo ou remoção final do governo de Stalin de todos os inimigos e remanescentes do antigo bolchevismo. Já aquele do ator Karl Kazimir Theodor Meyerhold em 1940, por uma confissão, é narrado em duas cartas escritas por ele e clandestinamente enviadas a Molotov e Vichynski apenas dois dias após sua morte. Cf. MÜLLER, Heiner, “Wars”, in *Germania*, cit., p. 25. Entrevista realizada por Sylvère Lotringer em 1988.

superioridade militar). O primeiro método, Stalin refina através de Hitler, Benito Mussolini e Lênin (Krontstadt); o segundo, com Hitler, um grande negócio¹²⁸; o terceiro, trata-se de uma originalidade potente¹²⁹.

Um ponto, porém, distancia Stalin de Hitler drasticamente. No livro de Malraux, *Últimas entrevistas com De Gaulle*, este último cita uma frase que Stalin certa vez lhe dissera: “O único vencedor é a morte”¹³⁰. Aproximando-se da mentalidade indígena, que sabe que a morte é inevitável, e mesmo mais, que existe um tempo bom e um tempo ruim para que ela aconteça, Stalin, por esta via, ainda se mostra não completamente desafetado. Ele demonstra saber que o socialismo por ele alavancado, termina, transforma-se – um freio. Hitler, por sua vez, não pode compreender essa colocação. Em hipótese alguma. Pois seu propósito é, basicamente, fazer acontecer e tudo alcançar em seu tempo de vida, tempo para o qual não existe futuro nem passado e no qual o presente é completamente distendido. Os mortos estão antes e depois (os dos campos de concentração e extermínio nem contam já que caem como moscas, ratos ou simplesmente como pontos pretos em fundo branco), estão num nada, ofuscados por um agora que se perpetua infinitamente. É a não-aceitação da morte que

¹²⁸ “E a diferença, no final das contas, não era senão o aparelho stalinista... aí se empreendia sobre o modo da manufatura o que os nazistas podiam fazer industrialmente – com uma diferença horrível. Em suas últimas lembranças de Leningrado, Brodsky relata um episódio com seu pai que, enquanto judeu, não podia tornar-se um oficial e que sendo assim contemplava melancolicamente as orquestras militares das quais ele teria gostado muito de fazer parte. A jovem criança perguntou: ‘Quais campos de concentração são os piores, os alemães ou os soviéticos?’ O pai disse sem exitar: ‘Os soviéticos’. O garoto então pergunta: ‘Por quê?’ ‘Nos campos alemães, te matam, nos campos russos, te obrigam a encontrar um sentido’. (...) As pessoas muito suportaram, pois ainda existia em alguma parte o sentimento obscuro de um sentido, mesmo quando se era contra.”, MÜLLER, Heiner, “Le siècle de contre-révolution”, in *Fautes d'impression, cit.*, p. 180. Entrevista realizada por Gabriele Dietze e Otto Kallscheuer em 1990. Tradução própria.

¹²⁹ “(...) há alguns anos, Stefan Hermlin estava completamente fora de si, ele disse que tinha acabado de escutar pela primeira vez que no Exército Vermelho, o Exército Soviético, soldados eram espancados por seus oficiais. E ele disse, e esta era uma estranha sentença vinda de Hermlin, (...) que na *Wehrmacht* era proibido que um oficial batesse em um soldado. Isto foi um choque para ele (...) enquanto os russos, sem dúvida, veriam isto de modo diferente, eles ficariam felizes se tivessem sido apenas espancados.”, MÜLLER, Heiner, e KLUGE, Alexander, “Heiner Müller on legal questions”, in *Conversations between Heiner Müller and Alexander Kluge, cit.*, s/p. Entrevista difundida em 1995. Tradução própria.

¹³⁰ Cf. MÜLLER, Heiner, e KLUGE, Alexander, “On the way to a theater of darkness”, in *Conversations between Heiner Müller and Alexander Kluge, cit.*, s/p. Entrevista difundida em 1990. Tradução própria.

condiciona todas as suas performances, subscritas pelos políticos nazistas que compartilham de sua mentalidade branca, e mesmo mais, ariana. E de seu recalque é que se originam as demandas por velocidades cada vez maiores – a aceleração. “Performances = velocidades acrescidas” é a fórmula de base de *Herr Führer* (idolatrada pelo pensamento ocidental europeu que lhe dá sustento) com a qual o caminho da dignidade (do progresso para o sustentador) é buscado.

* * *

Dentre as poucas coisas que Hitler rejeita durante a Segunda Guerra Mundial estão a guerra de gases e a desintegração nuclear. Uma, por experiência – compensada pela *Blitzkrieg* –, a outra, por desentendimento – compensada pelas teorizações de Albert Einstein¹³¹. De resto, não se reconhecem freios. Num denominador nazista, os zumbis da *Wehrmacht* marcham grávidos para as batalhas, um embrião de carnificina debaixo do coração e a heróica seguridade da realização do sonho imperial da continuidade do genocídio, retirando suas forças de energias de esquerda transmutadas em energias suicidárias. Via titânica máquina militar industrializada alemã, colocam tudo sobre o ataque (e isto na dupla acepção do termo), sem reservas, operando no auge da conversão do poderio econômico em poderio militar, da “liberação de escravos por parte da técnica” e da aceleração *total*. Agora, o que mais interessa saber, é porque ela não obtém sucesso ao entrar em Moscou. Sim, os alemães chegam até lá em 1941 e 1942, mas não conseguem continuar. Ao lado de razões militares, estratégicas, táticas, logísticas, territoriais e ideológicas, desponta a diferença temporal de rota, um muro do tempo. A máquina militar alemã e seu trunfo,

¹³¹ “Por causa de Hitler, o mal existia para Einstein. (...) Se um mal existe, então um bem deve existir. Simplesmente, a bomba atômica não era um outro bem, mas um outro mal. Einstein é a tradução de São João na tecnologia. Na revelação de João, o que interessa é a fascinação pelo mal – a realização do Evangelho pelo terror. A visão do Apocalipse é a Bíblia do terrorismo.”, MÜLLER, Heiner, “Penser est fondamentalement coupable”, in *Fautes d'impression, cit.*, pp. 193, 194. Tradução própria. Em 1939, Einstein e Leo Szilard advertem Julius Robert Oppenheimer quanto à terrível ameaça à humanidade, caso os *nazis* venham a ser os primeiros a dispor de uma bomba atômica. Em 1942, ela é inventada na esteira do Projeto Manhattan encabeçado por Oppenheimer, para quem é “technically sweet to do such things”. Eis a pulsão lúdica científica que, do ponto de vista de Einstein e Oppenheimer, não só cria um enorme potencial de destruição (do mal) como também um extraordinário potencial de redenção (do bem).

Blitzkrieg, não prosseguem funcionando porque não são suportados pelas paisagem e temporalidade russas. É certo que quando inteiros regimentos asiáticos partem para o auxílio da defesa da gélida Moscou, uma outra guerra se inicia: não mais apenas a guerra dos exércitos de trabalhadores (que, no fundo, na Rússia representa uma elite, uma minoria), mas também, a guerra dos exércitos de desconhecidos na qual quantidade, frenagem, disfunção e emperramento prevalecem em detrimento a qualidade, aceleração, prontidão e movimento.

* * *

Em 1945, Hitler escreve em seu testamento que ele cometeu um grande erro. Na verdade, ele deveria ter aguçado os povos oprimidos – árabes, indianos, africanos –, contra as sociedades coloniais e seus exércitos de trabalhadores – Inglaterra, França –, ao invés de ter desejado quebrar seus ossos. Mas, sobretudo, ele deveria ter flanqueado Stalin pela esquerda para que seu exército de trabalhadores e desconhecidos fosse destruído. Este, para ele, é realmente o erro maior, exatamente o mesmo que Napoleão cometera em sua campanha na Rússia, não ter arruinado o exército inimigo. Já um de seus maiores medos relatados, o cumprimento da ameaça de Stalin com o advento da derrota. Este desejava que, depois de consumada a vitória, *Herr Führer* fosse puxado em uma gaiola de ratos por Moscou em um desfile consagrado à glória. (Aliás, é grotesco que um dos últimos oficiais SS presentes no honroso incêndio dos corpos de Hitler e de sua esposa Eva Braun no *Führerbunker* em Berlim, tenha por sobrenome Rattenhuber¹³².) Mesmo em seus arquivos, também consta a obsessão pela tomada do corpo e dos ossos do *Führer* sob custódia, com vistas à certificação de

¹³² Aqui existe um trocadilho com o sobrenome do oficial Johann Rattenhuber. “Rattenhuber”, em alemão, pode ser desmembrado gramaticalmente em [*die*] *Ratten* (ratos) e, em termos de pronúncia e sonoridade, em [*die*] *Rudel* (grupos, bandos) para ironicamente indicar que, se Hitler não fora exibido como prêmio em uma gaiola de ratos por Moscou, fora, de todo modo, cercado e acuado por grupos de ratos (próprios) no momento de sua morte auto-infligida. Cf. MÜLLER, Heiner, e KLUGE, Alexander, “On the way to a theater of darkness”, in *Conversations between Heiner Müller and Alexander Kluge*, cit., s/p. Entrevista difundida em 1990.

sua morte¹³³. De fato, Hitler não é propriamente enterrado. Ele é dado por morto sob a forma de uma notícia de rádio. Alguém em quem tantas esperanças e temores foram exagerados, em quem tantas confianças e suspeitas foram investidas, sobre quem tantos anseios e recalques foram depositados, não morre. Antes, torna-se o líder dos mortos do passado e do futuro a colonizar as paisagens das histórias alemã e européia e americana e africana e asiática e oceânica.

É neste sentido que se pode dizer que um dos países que leva a Segunda Guerra Mundial é a Alemanha, e isto se levando muito em conta a dimensão das performances de *Herr Führer* e companhia, destaque para Auschwitz e para a limpeza do território nacional através de sua redução sobre seu centro de potencial econômico, técnico e militar. Os outros dois vencedores são Estados Unidos e União Soviética. Os norte-americanos assassinam Deus pela terceira vez, tomando-lhe a ligação entre destruição e redenção, com dois dos primores do pensamento esclarecido seletivo, as bombas de Hiroshima e Nagasaki. E assim, obviamente contribuem sobremaneira com a catástrofe por conta dos milhares de sombras que não se apagam, marcas da desintegração dos corpos, espalhados pelo terreno baldio agora a perder de vista. Para todos os militares, *Little Boy* e *Fat Man*, simplesmente o fim da arte da guerra e a insígnia terrorista da impertinência das categorias militares em vista do exorbitante niilismo dos negócios. Daí vem a garantia americana para o abocanhar de um considerável pedaço da Alemanha e do mundo, começando-se pelas lucrativas e ideológicas reconstruções (auxiliadas por muitos SS que, após terem afirmado que a verdadeira oposição não residia no conflito entre Hitler e os países ocidentais, ou seja, que este era realmente algo de secundário, logo foram ofertando seus serviços aos americanos). Já os soviéticos legitimam-se através do antinazismo, submetendo os sonhos à esquerda à

¹³³ “(...) o relacionamento entre estes dois, Stalin e Hitler, é bastante interessante; é um relacionamento amoroso. E é como o relacionamento entre dois canibais, onde cada um sempre está com medo de ser comido pelo outro. Por isso o outro tem de ser morto primeiro, para que não possa comer o um.”, MÜLLER, Heiner, e KLUGE, Alexander, “The voice of the playwright”, in *Conversations between Heiner Müller and Alexander Kluge*, cit., s/p. Entrevista difundida em 1995. Tradução própria.

construção do campo socialista nos outros pedaços da Alemanha e do mundo. A *cortina de ferro*, termo retomado por Winston Churchill em 1945 para caracterizar as paisagens sob controle ideológico e militar de Moscou e do Exército Vermelho, uma faca de dois gumes: a oportunidade de que a história corte pela via alternativa ao capitalismo, constituindo-se realmente em um muro do tempo, ou que sua própria colonização corte pela réplica dos campos de concentração e extermínio com a seleção de seus próprios mortos – trabalhadores sobre comunistas sobre prisioneiros sobre perversão socialista –, constituindo-se então na virada final da revolução à contra-revolução.

Neste contexto em que a Alemanha tem seu corpo dilacerado, um pedaço da carne, por onde correm as veias azuis do *Deutschmark*, torna-se o legítimo herdeiro da tradição (mesmo que se tente argumentar que o nazismo é um desvio e não o excesso que potencia a marcha dos negócios), enquanto que o outro pedaço da carne, por onde correm as veias vermelhas para o novo homem, para a classe trabalhadora comunista, transmuta-se em bastardo sem a injeção de dinheiro, logo, a ter de pagar pelos convencionados horrores perpetrados pela ópera *nazi* como, moralmente falando, o des-Humano aniquilamento de judeus e minorias e, em geral, a disseminação da barbárie por todos os poros (aqui talvez fosse mais adequado dizer que ele carrega o pesadelo de gerações mortas). Mas este pedaço da carne, pela potência de disfunção diante do veloz terrorismo dos negócios, sim, extremamente favorecido pelos feitos de *Herr Führer*, também pode vir a se transformar na construção do terreno da utopia comunista através, por exemplo, da implementação do axioma da Comuna de Paris TODOS OU NENHUM, da requisição dos homens por inteiro – uma liberação que resulta em uma relação outra com a técnica e com o mundo –, da construção do sonho de um mundo livre da exploração no qual, com a solução dos problemas econômicos se dando até certo ponto, finalmente se possa ter início a tragédia do ser humano, a tragédia de sua mortalidade.

– “Pois só ao se catapultar para fora de Auschwitz é que uma alternativa ao naufrágio desta civilização ainda poderá cintilar”:

“O relato do início

1

Vivendo do vintém eles lutaram
como por suas vidas pelo vintém. Assim
o mundo os ensinou, onde para eles só
havia lugar bem embaixo

Quando o pico quebrou
destruindo ainda muito à sua volta, deitando destroços sobre os
que com ele não tombaram, o que estava embaixo
subiu tropeçante, lento, sobre um monte de destroços.

2

O vintém era agora coletivo, mas
que vintém mais pobre! O pão
pertencia a todos, mas não saciava.

3

Em outras palavras: luta para o vintém em vez de por ele.
Um pouco hoje para muito amanhã.

4

O objetivo foi alcançado. Mas soterrado
pelo monte de destroços. E pedra é pedra, dura de mover.

5

Os pacientes eram impacientes.
Após noite de vigília bem cedo
os incansáveis se cansavam...
Os que lutaram muito não viam a vitória
do suor que ardia como antes a lágrima.
Os sobreviventes de grandes guerras
pelo lugar à mesa, paz e calçado
a vitória na mão mas não no bolso
achavam difícil o que deveria ser feito.

6

De início uma voz lhes
dizia: vós pacientes, tende paciência!
Vós incansáveis, sede incansáveis!
Continuai lutando, vós vitoriosos...

Seguiam

o rumo, guiados pela voz, porque
não havia melhor, mas não sabiam que
quem falava era sua própria voz.

7

Mais espertas eram as mãos
que suas cabeças, e fizeram o que restava fazer.
Maldizendo o tijolo construíram as casas
amaldiçoando o passo seguiam o caminho
vendo a nuvem, não o céu acima
e não a rua, só o pó da rua.

8

Mesmo com a casa já erguida, para eles construída
por eles, não sabiam o que haviam
construído. Entrando pela porta
olharam para trás perguntando: por que
ninguém nos expulsa? Não é de ninguém?

9

Aqueles não treinados na arte de tomar
vacilantes se apossaram do que era seu.
Os roubados sem fim de si mesmos
suspeitavam de furto.

10

Mas sempre à sua frente a voz
que dizia: não é suficiente! Não
fiquem parados! Quem fica parado cai! Prossigam! Assim

no seguir sempre em frente seguindo a voz
o difícil ficou fácil
o inalcançável se alcançou.
E no seguir sempre em frente reconheceram:
a que falava era a sua própria voz.”¹³⁴

E mais uma vez, sobre o conceito desta história, agora com o *anjo sem sorte*:

“Atrás dele a rebentação do passado despeja cascalho sobre as asas e ombros, com um barulho de tambores enterrados, enquanto que diante dele o futuro está represado, esmagando seus olhos, dinamitando os glóbulos como uma estrela, torcendo a palavra como uma mordaca, asfixiando a sua respiração. Por um momento vemos ainda o bater de asas e escutamos o ronco das pedreiras caindo atrás sobre ele, tanto mais alto quanto mais se exaspera o inútil movimento, interrompido quando ele fica vagaroso. Então aquele instante fecha-se sobre ele; rapidamente entulhado o anjo sem sorte repousa, esperando pela história na petrificação do vôo olhar respiração, até que um renovado rufar de poderoso bater de asas se propague em ondas através da pedra e anuncie o seu vôo.”¹³⁵

* * *

¹³⁴ MÜLLER, Heiner, “O relato do início”, in *Medeamaterial... cit.*, pp. 29-31. Escrito em 1950.

¹³⁵ Cf. MÜLLER, Heiner, “O anjo sem sorte”, in KOUDELA, Ingrid (org.), *Heiner Müller: o espanto no teatro, cit.*, p. 65, e MÜLLER, Heiner, “L’Ange Malchanceux”, in *Poèmes (1949-1995), cit.*, p. 50. Escrito entre 1949 e 1959. Tradução própria. Este fragmento esboça uma contrapartida ao anjo da história da nona tese de *Sobre o conceito de história* de Walter Benjamin escrita em 1940, isto é, pouco antes da tentativa de escapatória da França vichysta na qual os refugiados alemães judeus e/ou marxistas estão sendo entregues às autoridades da Gestapo. Primeiro, a epígrafe: “Minha asa está pronta para o vôo / De bom grado voltaria atrás / Pois permanecesse eu também tempo vivo / Teria pouca sorte. / Gerhard Scholem, *Salut de l’ange* / [Saudação do Anjo].”, seguida então da tese: “Existe um quadro de Klee intitulado ‘Angelus Novus’. Nele está representado um anjo, que parece estar a ponto de afastar-se de algo em que crava seu olhar. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estiradas. O anjo da história tem de parecer assim. Ele tem seu rosto voltado para o passado. Onde uma cadeia de eventos aparece diante de nós, ele enxerga uma única catástrofe, que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés. Ele bem que gostaria de demorar-se, de despertar os mortos e juntar os destroços. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se emaranhou em suas asas e é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impede irresistivelmente para o futuro, para o qual dá as costas, enquanto o amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. O que nós chamamos de progresso é essa tempestade.”, BENJAMIN, Walter, “Tese IX” in, LÖWY, Michael, *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses ‘Sobre o conceito de história’*, Tradução das teses de Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller, São Paulo, Boitempo, 2005, p. 87.

“Ernst Jünger avançou a tese segundo a qual a estratégia do genocídio dos nazistas privou a Wehrmacht de meios de transporte que teriam sido necessários à vitória. Este não era um argumento ideológico, mas a tentativa imediatamente factual de pensar algo justo ao cabo. Ele não compreendeu que a doutrina militar dos nazistas repousava sobre o conceito estratégico de aceleração total. O problema não era que a Wehrmacht batesse o Exército Vermelho ou que Rommel derrotasse Montgomery. Este era o aspecto artificial, o teatro da guerra. Sua realidade era, ao contrário, imediatamente econômica e tecnológica. Tratava-se de experimentar a tecnologia, de introduzir a tecnologia no mundo cotidiano, de tecnicizar a vida. Toda tentativa de aceleração total encontra nas minorias seu principal adversário. Pois as minorias sempre representam qualquer coisa de autônomo; elas são um obstáculo à aceleração. As minorias são freios. Daí nasce a necessidade de aniquilá-las, pois elas persistem em sua velocidade própria.”¹³⁶

* * *

Desde a precoce revolução dos camponeses no século XVI, impera na Alemanha a tendência ao atraso. As irrupções, sempre tardias. E por conta deste atraso, as energias sempre acabam por se descarregar em catástrofes. Porém, uma coisa é certa: a contra-revolução alemã chega adiantada. A estratégia de aceleração total, *modus operandi* do trabalho, de Auschwitz, da máquina militar industrializada nazista, é o suprassumo da contra-revolução *nazi*. O *Führer*, experimentalmente, acelerou muito. E por conta desta dianteira, as energias acabaram por se descarregar em catástrofes. Sempre houve a predominância daquela representação clássica da revolução como um momento de grande aceleração. Tendo em vista este avanço alemão, talvez se possa ver que não é nada disso, que se trata, antes, de frear o tempo, de desacelerar os processos históricos. A revolução percebida não como uma avassaladora aceleração, mas como um verdadeiro freio de emergência, uma desaceleração qualitativa, uma interrupção dos sacrifícios humanos produzidos pela civilização do benefício mediante velocidades acrescidas, uma diferença. Mesmo mais, pode até ser que

¹³⁶ MÜLLER, Heiner, “Penser est fondamentalement coupable”, in *Fautes d'impression, cit.*, p. 189. Tradução própria.

potências da velocidade consigam ser absorvidas pelo ritmo de tempo da desaceleração sendo por esta via humanizadas. Questões cruciais que, justamente, só podem ser altamente problematizadas pelas margens territoriais, sociais e intelectuais, pelo *lumpen*, por todos os excluídos que não devem aceitar o esquecimento por inclusão, por todos os selecionados (e auto-selecionados) que devem exigir na desobediência e no sonho sangrento, a persistência em suas velocidades próprias. Palavras profundas seguidas por escárnio, ou, coragem civil.

* * *

A razão econômica do capital, uma terra segura para a qual não há futuro nem passado, inteiramente voltada para a distensão e desafetação do presente. “Os pensamentos racionais, fazemos deles dinheiro” é o dogma, sendo o dinheiro o valor irracional a partir do qual quaisquer orientações são possíveis, possíveis ou mesmo realistas, quaisquer ideias de nação, território ou temporalidade são passíveis de ser consumidas, quaisquer reservas físicas, subjetivas ou mesmo metafísicas são passíveis de ser esvaziadas, quaisquer direitos, como o de viver, são passíveis de serem negados. No Terceiro Reich, o dogma se atualiza historicamente através das palavras, gestos e atitudes fomentados pelo Grande Trabalhador e dirigidos ao exército de milhares de soldados trabalhadores: “O trabalho, dignamente fazemos dele produtividade máxima”¹³⁷. Assim, honrosamente, ao concederem grandeza à cultura, ao povo, ao espírito, à nação, concedem uma alma ao dinheiro. Pode-se dizer que é deste modo que, heroicamente, *Arbeit macht frei*¹³⁸ no campo, na cidade, e destacadamente, nas batalhas da Segunda Guerra Mundial e nos campos de concentração e extermínio. Há que se perguntar, porém, se a produtividade expressa nas performances experimentais tais como a *Autobahn*, a Mercedes-Benz, a *Wehrmacht*, a *Blitzkrieg*, Auschwitz e sua industrialização da morte, não repousa de uma maneira geral em uma pulsão suicida, se a fetichização destas

¹³⁷ Cf. o filme *Ehre der Arbeit* [A honra do trabalho], in <http://nazi-germany-videos.weebly.com/videos.html> (Acesso em Outubro de 2010). Originalmente produzido em 1936.

¹³⁸ O trabalho liberta. Tradução própria.

acelerações não ressalta a vontade, mesmo que inteiramente recalçada, de se arremessar mais rapidamente ao pó. Pois a lógica do dinheiro requer muitas mortes para se expandir (O CAPITAL É MAIS ESPERTO / O MURO DO DINHEIRO CONTINUA EM PÉ¹³⁹). Com a irrupção imediata do “sim” à pergunta levantada, há que se passar para a questão da transformação dos valores e das racionalidades, questão cuja tarefa crucial é a liberação dos mortos do passado e do futuro da sujeira do dinheiro, a transmutação desta realidade em impossível. Palavras profundas seguidas por escárnio, ou, coragem civil.

* * *

Sem o dinheiro, as condições do imperialismo na técnica são inimagináveis. E certamente, o Terceiro Reich também é uma questão de dinheiro acoplado à técnica. Oswald Spengler, em 1931, forja uma bela fórmula romântica e pré-nazista à qual Hitler e seus camaradas souberam fazer jus: “Somente a Europa Ocidental tem a vontade de potência na técnica”¹⁴⁰. A titânica técnica *nazi*, alimento para a alma, utopia do capital e do trabalho, *destino*, aceleração de desejos, necessidades, experimentos e ressentimentos, travamento de experiências pela colonização dos sentidos e escravização da compreensão, derrapagem autônoma no funcional e, por fim, uma força cega. Além da *Autobahn*, da *Wehrmacht*, da *Blitzkrieg*, de Auschwitz, o cinema nazista, também parte da vontade de potência na técnica em pleno funcionamento, no caso, responsável por superficializar os processos históricos, reprimir a realidade pela realidade das imagens, provocar intensas mudanças na percepção¹⁴¹. Novamente, é preciso

¹³⁹ Cf. MÜLLER, Heiner, “Plaidoyer pour la contradiction”, in *Fautes d'impression, cit.*, p. 152. Texto escrito em 1989. Tradução própria.

¹⁴⁰ Cf. MÜLLER, Heiner, “Meurs plus vite, Europe!”, in *Fautes d'impression, cit.*, p. 126. Entrevista realizada por Frank M. Raddatz em 1989. Tradução própria.

¹⁴¹ Em seu discurso final ao longo do julgamento de Nuremberg, Albert Speer, inspetor-geral de arquitetura que se torna o grande projetista da guerra total em 1942, declara: “A ditadura de Hitler foi a primeira ditadura de um Estado industrial, uma ditadura que, para dominar seu próprio povo, serviu-se com perfeição de todos os meios técnicos... dito isto, não se pode responsabilizar unicamente a personalidade de Hitler pelos acontecimentos criminosos desses anos. A desmedida de seus crimes poderia também se explicar pelo fato de que, para cometê-los, Hitler foi o primeiro a saber servir-se dos meios oferecidos pela técnica.”, SPEER, Albert *apud* VIRILIO, Paul, “Fern Andra”, in *Guerra e cinema*, São Paulo, Boitempo, 2005, p. 137. O cinema é um destes meios, um

dizer que esta vontade de potência expressa em uma espécie de complexo militar-industrial de destruição repousa sobre o recalque desta dimensão da vida que é a morte. Mas talvez ainda seja possível aprender qualquer coisa com outros lugares, por exemplo, com a África e sua relação para com a morte¹⁴². E mesmo mais,

dos principais oferecedores da *necessidade de ilusão*. De fato, o poder de inalação de *Herr Führer* que costuma se aplicar muito bem à vida real, tem também de, obrigatoriamente, se estender às imagens. É assim que cineastas, artistas, homens de espetáculo, figurantes entram em cena com, a título de exemplo, *O triunfo da vontade* de Leni Riefenstahl em 1934 – a criação de um universo artificial que parece absolutamente real, de um documentário autêntico sobre um acontecimento completamente encenado a partir de um orçamento ilimitado para a difusão com uma amplitude sem precedentes do titanismo nazista ao redor do mundo –, *O batismo de fogo* de Hans Bertram em 1940 – baseado em documentários jornalísticos, um resumo da invasão da Polônia pelos nazistas destinado a aterrorizar os espectadores estrangeiros e a forçá-los a reconhecer a superioridade da *Wehrmacht* a partir de imagens desprovidas de tensão dramática imediata, mas cuja montagem simplificada deve projetar sobre o espectador o ritmo vibrante de um grande acontecimento histórico – e *Kolberg* de Veit Harlan iniciado em 1942 – uma ordem militar do *Führer* concomitante ao recuo alemão em todas as frentes da Segunda Guerra Mundial que designa que, diante da precariedade total, cavalos, homens, máquinas, motores, suprimentos, armamentos, barco, balão e câmeras sejam enviados às cenas de batalha construídas nas proximidades de Berlim. Mais detalhadamente, com o advento da *Blitzkrieg*, os estúdios alemães continuam a gravar os filmes sentimentais pelos quais o público já havia se apaixonado antes mesmo da chegada dos nazistas ao poder, ainda que Joseph Goebbels intente um cinema realista com fortes traços populares. Os *Heimatfilme* (filmes que exaltam a vida no campo e o homem alemão simples e vigoroso), as comédias musicais provam que existe um cinema de retaguarda que também mobiliza, mas, sobretudo, que o “cinema-vivo dos imortais da Cidade” é o front de aço das tropas, dos carros de assalto, da *Luftwaffe*. A *Wehrmacht* zela imensamente por isto ao contar com um cinegrafista em cada uma de suas unidades numa rigorosa coordenação entre cinema, exército e propaganda – ou entre imagem, tática e roteiro – cujo objetivo é reunir e tratar instantaneamente a informação. Aí, sem dúvida, tudo é verdadeiro, mas se desenrola em um tempo intensivo próximo do tempo real da *Blitzkrieg*, da autêntica velocidade do assalto técnico. De modo extremamente instigante, em 1943, após a operação Gomorra, que varre Hamburgo com uma tempestade de fogo, e o bombardeio do Rhur, que provoca uma inundação apocalíptica, a massa de sobreviventes alemães reivindica a guerra como um *espetáculo* cada vez mais grandioso, não medindo esforços para demonstrar a disposição para *trabalhar* até 16 horas por dia se assim o ordenar o *Führer* e o requerer a *guerra total*. Em fevereiro de 1943, essa “tempestade de aço” é oficialmente pronunciada por Goebbels e Speer e a luta se estende para o conjunto da realidade, sem limites ou reservas e sem alvos declarados. Mas já durante o inverno de 1942-1943, a contra-ofensiva soviética obtém êxito, sendo Berlim pouquíssimo tempo depois esmagada pelos bombardeiros aliados. Já neste momento, muitos dirigentes reconhecem a inevitabilidade da derrota enquanto Hitler decide-se por oferecer ao seu extenso público uma retrospectiva das vitórias obtidas desde o início do conflito. Porém quando, em 1945, *Kolberg* finalmente está pronto para ser exibido, as salas berlinenses não passam de montes de ruínas. Ao suicidar-se em abril deste mesmo ano, o *Führer* finalmente decide-se por abandonar este seu *inferno das imagens*. Entretanto, o céu da osmose entre guerra e cinema industriais experimentado continua a brilhar, fortemente. Aliás, é certo que a vitória dos Aliados se deve em parte considerável à capacidade de compreensão do complexo poder de inalação de Hitler, ou seja, também a partir da investida maciça nas técnicas cinematográficas, o que faz com que a vanguarda seja atingida. Somente assim é que o enigma tecnológico se transforma plenamente no próprio conceito de guerra “real”. Cf. VIRILIO, Paul, *Guerra e cinema*, cit., pp. 23-153.

¹⁴² “Basicamente, se você imaginasse que nós morássemos na África, então Hitler seria enterrado todo ano, nós enterraríamos uma cópia de Hitler ou uma boneca de Hitler todo ano. Nós faríamos isto até que todo mundo começasse a ficar entediado, até que mais ninguém retornasse para este

pode ser que ainda esteja em jogo a virada desta vontade, tão refinada pelos nazistas, contra a sua orientação imperial e repressiva. Pois a técnica também pode vir a se transmutar em um veículo da diferença. O decisivo é apenas a lida com o tempo, com a percepção de seu decorrer, tempo de vida, tempo de morte, ao invés de seu recalque, de sua impulsão para o dinheiro e a aceleração. Outras combinações do humano com a natureza, com a técnica, que lhe sejam suportáveis, prazerosas, ainda são possíveis. Palavras profundas seguidas por escárnio, ou, coragem civil.

evento. Esta realmente seria a solução. (...) enterrar os mortos.”, MÜLLER, Heiner, e KLUGE, Alexander, “On the way to a theater of darkness”, in *Conversations between Heiner Müller and Alexander Kluge*, *cit.*, s/p. Entrevista difundida em 1990. Tradução própria.

Em busca de Odradek
Depois do desaparecimento das mães o trauma do
segundo nascimento
E o que eu vi era mais do que eu podia suportar

Heiner Müller

Na Alemanha, por exemplo, não se pisca mais

A epígrafe final é o fragmento do último poema de Heiner Müller, deixado ainda na máquina de escrever em dezembro de 1995. Ver a ruína do socialismo e da RDA, a reunificação alemã, a perda do piscar de olhos desta formação que não é mais nem ideia, nem nação, nem Estado, é, para ele, constatar o insuportável.

* * *

Primeiro, a adoção por parte do Exército Vermelho da estratégia contra-revolucionária alemã da batalha de cerco, responsável por iniciar o fim da era soviética e a transformação dos países do bloco oriental em bolsões isolados do exterior, colonizados em sua estrutura interna, habitados por prisioneiros. A RDA, assim, transmutada em um Estado provisório, um departamento da União Soviética, o primeiro anteparo militar a oeste, difícil de sustentar frente à atração econômica da outra Alemanha, a firma mais rica e mais improvável de abandonar diante da insegurança no espaço polonês intermediário. A política de Stalin, a consolidação do terror ao invés da conquista da alteridade. Depois de Hiroshima, a alta das importações e exportações de liberdade de exploração, apenas imaginável em sedes de Estado-Maior. E a utopia comunista de um mundo livre deste comércio, tornada cada vez mais distante e desprovida de articulações com as realidades.

O fim do confronto militar da Guerra Fria significa necessariamente a ruína da RDA, um de seus produtos mais caros. RDA, um sonho comunista historicamente transformado em pesadelo, uma possibilidade de liberação dos mortos consolidada em paródia. Seu antinazismo prescrito, na verdade, um culto aos mortos. Toda uma população feita prisioneira dos mesmos... De fato, os

mortos do antinazismo da Segunda Guerra Mundial têm sua aura perdida devido à subsequente submissão dos sobreviventes derrotados aos cadáveres vencedores do campo adversário. Sim, a réplica dos campos de concentração e extermínio, o *campo socialista* que, a partir de seus Estados, mobiliza totalmente suas populações, as acelera econômica e tecnologicamente ao seu modo, um misto de modernização e tradição, e seleciona seus próprios mortos. A construção do muro era uma tentativa de desacelerar o tempo, de legítima defesa contra os ataques econômico e técnico do Ocidente. Sua presença, um retrato concreto da situação histórica e a possibilidade de um trabalho pela diferença.

Contudo, a melhor descrição do socialismo “realmente existente”, o texto de Franz Kafka *O brasão da cidade*¹⁴³. Eis a falta capital: a obsessão pela *ideia* de ultrapassamento do capitalismo produtora do esquecimento do objetivo histórico

¹⁴³ “No início tudo estava numa ordem razoável na construção da Torre de Babel; talvez a ordem fosse até excessiva, pensava-se demais em sinalizações, intérpretes, alojamentos de trabalhadores e vias de comunicação, como se à frente houvesse séculos de livres possibilidades de trabalho. A opinião reinante na época chegava ao ponto de que não se podia trabalhar com lentidão suficiente, ela não precisava ser muito enfatizada para que se recuasse assustado ante o pensamento de assentar os alicerces. Argumentava-se da seguinte maneira: o essencial do empreendimento todo é a idéia de construir uma torre que alcance o céu. Ao lado dela tudo o mais é secundário. Uma vez apreendida na sua grandeza essa idéia não pode mais desaparecer; enquanto existirem homens, existirá também o forte desejo de construir a torre até o fim. Mas nesse sentido não é preciso se preocupar com o futuro; pelo contrário, o conhecimento da humanidade aumenta, a arquitetura fez e continuará fazendo mais progressos, um trabalho para o qual necessitamos de um ano será dentro de cem anos realizado, talvez em meio e além disso melhor, com mais consistência. Por que então esforçar-se ainda hoje até o limite das energias? Isso só teria sentido se fosse possível construir a torre no espaço de uma geração. Mas não se pode de modo algum esperar por isso. Era preferível pensar que a geração seguinte, com o seu saber aperfeiçoado, achará mau o trabalho da geração precedente e arrasará o que foi construído, para começar de novo. Esses pensamentos tolhiam as energias e, mais do que com a construção da torre, as pessoas se preocupavam com a construção da cidade dos trabalhadores. Cada nacionalidade queria ter o alojamento mais bonito, resultaram daí disputas que evoluíram até lutas sangrentas. Essas lutas não cessaram mais, para os líderes elas foram um novo argumento no sentido de que, por falta da concentração necessária, a torre deveria ser construída muito devagar ou de preferência só depois do armistício geral. As pessoas porém não ocupavam o tempo apenas com batalhas, nos intervalos embelezava-se a cidade, o que entretanto provocava nova inveja e novas lutas. Assim passou o tempo da primeira geração, mas nenhuma das seguintes foi diferente, sem interrupção só se intensificava a destreza e com ela a belicosidade. A isso se acrescentou que já a segunda ou terceira geração reconheceu o sem-sentido da construção da torre do céu, mas já estavam todos muito ligados entre si para abandonar a cidade. Tudo o que nela surgiu de lendas e canções está repleto de nostalgia pelo dia profetizado em que a cidade será destruída por um punho gigantesco com cinco golpes em rápida sucessão. Por isso a cidade também tem um punho no seu brasão.”, KAFKA, Franz, “O brasão da cidade”, in *Narrativas do espólio (1914-1924)*, Tradução e posfácio de Modesto Carone, São Paulo, Companhia das Letras, 2002, pp. 108, 109.

de construção social de uma alternativa à sua voracidade. Além disso, nenhum Estado pode prender sua população por mais de uma geração, contra a sua própria vontade, em uma sala de espera onde se vêem os trens e tanques blindados das mercadorias voando pela televisão, trens e tanques nos quais nunca se pode embarcar, mas nos quais, a partir de um certo momento, passa-se a desejar fazê-lo veementemente.

Agora, com o desaparecimento da fratura que é o muro seguido pelo desmoronamento da cortina de ferro, tudo está, conforme os povos do leste dizem, “aberto”, realmente aberto para a desafetação total do mercado... Um belo réquiem para o socialismo na Europa Oriental foi escrito por Ésquilo:

“Assim falou a águia quando viu a flecha
Que lhe transpassou
A plumagem:
Assim não sucumbimos a nenhum outro
Que não à nossa própria asa”¹⁴⁴

* * *

Depois vem a reunificação, alemães comprando e selecionando alemães, e o despontar do sumiço de ambas as partes. Isto porque a relação esquizofrênica estabelecida entre RDA e RFA – uma metade, em seu espaço ilusório, desviando seu olhar para a outra e intentando conquistá-la para seu lado e vice-versa –, simplesmente desaparece. De maneira arrogante, era de se esperar que, com a junção, a RDA fosse aquela a ser incorporada e devorada pelo herói vencedor RFA. O que não funciona de modo algum. Ao invés disso, ambas as partes vão se apagando, dando lugar a um vácuo inamovível, a uma União Financeira do *Deutschmark* em um mundo em que o dinheiro não é patriota. Daí, por exemplo, a inutilidade da queixa do chanceler Helmut Kohl ao se referir à pouca disponibilidade de investimento dos bancos alemães no novo leste miserável do

¹⁴⁴ ÉSQUILO *apud* MÜLLER, Heiner, “Reminiscências de um Estado”, in *Guerra sem batalha...*, *cit.*, p. 265. Escrito em 1992.

país, já que não há mais dinheiro nacional que possa garantir a própria identidade. A Alemanha, assim, transformada em um mercado entre muitos outros, abandonada ao seu destino de mobilização e aceleração totais para a produção terrorista de capital. Nela, já não se pisca mais. Suas pálpebras foram dinamitadas e seu corpo remendado agora se arrasta pela morte. O piscar de olhos era o desvio que lhe fornecia outras imagens de mundo, outras percepções, outros sentidos, outros “para quê”. Dela, no momento, resta apenas um imenso vazio, uma fúria do desaparecimento no nada também empurrada para frente através da realização de distopias técnicas, do delírio da conversão das realidades em realidades virtuais – notícias televisivas, bancos de dados, estatísticas de computadores, números de bolsas de valores, design de imagens –, tudo para que o insuportável constantemente se torne suportável.

* * *

O terror gerado pelo confronto com a história alemã é tal que Müller, desde pouco antes da queda do muro, diz se situar no espaço-tempo vazio do mito comunismo e, mais à frente, após a estabilização da reunificação, ter ultrapassado o limite das raízes, descartando a própria terra como lugar e temporalidade para morada e trabalho, pois o estoque de materiais até então nela produzido já lhe parece mais que suficiente para uma existência em quaisquer cenários. Por fim, encontrando-se no limiar da morte, experimentando o cinismo pragmático daqueles que sonharam realidades distintas das que se conformaram e a esquizofrenia daqueles em estado moribundo que ainda falam e escrevem para os vivos, continua a martelar a esperança, cujo consolo é a transformação, do diálogo com os mortos do passado e do futuro da história desta formação monstruosa que muito tem a dizer a respeito da grande máquina social, diálogo este a ser estabelecido pelas gerações que prosseguirão se desdobrando depois de sua passagem. Para elas, tem início a questão do assombro, do confronto com as traumáticas paisagens históricas pelo segundo *anjo sem sorte*:

“Entre cidade e cidade
Depois do muro o abismo
Vento nos ombros Estrangeira
A mão sobre a carne solitária
O anjo eu ainda o ouço
Mas ele não tem mais rosto senão
O teu que eu não conheço”¹⁴⁵

Suas vibrações, abertura para outros lugares nos quais se pisque, para outros conceitos de história.

¹⁴⁵ MÜLLER, Heiner, “Anjo sem sorte 2”, in *O anjo do desespero (poemas)*, cit., p. 67, e MÜLLER, Heiner, “Ange Malchanceux 2”, in *Poèmes (1949-1995)*, cit., p. 102. Escrito entre 1989 e 1995. Tradução própria.

AGAMBEN, Giorgio, *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2004.

BARRENTO, João, “Heiner Müller: caligrafias da morte”, in MÜLLER, Heiner, *O Anjo do desespero (poemas)*, Tradução, posfácio e notas de João Barrento, Lisboa, Relógio D’Água Editores, 1997, pp. 81-88.

BENJAMIN, Walter, “O narrador”, in *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, Obras Escolhidas, v. 1, São Paulo, Editora Brasiliense, 1985, pp. 197-221.

_____, “Sobre o conceito de história”, in LÖWY, Michael, *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*, Tradução das teses de Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller, São Paulo, Boitempo, 2005, pp. 41-146.

_____, “Teorias do fascismo alemão”, in *Documentos de cultura, documentos de barbárie (Escritos escolhidos)*, Seleção e apresentação de Willi Bolle, São Paulo, Cultrix, Editora da Usp, 1986, pp. 130-137.

BRECHT, Bertolt, *O declínio do egoísta Johann Fatzer*, Organização e prefácio de Heiner Müller, São Paulo, Cosac & Naify, 2002.

BULLOCK, Marcus, “Walter Benjamin and Ernst Jünger: destructive affinities”, in *German Studies Review*, Vol. 21, n. 03, outubro 1998, pp. 563-581.

CHURCHILL, Winston, *A Segunda Guerra Mundial*, São Paulo, Editora Nacional, 1948-1950.

CORDEIRO, Edmundo, *A figura do trabalhador: ensaio sobre a técnica segundo Ernst Jünger*, Dissertação de Mestrado em Comunicação Social, Universidade de Lisboa, 1994.

DE BENOIST, Alain, e CHAMPETIER, Charles, “Manifeste: la Nouvelle Droite de l’an 2000”, in *Éléments*, n. 94, fevereiro de 1999.

DE GAULLE, Charles, *E a França teria vencido!*, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1941.

_____, “O político e o soldado”, in *O fio da espada*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 2001, pp. 119-145.

_____, *Trois Études précédées du Memorandum du 26 Janvier 1940*, Paris, Plon, 1971.

DELEUZE, Gilles, *Conversações*, São Paulo, Editora 34, 2006.

DELEUZE, Gilles, e GUATTARI, Félix, *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1976.

DROZ, Jacques, *História da Alemanha*, Portugal, Publicações Europa-América, 1999.

ELIAS, Norbert, *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

FISCHER, Klaus, *Nazi Germany: a new history*, Nova York, Continuum, 1999.

FULBROOK, Mary, *Historia de Alemanha*, Inglaterra, Cambridge University Press, 1995.

FULLER, John Frederick Charles, *A conduta da guerra (de 1789 até aos nossos dias)*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1966.

GALISI FILHO, José, *A constelação do zênite: imaginação utópica e histórica em Heiner Müller (anos setenta e oitenta)*, Dissertação de Mestrado em Teoria Literária apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

GARCIA DOS SANTOS, Laymert, *Drucksache N. F. 6 Brasilien*, Düsseldorf, Richter Verlag, 2001.

_____, “Entrevista com Heiner Müller”, in *Tempo de ensaio*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, pp. 99-109.

_____, “Müller e o ritmo dos tempos”, in *Polítizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética*, São Paulo, Editora 34, 2003, pp. 246-263.

GEMÜNDEN, Gerd, “The author as battlefield: Heiner Müller’s Autobiography *War without battle*”, in FISCHER, Gerhard (org.), *Heiner Müller: ConTEXTS and HISTORY: a collection of essays from The Sidney German Studies Symposium 1994 Heiner Müller / Theatre-History-Performance*, Tübingen, Stauffenburg Verlag, 1995, pp. 117-127.

GNOLI, Antonio e VOLPI, Franco, *Les Prochains Titans*, Paris, Bernard Grasset, 1998.

HERF, Jeffrey, *O modernismo reacionário: tecnologia, cultura e política na República de Weimar e no Terceiro Reich*, São Paulo, Ensaio; Campinas, Editora da Unicamp, 1993.

HERVIER, Julien, *Entretiens avec Ernst Jünger*, Paris, Gallimard, 1986.

HÖLDERLIN, Friedrich, *Canto do destino e outros cantos*, São Paulo, Iluminuras, 1994.

_____, *Obras Completas / Paulo Quintela*, Organização de Ludwig Scheidl [et. al.], Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian, 1996.

JOURDHEUIL, Jean, “Postface”, in MÜLLER, Heiner, *Germania 3: les spectres du mort-homme*, Paris, L’Arche, 1996, pp. 75-79.

_____, “Une postface n’est pas une préface: l’interview comme genre”, in MÜLLER, Heiner, e KLUGE, Alexander, *Esprit, Pouvoir et Castration: entretiens inédits (1990-1994)*, Paris, Éditions Theatrales, 1997, pp. 59-68.

JÜNGER, Ernst, *A guerra como experiência interior*, Lisboa, Ulisseia, 2005.

_____, “A mobilização total”, in *Revista Natureza Humana*, Revista do Grupo de Pesquisa em Filosofia e Práticas Psicoterápicas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, Vol. 4, n. 1, janeiro-junho 2002, pp. 189-216.

_____, “La cabane dans le vignoble”, in *Journal de guerre et d’occupation (1939-1948)*, Paris, Rene Julliard, 1965, pp. 386-499.

_____, *La Paz seguido de El nudo gordiano, El Estado mundial y Alocución em Verdún el 24 de junio de 1979*, Barcelona, Tusquets Editores, 1996.

_____, *L'état universel suivi de La mobilisation totale*, Paris, Gallimard, 1990.

_____, *Maxima-Minima: notes complémentaires pour Le Travailleur*, Paris, Christian Bourgois éditeur, 1992.

_____, *Nos Penhascos de Mármore*, São Paulo, Cosac Naify, 2008.

_____, *O passo da floresta*, Lisboa, Edições Cotovia, 1995.

_____, *O problema de Aladino*, Lisboa, Edições Cotovia, 1989.

_____, *Orages d'acier: journal de guerre*, Paris, Christian Bourgois éditeur, 1970.

_____, *O Trabalhador: domínio e figura*, Lisboa, Hugin Editores, 2000.

_____, "Sobre a linha", in *Cadernos de Tradução*, n. 3, DF/Usp, 1998, pp. 41-74.

_____, *Sobre el dolor seguido de la movilización total y Fuego y movimiento*, Barcelona, Tusquets Editores, 1995.

JÜNGER, Friedrich Georg, *Perfección y fracaso de la técnica*, Buenos Aires, Sur, 1968.

KAFKA, Franz. "O brasão da cidade", in *Narrativas do espólio (1914-1924)*, Tradução e posfácio de Modesto Carone, São Paulo, Companhia das Letras, 2002, pp. 108, 109.

KEEGAN, John, *História ilustrada da Primeira Guerra Mundial*, Rio de Janeiro, Ediouro, 2004.

KOUDELA, Ingrid (org.) *Heiner Müller: o espanto no teatro*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2003.

KURZ, Robert, *O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

LAMMERT, Mark, *Kinne. Drucksache N. F. 1*, Berlim; Düsseldorf, Richter Verlag, 2001.

LOPES, Elisabeth Pereira, *A máscara e a formação do ator*, Tese de Doutorado em Artes Cênicas apresentada ao Instituto de Artes da Unicamp, Campinas, 1990.

MESQUITA, Julio de, *A guerra (1914-1918)*, 4v., São Paulo, O Estado de São Paulo; Editora Terceiro Nome, 2002.

MOREL, Jean-Pierre, "Lieux", in MÜLLER, Heiner, e KLUGE, Alexander, *Profession Arpenteur: entretiens nouvelle série (1993-1995)*, Paris, Éditions Theatrales, 2000, pp. 107-117.

MÜLLER, Heiner, "El teatro es crisis", in <http://www.nexoteatro.com/Heiner%20Muller.htm> (Acessos em Agosto e Setembro de 2010), Entrevista realizada por Ute Scharfenberg em 1995.

_____, *Erreurs choisies*, Textos e entrevistas selecionados por Jean Jourdheuil, Paris, L'Arche, 1988.

_____, *Fautes d'impression*, Textos e entrevistas selecionados por Jean Jourdheuil, Paris, L'Arche, 1991.

_____, *Germania*, Nova York, Semiotext(e), 1990.

_____, *Guerra sem batalha: uma vida entre duas ditaduras*, São Paulo, Estação Liberdade, 1997.

_____, *La bataille et autres textes*, Paris, Les Editions de Minuit, 1987.

_____, *Medeamaterial e outros textos*, Rio de Janeiro; São Paulo, Paz e Terra, 1993.

_____, "Necrofilia é amor ao futuro", in *Revista Vintém*, Revista da Cia. do Latão, n.5, 1º semestre de 2004, pp. 25-35, Entrevista realizada por Frank M. Raddatz e publicada em 1990.

_____, *O Anjo do desespero (poemas)*, Tradução, posfácio e notas de João Barrento, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1997.

_____, "Para sempre em Hollywood", in *Revista Vintém*, Revista da Cia. do Latão, n.5, 1º semestre de 2004, pp. 37-44, Entrevista realizada por Frank M. Raddatz e publicada em 1994.

_____, *Poèmes (1949-1995)*, Poemas reunidos por Jean Jourdheuil, Paris, Christian Bourgois Éditeur, 1996.

MÜLLER, Heiner, e KLUGE, Alexander, *Conversations between Heiner Müller and Alexander Kluge*, in <http://muller-kluge.library.cornell.edu/en/videos.php> (Acessos em Julho, Agosto e Setembro de 2010).

_____, *Esprit, Pouvoir et Castration: entretiens inédits (1990-1994)*, Paris, Éditions Theatrales, 1997.

_____, *Profession Arpenteur: entretiens nouvelle série (1993-1995)*, Paris, Éditions Theatrales, 2000.

ROSENFELD, Anatol, "Endívias violáceas", in *Letras Germânicas*, São Paulo, Editora da Usp, Perspectiva; Campinas, Editora da Unicamp, 1993, pp. 195-201.

RÖHRIG, Christine, "Apresentação", in BRECHT, Bertolt, *O declínio do egoísta Johann Fatzer*, Organização e prefácio de Heiner Müller, São Paulo, Cosac & Naify, 2002, pp. 7-9.

SCHMITT, Carl, *O conceito do político*, Petrópolis, Vozes, 1992.

_____, *Hamlet ou Hécube. L'irruption du temps dans le jeu*, Paris, L'Arche, 1992.

_____, *Theologie politique*, Paris, Gallimard, 1988.

SLOTERDIJK, Peter, *A mobilização infinita: para uma crítica da cinética política*, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2002.

SPENGLER, Oswald, *O homem e a técnica*, Lisboa, Guimarães & Cia Editores, 1980.

VIRILIO, Paul, *Guerra e cinema*, São Paulo, Boitempo, 2005.

BERTRAM, Hans, *Feuertaufe – Der Film vom Einsatz unserer Luftwaffe in Polen*, [O batismo de fogo: o filme da operação de nossa força aérea na Polônia] in <http://nazi-germany-videos.weebly.com/videos.html> (Acesso em Outubro de 2010), 1940.

FAROCKI, Harun, *Zwischen zwei Kriegen* [Entre duas guerras], Alemanha, 1978.

HANEKE, Michael, *Das weisse Bande – Eine deutsche Kindergeschichte* [A fita branca: uma história infantil alemã], Áustria; Alemanha; França; Itália, 2009.

HARLAN, Veit, *Kolberg*, in <http://nazi-germany-videos.weebly.com/videos.html> (Acesso em Outubro de 2010), 1945.

RIEFENSTAHL, Leni, *Triumph des Willens – Das Dokument vom Reichsparteitag* [O triunfo da vontade: documento do Comício do Partido Nacional-Socialista em Nuremberg], in <http://nazi-germany-videos.weebly.com/videos.html> (Acesso em Outubro de 2010), 1934.

RÜTHER, Christoph, e IRMER, Thomas, *Ich will nicht wissen, wer ich bin: Heiner Müller* [Eu não quero saber quem eu sou: Heiner Müller], Alemanha, ZDFtheaterkanal, 2009.

TARANTINO, Quentin, *Inglourious Basterds* [Bastardos inglórios], Estados Unidos, 2009.

Ehre der Arbeit [A honra do Trabalho], in <http://nazi-germany-videos.weebly.com/videos.html> (Acesso em Outubro de 2010), 1936.

1895: Nascimento em 29 de março, em Heidelberg, Alemanha, de Ernst, químico e farmacêutico, e Karoline Lampl.

1907: A família instala-se em Rehburg, perto de Hanovre, Alemanha.

1913: Em novembro, foge de casa e, em Verdun, alista-se na Legião Estrangeira tendo por destino Orão e Sidi Bel Abbes, Argélia. Sob a intervenção de seu pai, retorna ao lar após cinco semanas.

1914: Ingressa no Gilbmeister-Institut de Hanovre.

1914-18: Quando a Primeira Guerra Mundial estoura, logo em primeiro de agosto alista-se no exército como voluntário e é então destinado ao 73º Regimento dos Fusileiros “Prinz Albrecht von Preussen”. Após as aulas, parte no final de dezembro do mesmo ano para o fronte de Champagne. Durante o confronto, é ferido catorze vezes. Em 22 de setembro de 1918, é condecorado com “Pour le Mérite”, a mais alta distinção alemã criada por Frederico II da Prússia, que raramente é atribuída aos militares não graduados.

1919-23: Reside em Hanovre e até o final de agosto de 1923 serve no exército da República de Weimar.

1920: Publica por sua própria conta 2000 exemplares de seu diário de guerra sob o título *In Stalhgewittern. Aus dem Tagebuch eines Sturmtruppführers*

¹⁴⁶ Sobretudo, cf. GNOLI, Antonio, e VOLPI, Franco, *Les prochains Titans*, cit., pp. 135-147, e HERVIER, Julien, *Entretiens...*, cit., pp. 159-162.

(*Tempestades de aço: diário de guerra*). Imediatamente, a obra adquire um grande sucesso e o torna célebre.

1921: Influenciado pelo Expressionismo, escreve algumas composições poéticas, que destrói na seqüência. Resta tão-somente aquela dedicada a Alfred Kubin, que ele próprio conservara: *Zu Kubinsbild: Der Mensch* (*Às imagens de Kubin: o homem*).

1922: Reedição de *In Stalhgewittern* pelo editor Mittler de Berlim também responsável por publicar seu ensaio *Der Kampf als inneres Erlebnis* (*A guerra como experiência interior*).

1923: Elabora *Sturm* (*Tenente Sturm*), apenas publicado na edição de suas *Obras Completas* em 1965.

1923-26: Inscreve-se na Universidade de Leipzig para estudar as ciências naturais, em particular, a zoologia. Também segue as aulas do filósofo vitalista Hans Driesch e do filósofo e psicólogo Felix Krüger. Interrompe seus estudos de zoologia em maio de 1926 para consagrar-se inteiramente a seu ofício de escritor.

1924: Publicação de *Das Wäldchen 125* (*O bosque 125*).

1925: Publicação de *Feuer und Blut* (*Fogo e sangue*).

Casa-se com Gretha von Jeinsen.

1926: Nasce seu primeiro filho, Ernst.

1927: Os nacional-socialistas lhe oferecem um mandato no *Reichstag*, prontamente recusado.

1927-33: Instala-se em Berlim, onde conhece e passa a conviver com personagens heterogêneos tais como Joseph Goebbels, Ernst von Salomon, Carl

Schmitt, Otto Strasser, Bertolt Brecht e Ernst Niekisch. Aí permanece até 1933, quando parte para Goslar. Neste mesmo ano, é convidado para fazer parte da *Deutsche Akademie der Dichtung (Academia Alemã de Letras)*, tomada pelos nazistas, e recebe uma nova oferta de posto político ao lado dos nacional-socialistas feita por Goebbels. Recusa ambas propostas.

Colabora em revistas políticas e literárias da direita nacionalista tais como *Die Standarte*, *Arminius* e *Der Widerstand (A Resistência)*, esta última, órgão do nacional-bolchevismo dirigido por Niekisch.

Faz muitas viagens: França, Sicília, Ilhas Baleares, Espanha e Dalmácia, Croácia.

1929: Publicação de *Das Abenteuerliche Herz (O coração aventureiro)*.

1930: Inicia suas correspondências com Carl Schmitt e Martin Heidegger.

Publicação da coletânea de ensaios *Krieg und Krieger (Guerra e guerreiros)* pela editora Junker und Dünhaupt, coletânea organizada por Jünger e encabeçada por *Die totale Mobilmachung (A mobilização total)*.

1932: Publicação de *Der Arbeiter (O Trabalhador)*.

1934: Publicação de *Blätter und Steine (Folhas e pedras)* que reúne ensaios tais como *Die totale Mobilmachung* e *Über den Schmerz (Sobre a dor)*, ainda inédito.

Escreve uma carta de protesto ao órgão do partido NDSAP *Völkischer Beobachter* que havia publicado sem sua autorização e sem mesmo indicar a fonte um fragmento de *Das Abenteuerliche Herz*, o que fez com que passasse por um de seus colaboradores.

Nascimento de Alexander, segundo filho.

1936: Publicação de *Afrikanische Spiele (Jogos africanos)*.

Instala-se em Überlingen.

Viagens ao Brasil, a Las Palmas, a Madeira, a Casablanca, às Ilhas Canárias e ao Marrocos.

1938: Publicação remanejada de *Das Abenteuerliche Herz*.

Viaja a Rodas, Grécia, na companhia de seu irmão, Friedrich Georg Jünger, escritor, poeta e filósofo.

1939: Publicação de *Auf den Marmorklippen (Nos penhascos de mármore)*.

1939-49: Instala-se em Kirchhorst, próximo a Hanovre, em 1939. Neste ano, é requisitado pelo exército e enviado ao fronte ocidental como capitão. Em 1941, é enviado à Paris ocupada, destinando-se ao Comando alemão para a execução do serviço de censura. Permanece no Hotel Majestic e em seu escritório no Hotel Raphaël. Em Paris, conhece Banine, Céline, Cocteau, Gaston Gallimard, Paul Morand, Picasso, dentre outros.

Em 1942, é enviado ao fronte oriental do Cáucaso como inspetor do exército para detectar e sondar reações de oficiais quanto a um eventual golpe contra Hitler, aí permanecendo até o ano seguinte. Adquire conhecimentos sobre a preparação da operação.

Em 1944, seu filho Ernst é preso e condenado por atividades de oposição ao regime. Devido à sua (pouca) idade, o tribunal militar transforma a pena em alistamento forçado em uma unidade de assalto enviada ao fronte italiano. Tomba em Carrara pouco tempo depois.

Depois do atentado de julho de 1944, o Comando alemão de Paris é dissolvido e Jünger retorna a Kirschhorst. Logo após, é reenviado ao exército.

Der Friede (A paz), primeiramente elaborada entre 1941 e 1942, passa a circular clandestinamente em 1945.

Perante o avanço dos Aliados, organiza a resistência local por meio da *Volksturm* (milícia territorial) que comanda. E, após a capitulação alemã, apesar de sua posterior desaprovação do nazismo, passa a ser hostilizado por aqueles que o acusam de ter sido o precursor desta “fúria demoníaca”.

Entre 1945 e 1949, o governo militar inglês da zona alemã ocupada na qual reside o proíbe de efetuar publicações, haja vista o processo de “desnazificação” da Alemanha. Contudo, estes anos são marcados por uma produção intensa e extensa que se desdobra desde 1941: *Der Friede*, os diários parisienses, as notas

caucasianas, os papéis de Kirchhorst e a obra *Die Hütte im Weinberg. Jahre der Okkupation (As cabanas em Weinberg: anos da ocupação)*.

Em 1948, instala-se em Ravensburg, onde residirá até 1950.

1942: Publicação dos diários parisienses dos anos 1939-1940 sob o título *Gärten und Strassen (Jardins e estradas)*.

1943: Publicação de *Myrdun. Briefe aus Norwegen (Myrdun: cartas da Noruega)*.

1946: *Der Friede* é publicada primeiramente na tradução francesa na revista *Synthèse* de Bruxelas.

1947: Publicação de *Atlantische Fahrt (Viagem atlântica)*, referente à viagem feita ao Brasil em 1936.

Publicação de *Sprache und Körperbau (Língua e estrutura)*.

1949: Encontra-se com Heidegger e contribui no volume realizado por conta do sexagésimo aniversário do filósofo com o ensaio *Über die Linie (Sobre a linha)*, publicado no ano seguinte.

Publicação de seus diários sob o título *Strahlungen (Radiações)* e do romance *Heliopolis*.

1950: Instala-se em Wilflingen, Alta Suábia, onde permanecerá definitivamente. Em um primeiro momento, mora no castelo dos Stauffenberg para depois residir na casa florestal que lhe faz face.

Com Albert Hofmann, descobridor do LSD, experimenta os efeitos do novo alucinógeno, efeitos estes descritos em *Annäherungen. Drogen und Rausch (Drogas, embriaguês e outros temas)*.

1951: Publicação de *Der Waldgang (O tratado do rebelde, ou, na tradução portuguesa, O passo da floresta)*.

1952: Publicação de *Besuch auf Godenholm (Visita a Godenholm)*.

1953: Publicação de *Der gordische Knoten (O nó górdio)*.

1954: Publicação de *Das Sanduhrbuch (O tratado da ampulheta)*.

Viaja a Sardenha, de onde retornará em 1957.

1955: Publicação de *Am Sarazenturm (Na torre sarracena)*.

Recebe os prêmios literários das cidades de Bremen e de Goslar.

1956: Publicação de *Rivarol*.

1957: Publicação de *Gläserne Bienen (Abelhas de vidro)*.

1958: Viagem aos Estados Unidos.

Publicação de *Die Hütte im Weinberg. Jahre der Okkupation*.

1959: Junto de Mircea Eliade funda a revista *Antaios* que co-dirigirá até 1971.

Publicação de uma síntese de seu novo ensaio *An der Zeitmauer (O muro do tempo)* na coletânea organizada em homenagem ao sexagésimo segundo aniversário de Heidegger. Pouco tempo depois, o ensaio já aparecerá por completo.

Viagens à Grécia, Síria, Jordânia e ao Líbano.

1960: Publicação de *Graffiti* e de *Der Weltstaat (O Estado Universal)*.

Viagem a França.

Falecimento de sua esposa, Gretha.

1962: Casa-se com Liselotte Lohrer, arquivista de formação e autora de trabalhos universitários.

Viagens ao Egito, Sudão, Sinar e, depois, a Áustria e Espanha.

1963: Publicação de *Typus, Name, Gestalt (Tipo, Nome, Figura)*.

1964: Publicação das notas e observações sobre *O Trabalhador* intituladas *Maxima-Minima*.

Publicação de *Mantrana. Einladung zu einem Spiel* (*Mantrana: convite para um jogo*).

Recebe o *Immermann Prize*.

Viaja para Grécia, Noruega e Sualbard, Oceano Ártico.

1965: Finaliza a publicação da primeira edição de suas *Obras Completas* (*Sämtliche Werke*) em dez volumes.

Realiza um cruzeiro na Ásia Oriental.

1966-68: Faz novas viagens à Córsega, Angola, Ilha de Elba, Islândia e aos Pirineus.

A partir de 1967, viaja a Paris praticamente todo ano.

Em 1968, é convidado de honra da *Deutsche Akademie* de Villa Massimo, Roma.

1967: Publicações de suas observações e experiências entomológicas em *Subtile Jagden* (*Caçadores sutis*).

1969: Dedicar *Federbälle* (*Volantes*) ao octogésimo aniversário de Heidegger.

1969-77: Viagens ao Marrocos, a Agadir, às Ilhas Canárias, a Creta, a Nice, França, a Tunísia, a Turquia, ao Ceilão, a Djerba, Tunísia, a Libéria, a Sicília e a Sri Lanka.

Em 1977, morre seu irmão Friedrich Georg em Überlingen.

1970: Publicação de *Annäherungen. Drogen und Rausch*.

Recebe a medalha de ouro da fundação Freiherr von Stein.

1971: Publicação de sua correspondência com Alfred Kubin.

1972: Publicação de *Philemon und Baucis. Der Tod in der technischen und in der mytischen Welt* (*Filémon e Baucis: a morte nas civilizações técnica e mítica*).

1973: Publicação de *Die Zwillle (A fronda)*.

1974: Recebe o prêmio Schiller de Bade-Wurtemberg.

1977: Publicação de *Eumeswil*.

1978: Início da nova edição de suas *Obras Completas (Sämtliche Werke)* publicada pelo editor Klett-Cotta de Stuttgart em 18 volumes.

Novas viagens: Malta, Ilha de São Pedro, Avignon e Nice.

Dirige-se a Plettenberg, Alemanha, para rever o amigo Carl Schmitt.

1979: Viaja a Libéria, Grécia e Paris.

Revela-se um forte defensor da Europa unida e um promotor dos direitos humanos.

Recebe a Medalha de Paz da cidade de Verdun.

1980: Publicação da primeira série de diários da velhice, *Siebzig verweht (Setenta apaga-se)*, compreendendo o período de 1970-75.

1980-81: Viagens a Grécia, Singapura e Rodes.

1981: Publicação da segunda série de *Siebzig verweht*, estendendo-se de 1976 a 1980.

Recebe a medalha de ouro da Humboldt Society.

1982: Recebe o prêmio Goethe da cidade de Frankfurt, fato que suscita intensos protestos por parte de seus adversários.

Viaja a Dalmácia.

1983: A segunda edição de suas *Obras Completas* é finalizada.

Publicação do romance *Aladins Problem (O problema de Aladim)*.
Viaja a Portugal.

1984: Convidado pelo presidente francês François Mitterrand e pelo chanceler alemão Helmut Kohl, participa das festividades em homenagem às vítimas das duas Grandes Guerras e à reconciliação franco-alemã em Verdun. Em Paris, o Senado convida-o para condecorar um veterano francês da Primeira Guerra com a medalha Robert Schuman – Fraternité Combattante.

Publicação de *Autor und Autorschaft (O autor e a escritura)*.
Viagens para a Ilha de Santorini, Grécia, e Berlim.

1985: Condecorado com a Grã-Cruz de Mérito da RFA.

Bade-Wurtemberg cria o prêmio Ernst Jünger de Entomologia.

François Mitterrand e Helmut Kohl o visitam em Wilflingen.

Publicação de *Eine gefährliche Begegnung (Um encontro perigoso)* e de *Augewählte Erzählungen (Contos escolhidos)*.

Viaja ao Chipre e a Paris.

1986: Publicação das entrevistas realizadas por Julien Hervier pela Gallimard, Paris.

Condecorado com *Bayerischer Maximiliansorden* das artes e das ciências em Munique e com o prêmio Mediterrâneo em Palermo.

Novas viagens: Malásia, Sumatra e distrito de Ticino, Suíça.

1987: Publicação de *Zweimal Halley (Sob o signo de Halley)*.

Recebe o prêmio Tevere do presidente italiano Francesco Cossiga em Roma.

1988: Viaja a Paris junto de Helmut Kohl para participar das celebrações do vigésimo quinto aniversário do Acordo Franco-Alemão.

Heiner Müller o visita em Wilflingen.

1989: Em Bilbao, torna-se *Doutor honoris causa* da Universidade dos Países Bascos. Permanece em Madrid e depois viaja às Ilhas Maurício.

1990: Felipe Gonzalez, primeiro ministro espanhol, o visita em Wilflingen.

Recebe o Prêmio de Arte da Alta Suábia.

Publicações de *Die Schere (As tesouras)* e *Zeitsprünge (Saltos no tempo)*.

Visita Lascaux, Toulouse, Montpellier, Paris, Suíça e Creta.

1991-92: Viaja a Nîmes, ex-RDA, Dresden e Meissen.

1993: Mitterrand o recebe como hóspede no Eliseu.

É nomeado membro de honra da Société des Études Broyennes.

Mitterrand e Kohl novamente o visitam em Wilflingen.

Em Veneza, a 45ª Bienal lhe atribui o Grande Prêmio dos Pontos Cardinais da Arte. Escreve o prefácio do catálogo desta Bienal que é publicado em *Die Zeit* sob o título *Gestaltwandel (Metamorfose)*.

Publica a terceira série de *Siebzig verweht* que compreende os anos 1981-1985.

Seu filho Alexander, após acidente, se suicida.

1994: Permanece em Überlingen para a redação definitiva da quarta série de *Siebzig verweht*, que compreende o diário dos anos 1986-1990. Em seguida, dirige-se a Bregenz, Munique e ao distrito de Ticino.

1995: Festividades e manifestações são organizadas internacionalmente por conta de seu centésimo aniversário.

Publicação do quarto volume de *Siebzig verweht*.

1996: Instala-se no Escorial por quatro semanas e torna-se *Doutor honoris causa* da Universidade de Madrid.

1997: Publicação do quinto volume de *Siebzig verweht*, que compreende seu diário dos anos 1991-1995.

Publicação das entrevistas realizadas por Antonio Gnoli e Franco Volpi pelas Edições Adelphi, Milão.

1998: Falece em 17 de fevereiro, em Wilflingen, com quase 103 anos.

1929: Nascimento em 9 de Janeiro, em Eppendorf, aldeia da Saxônia. Pai, empregado e membro do Partido Socialista, mãe, costureira.

1933: Primeira prisão do pai pela Gestapo por não estar mais no SPD (*Sozialdemokratische Partei Deutschlands* – Partido Social Democrata Alemão) e sim no SAP (*Sozialistische Arbeiter Partei* – Partido Socialista Operário). É enviado para um campo de concentração enquanto prisioneiro em “custódia preventiva”. Depois de sua liberação, a família se instala em Bräunsdorf e, cinco anos depois, em Waren, Macklenburg.

1941: Segunda prisão do pai, que é mandado como soldado para a França em um pelotão disciplinar após ter feito uma piada no trabalho sobre o pacto de não-agressão entre Hitler e Stalin lendo *Mein Kampf* (*Minha luta*).

1944-45: Müller é convocado pelo *Reichsarbeitsdienst* (Serviço de Trabalho do Reich) e se prepara militarmente para ingressar no *Volkssturm* (grupo de combate militar hitlerista), presenciando a última batalha de Mecklenburg no final da Segunda Guerra Mundial.

¹⁴⁷ Sobretudo, cf. MÜLLER, Heiner, *Erreurs choisies*, cit., pp. 10-176; MÜLLER, Heiner, *Guerra sem batalha...*, cit., pp. 7-329; MÜLLER, Heiner, e KLUGE, Alexander, *Esprit, Pouvoir et Castration...*, cit., pp. 7-74; MÜLLER, Heiner, e KLUGE, Alexander, *Profession Arpenteur...*, cit., pp. 7-125; MÜLLER, Heiner, e KLUGE, Alexander, *Conversations between Heiner Müller and Alexander Kluge*, in <http://muller-kluge.library.cornell.edu/en/videos.php> (Acessos em Agosto e Setembro de 2010); GALISI FILHO, José, *A constelação do Zênite...*, cit., pp. 339-385; KOUDELA, Ingrid, (org.), *Heiner Müller: o espanto no teatro*, cit., pp. 11-14; e RÜTHER, Christoph, e IRMER, Thomas, *Ich will nicht wissen, wer ich bin: Heiner Müller* [*Eu não quero saber quem eu sou: Heiner Müller*], Alemanha, ZDFtheaterkanal, 2009.

Prisioneiro por dois ou três dias em um campo americano em Schwerin, Mecklenburg, troca sua ração de carne por trajes civis gastos e é liberado pelo soldado americano com o qual conversa no portal. Ruma em direção a Waren.

1945-50: Filia-se ao SPD e torna-se empregado do conselho municipal de Waren após desnazificar as bibliotecas do distrito.

Conclui os estudos ginasiais em Frankenberg, Saxônia, onde seu pai passa a exercer o cargo de prefeito. Trabalha como bibliotecário e começa a escrever poemas e pequenos contos que têm uma orientação ideológica imposta pelo stalinismo.

Após a fusão do SPD e do KPD (*Kommunistische Partei Deutschlands* – Partido Comunista da Alemanha) que resulta no SED (*Sozialistische Einheitspartei Deutschlands* – Partido Socialista Unitário Alemão), torna-se funcionário filiado ao novo partido responsável pela área de literatura.

Ameaçado por autoridades soviéticas, o pai abandona Frankenberg e ruma secretamente para o Ocidente.

1949: A Alemanha é dividida em dois estados: DDR (*Deutsche Demokratische Republik* – República Democrática Alemã (RDA)) e BRD (*Bundesrepublik Deutschland* – República Federal da Alemanha (RFA)).

1951-1956: O pai chega em Berlim Ocidental. Aí é preso em um campo de concentração, interrogado pelos aliados e posteriormente isolado em um hospital por conta da descoberta de uma bactéria inusitada em seu corpo. Müller visita-o. Após ser liberado, ele ruma para Reutlingen, para onde sua mulher e o filho mais novo irão mais tarde encontrá-lo. Müller recusa-se a ir por causa de uma amiga que está grávida, que não pode partir e de quem ele gostaria de ficar perto, permanecendo em Berlim Oriental e, em seguida, ingressando na Associação dos Escritores.

Não é aceito por Brecht enquanto aprendiz no Berliner Ensemble. Vive sem autorização em Berlim Oriental trabalhando como jornalista, crítico, colaborador e funcionário na própria Associação dos Escritores e em revistas tais como *Sonntag*,

Zeit, Neue Deutsche Literatur, Junge Kunst, Forum. Também efetuou traduções para os Jogos Mundiais organizados pela FDJ (*Freie Deutsche Jugend* – Juventude Livre Alemã), por dinheiro, e, na ocasião, participou de um concurso de contos organizado pela mesma instituição com “A lenda do grande vendedor de caixões”.

Antes de 1954, é eliminado do SED por falta de fidelidade.

Primeiros textos literários e esboços das primeiras cenas de *Die Schlacht* (A batalha).

1955: Escreve *Traktor* (Trator).

Casa-se pela segunda vez com Inge Müller, poetisa, escritora, jornalista, filiada ao SED.

1956: Publicação de uma de suas primeiras narrativas: *Das eiserne Kreuz* (A cruz de ferro).

Escreve, em colaboração com Inge Müller, *Der Lohndrucker* (O achatador de salários).

Elabora cenas que mais tarde comporiam *Germania Tod in Berlin* (Germânia morte em Berlim).

Inicia a escrita da peça *Die Umsiedlerin oder das Leben auf dem Lande* (A repatriada ou a vida no campo).

1957: Novamente em colaboração com Inge Müller, escreve a primeira versão da peça radiofônica *Die Korrektur* (A correção).

O realismo sem retoques traz as primeiras dificuldades com a censura. Feito um acordo com os representantes do SED, a montagem de *Der Lohndrucker* pode estrear somente em sessão dupla junto de *Die Korrektur*, e isto apenas após Müller reescrever a versão inicial deste último texto.

Estréia a adaptação do romance de John Reed, *Zehn Tage, die die Welt erschütterten* (Dez dias que abalaram o mundo), em parceria com H. Müller-Stahl e em colaboração com Inge. A adaptação acontece em comemoração aos

quarenta anos da Revolução de Outubro de 1917. Eis sua primeira montagem na RDA.

1958: *Der Lohndrucker* estréia em Leipzig e, depois, em Berlim Oriental, no Maxim Gorki Theater, onde ele próprio vê a montagem.

Escreve o hino *Klettwitzer Bericht (Relatório de Klettwitz)*, publicado pela primeira vez na *Junge Kunst*.

1958-60: Colaborador do Maxim Gorki Theater. Aí, por exemplo, elabora uma versão de *Aristocratas* de Pagodin.

1959: Müller e sua mulher Inge recebem o prêmio Heinrich Mann da Academia das Artes de Berlim Oriental por *Der Lohndrucker* e *Die Korrektur*.

1961: Construção do muro de Berlim em 13 de Agosto de 1961. Com o fechamento da fronteira, inicia-se um expurgo de dissidências pelo SED.

Durante os ensaios de *Die Umsiedlerin oder das Leben auf dem Lande*, produzida em colaboração com Inge Müller, a peça é interdita. Embora reescrita, a encenação é proibida e Müller expulso da Associação dos Escritores depois de realizar sua autocrítica.

Escreve sua versão de *Philoktet (Filoctetes)* de Sófocles.

1963: Elabora *Der Bau (A construção)*, segundo motivos do romance *Spur der Steine (Rastro das Pedras)* de Erik Neutsch.

1964: Conclui *Der Bau* e *Philoktet*.

Elabora *Herakles 5 (Hércules 5)*.

1965: Em dezembro, o Comitê Central do SED critica publicamente, na 11ª Plenária, os escritos de M. Bieler, Stephan Heym, Wolf Biermann e Heiner Müller (*Der Bau*, pouco tempo depois censurada).

Publicações de *Philoktet* e *Der Bau* na RDA por meio da revista *Sinn und Form*.

1966: Inicia *Ödipus Tyrann* (*Édipo tirano*) a partir da versão de Hölderlin e traduz *Wie es euch gefällt* (*Como lhes agradar*).

Suicídio de Inge Müller.

1967: Estréia de *Ödipus Tyrann* no Teatro de Bochum, RFA.

Estréia de sua adaptação de *Philoktet* em Munique.

Recusa o prêmio Lessing de Hamburgo.

1967-1968: Escreve sua versão *Prometheus* (*Prometeu*) a partir de Ésquilo e elabora a peça didática *Der Horatier* (*O Horácio*), segundo motivos da legenda de Tito Lívio e das versões de Brecht e Corneille, impedida de ser montada na RDA.

1968: Estréia *Prometheus* em Zurique.

Elabora *Das Waldstück* (*Horizontes/Peça da floresta*).

Publicação de *Philoktet* por Suhrkamp, Berlim Ocidental.

1969: Elabora *Die Weiberkomödie* (*A comédia das mulheres*) a partir da radiopeça *Die Weiberbrigade* (*A brigada das mulheres*) de Inge Müller.

Publicação de *Sophokles: Ödipus Tyrann. Nach Hölderlin* (*Sófocles: Édipo Tirano: segundo Hölderlin*) por Aufbau Verlag, Berlim Oriental.

1970: Elabora a peça didática *Mauser*, proibida de ser encenada durante toda a existência da RDA.

Casa-se com Ginka Tscholakowa, diretora artística. A união dura 16 anos.

1970-76: Conselheiro artístico do Berliner Ensemble.

1971: Em Magdeburg, estréia *Die Weiberkomödie*.

Conclui *Germania Tod in Berlin*.

Publicação de *Sophokles: Ödipus Tyrann. Nach Hölderlin* por Benziger Verlag de Köln e Zürich.

1972: Estréia sua versão de *Macbeth* de Shakespeare em Brandenburg e Karlsruhe.

Escreve *Zement (Cimento)*, inspirada no romance russo homônimo de Gladkov, a pedido do Berliner Ensemble. Inicialmente, a peça é interdita.

Publicação de sua versão de *Macbeth* em *Theater der Zeit*.

1973: A publicação de sua versão de *Macbeth* desencadeia uma polêmica na revista *Sinn und Form* entre Wolfgang Harich e outros críticos. Müller é acusado de “pessimismo histórico”.

Estréia sua adaptação de uma das versões de *Zement* no Berliner Ensemble.

Estréia *Herakles 5 & Prometheus (Hércules 5 & Prometeu)* na Volksbühne, Berlim Oriental, e, no ano seguinte, em Berlim Ocidental.

Estréia *Der Horatier*, também em Berlim Ocidental.

1974: Conclui as peças *Traktor* e *Die Schlacht. Szenen aus Deutschland (A batalha: cenas da Alemanha)*.

Publicação dos dois primeiros volumes de sua obra por Rotbuch Verlag de Berlim Ocidental: *Geschichten aus der Produktion 1/2 (Histórias da produção 1/2)*.

Estréia *Herakles 5 + Herakles 2, Prometheus*, alguns fragmentos de *Zement* e *Der Lohndrucker* em Berlim Ocidental.

1975: Estréia *Die Schlacht (1951-1974)* na Volksbühne.

Encenação de *Die Umsiedlerin oder das Leben auf dem Lande*, também na Volksbühne.

Estréia *Traktor (1955-1974)* em Neustrelitz.

Temporada nos Estados Unidos cujo motivo foi um convite da Universidade de Austin, Texas, para lecionar um semestre sobre a dramaturgia ou a literatura

da RDA. No Departamento de Dramaturgia de Austin, participa da adaptação de *Mauser* feita apenas com mulheres, uma minoria na América.

Viaja pelos Estados Unidos (Califórnia, Novo México, Arizona, Nevada, Mississippi, Nova York) e para o México.

Publicação de *Stücke (Peças)* por Henschel Verlag, Berlim Oriental.

Publicações de *Die Umsiedlerin oder das Leben auf dem Land* e de *Theaterarbeit (Teatro em produção)* por Rotbuch Verlag.

1976: Torna-se conselheiro artístico da Volksbühne.

Êxodo em massa de escritores da RDA para o Ocidente. Müller permanece na RDA e assina juntamente com outros escritores um manifesto contra a expatriação do poeta Wolf Biermann.

Estréia *Die Bauern (Os camponeses)*, novo título de *Die Umsiedlerin oder das Leben auf dem Land* após cumprimento de exigência do SED, na Volksbühne.

Estréia *Philoktet* no Deutsches Theater, Berlim Oriental.

Elabora *Leben Gundlings Friedrich von Preussen Lessings Schlaf Traum Schrei (Vida de Gundling Frederico da Prússia Sono Sonho Grito de Lessing)*.

1977: Elabora *Die Hamletmaschine (Hamletmáquina)*, peça proibida de ser encenada até meados da queda da RDA.

Publicações da narrativa *Der Vater (O pai)* de 1950, do poema *Motiv bei A.S (Motivo em Anna Segehrs)* de 1958 e das narrativas *Todesangzeige (Anúncio de morte)* e *Gestern an einem sonnigen Nachmittag (Ontem numa tarde ensolarada)*, ambos de 1975, até então inéditos.

Publicação de *Germania Tod in Berlin* por Rotbuch Verlag.

1978: Estréia sua adaptação de *Fatzer-Material*, montagem própria dos fragmentos de Brecht intitulados *Untergang des Egoisten Johann Fatzer (O declínio do egoísta Johann Fatzer)*, no Teatro de Hamburgo.

Estréia *Germania Tod in Berlin (1956-1971)* em Munique.

Estréia *Die Hamletmaschine* em Bruxelas.

Publicação de *Mauser* por Rotbuch Verlag.

1978-79: Elabora *Der Auftrag. Erinnerung an eine Revolution* (*A missão: lembrança de uma revolução*), escrita a partir de motivos da novela de Anna Seghers *Das Licht auf dem Galgen* (*Luz sobre a forca*).

1979: Ganha o prêmio de Arte Dramática de Mülheim (RFA). Não comparece, mas tem publicado *Mülheim Rede* (*Discurso de Mülheim*).

Estréia *Leben Gundlings Friedrich von Preussen LessingsSchlafTraumSchrei* em Frankfurt.

Participa da discussão sobre pós-modernismo em Nova York.

1980: Estréia *Der Bau* (1963-1964) e *Der Auftrag* na Volksbühne.

Elabora *Quartett* (*Quarteto*), peça concebida pela primeira vez em uma máquina de escrever elétrica.

1981: Participa dos Encontros Berlinenses.

Escreve *Herzstück* (*Fragmento* [ou peça] *coração*), posteriormente apresentado no Teatro de Bochum no contexto do projeto *Unsere Welt* (*Nosso Mundo*).

Publicação de *Die Schlacht/Traktor/Leben Gundlings Friedrich von Preussen LessingsSchlafTraumSchrei* por Henschel Verlag.

Passa a ter como parceira Margarita Broich, atriz, relacionamento este que se estende até 1989.

1982: Estréia *Quartett* no Teatro de Bochum.

Encena *Der Auftrag*, também no Teatro de Bochum.

Elabora *Verkommenes Ufer Medeamaterial Landschaft mit Argonauten* (*Margem abandonada Medeamaterial (paisagem com argonautas)*).

Encena *Macbeth* no Deutsches Theater.

Publicação da coletânea de ensaios e entrevistas *Rotwelsch. Interviews und Texte* (*Linguajar: entrevistas e textos*) por Merve Verlag de Berlim Ocidental.

1983: Estréia *Verkomnes Ufer Medeamaterial Landschaft mit Argonauten* no Teatro de Bochum.

Elabora *Anatomie Titus Fall of Rome Ein Shakespeare-Kommentar* (*Anatomia Tito Fall of Rome Um Comentário Shakespeare*).

Encenação de *Heiner Müller: de l'Allemagne* (*Heiner Müller: da Alemanha*) por Jean Jourdheuil e Jean-François Peyret no Théâtre National de l'Odéon, Paris.

Publicação de *Herzstück* por Rotbuch Verlag.

1984: É eleito membro da Academia de Artes de Berlim Oriental.

Elabora *Bildschreibung* (*Descrição de uma imagem*).

Elabora *Wolokolamsker Chausse* (*A estrada de Wolokolamsk*), *Russische Eröffnung* (*Abertura russa*), escrita segundo motivos do romance homônimo de Alexander Bek.

Trabalha com Robert Wilson no projeto *The CivilWars* (*Guerras Civis*), planejado para as Olimpíadas de Los Angeles.

1985: Estréia a primeira parte de *Wolokolamsker Chausse, Russische Eröffnung*, no Deutsches Theater.

Estréia *Anatomie Titus Fall of Rome Ein Shakespeare-Kommentar* no Teatro de Bochum.

Estréia *Bildschreibung* em Graz, Áustria.

Elabora a segunda parte de *Wolokolamsker Chausse, Wald bei Moskau* (*Floresta perto de Moscou*), também escrita segundo motivos do romance homônimo de Alexander Bek.

Recebe o prêmio Büchner em Darmstadt. O discurso de recepção: *Die Wunde Woyzcek* (*A ferida Woyzcek*).

Publicação de tradução intitulada *Shakespeare-Factory 1* por Rotbuch Verlag.

1986: Em Potsdam, estréia a segunda parte de *Wolokolamsker Chausse, Wald bei Moskau*.

Recebe o Prêmio Nacional de Primeira Classe da RDA tornando-se, logo no ano seguinte, o autor mais encenado da RDA.

Elabora a terceira parte de *Wolokolamsker Chausse, Das Duell (O duelo)*, inspirada na novela homônima de Anna Seghers e também a quarta parte de *Wolokolamsker Chausse, Kentauren (Centauros)*.

Publicação da coletânea de entrevistas *Gesammelte Irrtümer. Interviews und Gespräche (Equívocos colecionados: entrevistas e conversas)* por Verlag der Autoren, Frankfurt am Main.

1987: Em Potsdam, estréia *Wolokolamsker Chausse, Das Duell*.

Wolokolamsker Chausse, Das Duell também é encenada na Volksbühne, sem qualquer proibição.

São publicas as seqüências 4, *Kentauren, ein Greuelmärchen aus dem Sächsischen des Gregor Samsa (4, Centauros, um conto de fadas assustador do saxônico de Gregor Samsa)* e 5, *Der Findling (O enjeitado)*, inspirada na novela homônima de Kleist.

Em 7 de outubro, feriado nacional na RDA, recebe o Nationalpreis Erste Klasse (Prêmio Nacional Primeira Classe) por sua obra, apesar de esta até então não ter sido totalmente publicada ou encenada na própria RDA.

No Brasil, publicação de *Quatro textos para teatro: Mauser, Hamlet-máquina, A Missão, Quarteto*, edição organizada por Fernando Peixoto.

1988: Reintegra a Associação dos Escritores.

Estréia *Wolokolamsker Chausse, Kentauren* no Deutsches Theater.

No Festival Anual de Weimar, lê *Shakespeare eine Differenz (Shakespeare, uma diferença)*.

Estréia a quinta parte de *Wolokolamsker Chausse, Der Findling* no Teatro de Bobigny, França.

Primeira apresentação das cinco partes de *Wolokolamsker Chausse* sob o título *La Route des Chars (O caminho dos Panzer)*.

Encena *Der Lohndrucker* e lê *Der Findling* no Deutsches Theater.

Encena *Germania Tod in Berlin* no Berliner Ensemble.

Em Berlim Ocidental, acontece o Festival Internacional Heiner Müller.

Publicação da coletânea de ensaios e entrevistas *Explosion of a memory Heiner Müller DDR. Ein Arbeitsbuch (Um livro de trabalho)* organizada por Wolfgang Storch, Verlag Edition Hentrich, Berlim Ocidental.

Visita Ernst Jünger em Wilflingen.

Vinda ao Brasil a convite da *Folha de São Paulo*.

1989: Encena *Hamlet-Hamletmaschine*, duração de sete horas e meia, no Deutsches Theater.

Em 4 de Novembro, efetua a conclamação “Iniciativa para a criação de sindicatos independentes” no comício de protesto dos artistas de Berlim realizado na praça Alexanderplatz entre vaias, assobios e murmúrios.

Em 9 de Novembro, queda do Muro de Berlim. Dois dias depois, Müller apresenta o drama sonoro *Der Mann im Fahrstuhl (O homem no elevador)* com o sociólogo e músico Heiner Goebbels em Nova York, no Kitchen.

Publicações de traduções intituladas *Shakespeare-Factory 2* e *Kopien 1/2 (Cópias 1/2)* por Rotbuch Verlag.

Publicação da coletânea de ensaios *Texte und Kommentare (Textos e comentários)* em *Heiner Müller Material* de Frank Hörnigk, Reclam-Verlag, Leipzig.

1990: Eleito Presidente da Academia de Artes de Berlim Ocidental.

Encena *Die Hamletmaschine* no Deutsches Theater.

Recebe o prêmio Kleist. O discurso de recepção: *Deutschland Ortlos (Alemanha nenhum lugar)*.

Publicação da coletânea de entrevistas *Gesammelte Irrtümer 2. Interviews und Gespräche* organizada por Gregor Edelmann e Renate Ziemer, Verlag der Autoren.

Publicação da coletânea de entrevistas *Zur Lage der Nation (Da situação da nação)* por Rotbuch Verlag.

1991: Recebe o prêmio Europa de Dramaturgia.

Publicação da coletânea de entrevistas *Jenseits der Nation (Além da nação)* por Rotbuch Verlag.

1992: Publicação da autobiografia *Krieg ohne Schlacht. Leben in zwei Diktaturen (Guerra sem batalha: vida em duas ditaduras)* por Verlag Kiepenheuer & Witsch, Köln.

Publicação de *Gedichte (Poemas)* por Alexander Verlag, Berlim.

Monta a ópera *Tristan und Isolde (Tristão e Isolda)* de Wagner no Festival de Bayreuth.

Participa da performance do cenógrafo Erich Wonder, *Das Auge des Taifun (O olho do tufão)*.

Casa-se com Brigitte Maria Mayer, fotógrafa, cineasta, performer.

1993: O Berliner Ensemble é reaberto sob sua intendência no início de janeiro. No dia 10 deste mesmo mês, é acusado de ter sido colaborador não-oficial da antiga *Staatssicherheit (Stasi)*. A discussão do caso “Müller” se mantém por três semanas na mídia da República Federal, depois a fogueira se apaga. Não aparecem provas que possam incriminá-lo diretamente.

Encena *Das Duell/Traktor/Fatzer* no Berliner Ensemble.

Nasce Anna, sua filha.

Vinda ao Brasil para conferir a montagem de *Medeamaterial*.

Publicação de *Medeamaterial e outros textos* pela Paz e Terra, Rio de Janeiro.

Viaja ao Japão para participar de uma conferência sobre o futuro da ópera nos séculos XX e XXI.

1994: Adapta *Tristão e Isolda* para a temporada do Bayreuth Festspielhaus.

Montagem própria do fragmento *Fatzer* de Brecht no Berliner Ensemble.

Momento culminante da campanha de sua desestabilização por colaboração fantasmática com a Stasi.

Projeta a escrita de um libreto para uma nova ópera de Pierre Boulez .

Publicação de *Gesammelte Irrtümer 3. Texte und Gespräche* por Verlag der Autoren.

1995: Em março, assume a direção única do Berliner Ensemble. Aí dirige a adaptação de *Arturo Ui* de Brecht.

Falece devido a um câncer em 30 de dezembro, em Berlim, aos 66 anos, enquanto trabalha na montagem de seu último texto no Berliner Ensemble, *Germania 3. Gespenter am Toten Mann* (*Germânia 3: os espectros do morto-homem*), assim como em sua primeira encenação de *Die Hamletmaschine* na França.

Publicação póstuma, por Rotbuch Verlag de Hamburgo, de *Ich Schulde der Welt einen Toten* (*Eu devo uma morte ao mundo*), conjunto de entrevistas televisionadas realizadas por Alexander Kluge e difundidas pelos canais alemães RTL e SAT 1.

Publicação de *Heiner Müller ConTEXTS and HISTORY. A Collection of Essays from The Sidney German Studies Symposium 1994, Heiner Müller/Theatre-History-Performance* por Stauffenburg Verlag, Tübingen, Alemanha.

1996: Publicação póstuma de *Germania 3. Gespenter am Toten Mann* por Verlag Kiepenheuer & Witsch, Köln.

Publicação de *HamletMaschine.Tôkyô.Material. Eine Theaterarbeit von Josef Szeiler und Aziza Haas in Japan* (*HamletMaschine.Tokio.Material. Um Teatro em produção de Josef Szeiler e Aziza Haas no Japão*) por Alexander Verlag.

1997: Publicação póstuma, por Rotbuch Verlag, de *Ich bin ein Landvermesser* (*Eu sou um agrimensor*), conjunto de entrevistas televisionadas realizadas por Alexander Kluge e difundidas pelos canais alemães RTL e SAT 1.

Introdução:

“Uma máscara é um transmissor de energia cunhado por um escultor, animado por um portador e concebido [pela Maria Cláudia] para provocar efeitos sobre uma platéia.” (p. 12)

Comentários de Gilda F. P. Gouvea: ... conseguiu.

De Adélia Prado: “preciso da mentira da ficção para mostrar o que é de verdade (...) a Bíblia é uma ficção para mostrar algo que esta ficção está sustentando, pois não se chega à verdade sem a ficção.”

Maria Cláudia usou da leitura que fez de Ernst Jünger e de Heiner Müller – que usam muitas vezes da ficção – para interpretar, para ampliar a ficção e aí levar a outros conceitos de história (como diz em suas últimas palavras). Quais são estes conceitos?

Heiner Müller:

Tema 1: **Europa hoje** – “‘Então como pensar em conflitos sociais em uma Europa economicamente estável?’ questiona o interlocutor de Müller, Frank Raddatz, para logo ser informado de que, de fato, o buraco é mais fundo do que se pensa e do que a pergunta comporta (e suporta). Müller aponta que é mais interessante que o questionamento mire os conflitos sociais. Assim fazendo, ele expressa que o

¹⁴⁸ Trata-se de parte substancial da fala da professora Gilda durante a defesa desta dissertação. Ao lê-la, ela, destacadamente, relacionou 23 temas relevantes para pesquisas futuras. As citações que se seguem à enunciação de cada um deles, indicadas ou sugeridas, fazem parte do presente trabalho (assim como aquela que já consta na introdução). Por fim, aproveito para aqui agradecer a Gilda por gentilmente aceitar a publicação de sua intervenção aberta sob a forma deste anexo.

problema do *século da tecnologia* que termina é a desrealização da realidade, a fuga da realidade para a imaginação. Nele, o regramento dos conflitos sociais reais é crescentemente substituído por sua teatralização política e mesmo a noção de adversário vai cada vez mais se desfazendo e desaparecendo.” (p. 15)
Questão de Gilda F. P. Gouvea: SERÁ?

Tema 2: tomada do Morro do Alemão – “Falemos alemão. Atualmente, por conta da possibilidade de aniquilamento absoluto, a guerra parece não ter sentido. Mas não poderia ser o caso da paz eterna, pois isto seria o fim. O importante é o desenvolvimento de estruturas que dêem novamente um sentido à guerra. Este é um velho tema prussiano. Kleist já buscava uma guerra que tivesse sentido. Sem contato, e não existem conflitos sem contato, o ser humano morre no homem. Logo, isto significa que a guerra é o último refúgio do que designamos por humano. Pois a guerra é contato; a guerra é diálogo, a guerra é tempo livre.’

Raddatz fica estarecido e, de modo imediato e incisivo, pergunta a Müller se está seriamente se colocando. Este aponta que sua fala deve ser considerada no contexto de um mundo inteiramente mecanizado, tecnicizado, cujos indícios mais significativos remontam à Primeira Grande Guerra quando, por exemplo, Ernst Jünger, na frente de batalha do Somme, uma batalha de material, descreve como o assalto é encarado como *uma espécie de alívio, de liberação, de ato de sociabilidade.*” (p.16, grifos de Gilda F. P. Gouvea)

Tema 3: o humano como fator de perturbação no capitalismo – “É no parque de máquinas da grande máquina social capitalismo, parque que se avulta e que se move de modo cada vez mais acelerado sobretudo desde a Primeira Guerra Mundial, que o humano tem de construir uma reserva para si, uma reserva para sua própria velocidade, para sua sensibilidade, para suas qualidades e necessidades e para as experiências. Do ponto de vista desta mega-máquina, ele é fator de perturbação: ele atrapalha, ele erra, ele não funciona. Daí que, no limite, sua lógica opere pela redução deste ser à condição de matéria-prima, de material, e mais, seu primeiro estado de perfeição seja atingido com Auschwitz, o ‘altar do capitalismo’, o último estágio do Esclarecimento, o modelo de base da sociedade

tecnológica, o princípio determinante de funcionamento da mega-máquina, a grande metáfora.” (p. 17)

Comentário de Gilda F. P. Gouvea: Auschwitz de um lado e as bombas de Hiroshima e de Nagasaki do outro.

Ernst Jünger:

Tema 4: **capitalismo e socialismo.**

Comentário de Gilda F. P. Gouvea: ambos forjam o mesmo trabalhador e sua subjugação à técnica.

Tema 5: **dilemas ao final da Primeira Grande Guerra** – “Aqui, a questão que está para ser decidida é se os novos tempos serão *mobilizados* pela terra, pelo espírito, pela liberação, pelo trabalho, pela guerra, pela disciplina, pela potência ou pela liberdade, pela civilização, pela humanidade, pelo progresso, pela democracia, pelo dinheiro, pela paz.” (p. 32)

Tema 6: **o progresso como fator de persuasão para a mobilização total** – “Qual é a relação entre o progresso e a mobilização total? De imediato, pode-se dizer que o progresso é o *fator de persuasão moral* mais aprimorado por meio do qual a mobilização total opera. Ele é o apelo e o fomento eficaz que torna possível a parte decisiva desta mobilização, a saber, a conquista e o recrutamento de massas gigantescas para a participação nesta guerra que, de fato, se registra como uma das mais populares que a história comporta. Guerrear pela humanidade, pela civilização, pela liberdade, pela democracia, pela constituição, pela razão, pela paz, pelos valores burgueses, pela ‘liberdade dos mares’, pela ‘libertação da Bélgica’, contra a barbárie, contra a reação, contra a monarquia – ao invés de lutar pelo povo, pela cultura, pelo romantismo, pelo idealismo, pelos valores tradicionais, por exemplo –, é o que conta para assegurar ao engajamento do homem, da máquina, da técnica e do trabalho o último grau de *fé* e a produção mais refinada de *vontade* que os esforços para a mobilização total exigem.” (p. 42)

Tema 7: a Primeira Guerra Mundial preparando a Segunda Guerra Mundial –

“(…) a imagem da guerra como um negócio armado, cada vez mais, deságua na imagem amplificada de um gigantesco processo de trabalho. Ao lado dos exércitos que se entrecrocavam no campo de batalha, surgem os novos tipos de exércitos: o do trânsito, o da alimentação, o da indústria armamentista – o exército do trabalho em geral. Na última fase, que já se insinuava por volta do fim desta última guerra, não ocorreu mais nenhum movimento – mesmo o de uma dona-de-casa junto à sua máquina de costura – no qual não residisse ao menos uma função mediatamente bélica. Nessa captação absoluta de energia potencial, que transformou os Estados industriais beligerantes em vulcânicas oficinas siderúrgicas, anuncia-se, talvez de modo mais evidente, o despontar da era do trabalho – essa captação faz da guerra mundial um fenômeno histórico cujo significado é muito mais importante que o da Revolução Francesa. Para desdobrar energias de tal grandeza, não basta mais armar o braço que carrega a espada, é preciso uma armação até a medula, até o mais fino nervo da vida. Realizá-la é a tarefa da mobilização total, de uma ação através da qual a rede elétrica da vida moderna, amplamente ramificada e cheia de dutos, é canalizada, por meio de uma única chave na caixa de luz, para a corrente da energia bélica.” (p. 44)

Tema 8: a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial – “Mas e se a mobilização deveras parcial da Alemanha ainda não conseguiu atinar com as potencialidades da mobilização superior? O que significa jovens alemães nos campos de batalha da Primeira Grande Guerra lutarem pela Alemanha, pela morte, pelo clamor das armas, por valores extemporâneos? Segundo Jünger, significa perder esta guerra de cabeça erguida, apostando em uma mobilização ainda mais potente, ainda mais poderosa, ainda mais aguerrida, ainda mais dominadora que aquela efetivada com o progresso, a saber, aquela angariada pelo Alemão.” (pp. 46, 47)

Tema 8.1: alemães pensaram como vencedores.

Comentário de Gilda F. P. Gouvea: como apresentado em *Entremeios* a partir da leitura de Walter Benjamin. (pp. 87-97)

Tema 9: ser trabalhador é tomar parte de uma nova humanidade – “E tal é a reivindicação de sentido e de legitimação da vontade de potência nesta era: ser trabalhador. Isto quer dizer ser representante de uma grande figura que irradia e

avassala a história, tomar parte em uma *nova humanidade* destinada ao domínio pelo destino e sentir operar a consciência de uma nova liberdade tanto no espaço-tempo do pensar quanto no da mecânica. Que o trabalhador realmente assuma uma posição crucial, pode-se concluir pelo fato de que qualquer grandeza considerável coloque-se em relação com ele. Sua alteridade, sua figura são *poder* em um sentido completamente distinto, pois, no mundo do trabalho, poder significa tão-somente representar a figura do trabalhador.” (p. 58)

Tema 10: **relação homem-máquina e as novas tecnologias** – “Primeiramente, para se atinja uma relação real à técnica, tem de se ser algo mais do que um técnico. Irrevogavelmente. O erro que se espalha por todo lado onde se procuram articular a vida e a técnica é sempre o mesmo, independentemente de se chegar a conclusões que o rejeitem ou que o corroborem: a colocação do homem em uma relação imediata à técnica, seja reconhecendo-o como seu criador, seja reconhecendo-o como sua vítima. Nesta articulação, o homem aparece ou como um aprendiz de feiticeiro que evoca e provoca forças de cujos efeitos não está à altura ou como o criador supremo e sublime de um progresso ininterrupto que corre cada vez mais velozmente ao encontro de paraísos artificiais.” (p. 63)

Tema 11: **Guerra = Progresso, pois ambos libertam o homem.**

Sugestão de citação segundo indicação das páginas feita por Gilda F. P. Gouvea:
“Como o pensamento burguês não pode negar o emprego de meios civilizadores e progressistas no combate, mostra o desejo de os excusar. Isto ocorre, por exemplo, através da inversão da ideologia do progresso sobre o acontecimento guerreiro, quer dizer, na medida em que a violência das armas técnicas aparece como um lamentável caso excepcional, como um meio de domesticação de bárbaros inclinados a não progredir que apenas compete ao caráter humano (e somente para o caso de defesa) e cujo objetivo de uso não é a vitória, mas a libertação dos povos, a inclusão de cada um deles naquela comunidade que dispõe de uma maior civilidade – eis a cobertura moral sob a qual na verdade se exploram e se arrasam os povos coloniais que também se estende sobre os chamados tratados de paz.” (pp. 64, 65)

Tema 12: a técnica não é um poder neutro e o trabalhador a “liberta”, a humaniza.

Sugestão de citação segundo indicação da página feita por Gilda F. P. Gouvea:
“Pois a técnica não é um poder neutro, não é um reservatório de meios eficazes ou cômodos a partir do qual quaisquer forças sobrevividas sejam capazes de criar e produzir como bem entendam ou como bem queiram. Muito pelo contrário, é precisamente atrás e ao lado desta aparência de neutralidade que se encontra a lógica misteriosa e tentadora com que ela mobiliza o mundo, lógica que se torna cada vez mais inteligível e mais irresistível na mesma medida em que o espaço de trabalho ganha em totalidade e que, assim, o *instinto* dos que são atingidos e arrebatados por este dilúvio se enfraquece. (...) A aparente contradição que supostamente a fende, contradição entre a prontidão sem escolha para tudo e todos e o seu caráter destruidor, dissolve-se quando passa-se a concebê-la como linguagem. E quanto mais extensa é a esfera que esta linguagem cria para si, tanto maior é seu poder enquanto comando e tanto menor é a oposição que existe ou que se prolifera no que tange a uma construção orgânica do mundo. Na técnica, claramente, reconhece-se o meio mais eficaz e mais inelutável da revolução total. Entretanto, só é possível colocá-la ao serviço, realmente e sem contradição, quando a figura do trabalhador, destruidora, mobilizadora e harmonizadora, operá-la soberana e plenamente.” (p. 66)

Tema 13: a economia planificada do mundo socialista como arma por excelência da mobilização total.

Sugestão de citação segundo indicação da página feita por Gilda F. P. Gouvea: “A duração da mutabilidade é limitada porque a vontade que lhe suporta acaba por *quebrar* ou por alcançar seus objetivos. Por conta de prenciar tais objetivos, mesmo que em imagens longínquas, Jünger considera a primeira possibilidade até mesmo sem sentido ou importância. O único problema é que, realmente, esta vontade que estrutura a mutabilidade pode não quebrar, e mesmo mais, perdurar indefinidamente. Isto é reconhecido, enquanto leve tremor que perturba a percepção, porém, o descarte imediato da questão e a *aposta* na segunda

alternativa terminam por persistir. Assim sendo, a condução da vida no sentido da realização daqueles objetivos pertence aos pressupostos de uma *economia planificada*.” (p. 69)

Tema 14: o Estado como agente da mobilização total tanto no mundo capitalista quanto no socialista.

Sugestão de citação segundo indicação das páginas feita por Gilda F. P. Gouvea:
“É certo que a uma determinada vontade que concebe o planeta como seu material elementar não poderão faltar tarefas (imensas). Serão tarefas em que se terá de mostrar a estreita união existente entre a arte e a *arte estatal* onde a vida estiver sendo ordenada. E o que se mostrará de suma importância nesta articulação será o papel supremo que recairá de modo cada vez mais inteligível no corpo do Estado, pois ele pertence aos pressupostos de uma configuração da paisagem em um sentido abrangente, impensável sem domínio. As mais variadas necessidades reclamarão soluções crescentemente penetrantes de natureza total, das quais apenas este Estado de tipo muito particular, do *trabalho*, será capaz de criar.” (pp. 72, 73)

Tema 15: leitura dos textos de Ernst Jünger a partir de uma perspectiva do “Terceiro Mundo” – “Seria muito instigante ler os escritos de Jünger a partir de uma perspectiva cruzada que encarasse estes filhos da Terra Europa, o tipo dominador por excelência, em relação àqueles nascidos em “terras virgens”, indígenas, entre os “povos de cor”, para além das “margens da civilização”, os chamados “fascinados”, “atrasados” aos quais cabe determinada posição – submissa, maravilhada, deveras impotente – e um destino certo – aniquilação das tradições e civilizações – no processo de mobilização total do mundo. Perspectiva esta que se abriria para uma interessantíssima questão que é o tratamento do que se poderia nomear em um primeiro momento “Terceiro Mundo” no pensamento do autor. Aliás, os ensaios aqui selecionados são um ponto de partida possível que se distingue sutilmente dos caminhos percorridos pelas obras de cunho literário nas quais o esforço e o sacrifício para tornar secundária a política polêmica e a história acidente predominam, haja vista a preocupação com

a literatura, com o estilo e com a forma, com o ser humano, com a transcendência e com a eternidade.” (p. 77, nota 84)

Heiner Müller.

Tema 16: **a história burguesa esconde os fatos** – “A história burguesa se reduz intensamente por sua repressão deste processo, pelo seu recalque da morte, pelo seu *niilismo*. Para desviá-la, primeiramente é necessário que os mortos sejam desenterrados para em seguida serem comidos e terem suas partículas vivas cuspidas e expostas à luz do dia. Culturalmente, é imprescindível aceitar suas presenças como parceiros e destruidores de diálogos e, assim sendo, não interromper os confrontos produzidos até que eles revelem a parte de futuro que levaram para os túmulos junto de si próprios. Só depois disto é que todos eles devem ser conjurados, enterrados novamente, a despossessão e a liberação se desenrolando em *slow motion*, fazendo com que a morte não continue a ser usada para apodrecer a complexa, inacabada e contraditória vida histórica. Eis o peso das gerações mortas e o sonho das liberações do passado e do futuro – diante deles, ‘a primeira forma de esperança é o medo e a primeira aparição do novo, o espanto’.” (p. 103)

Tema 17: **o comunismo é um mito que afronta(va) e assombra(va) o capitalismo** – “É certo que a liberação dos mortos não colocará os vivos ao abrigo de outras mortes que se tornarão suas próprias ressurreições. Pois os anjos das revoluções só habitam os cemitérios até que recomecem seus vôos. É por conta da visada destas revoadas que o *mito comunismo* tem de ser, obstinadamente, o meio, a pré-condição a habitar a história para que, constantemente, uma alternativa ao desdobrar de seu conceito burguês se lhe afronte e assombre.” (p. 103)

Tema 18: **o movimento comunista alemão já começa derrotado** – “Um olhar para o início do século XX: a perda dos líderes intelectuais alemães, esquecidos pela maioria, e a disseminação de uma resistência à inteligência que perdura (desde então, nenhuma cabeça dirigente, independente, do movimento comunista alemão volta a crescer, e quando acontece de uma minimamente despontar, já é imediatamente decepada, ao menos na época de Joseph Stalin). Esta resistência não tem nada a ver com a estrutura do comunismo, é, exclusivamente, um problema da Alemanha.” (p. 112)

Tema 19: **os três assassinatos de Deus: com o Esclarecimento, com Auschwitz e com Hiroshima e Nagasaki.**

Sugestão de citações: “Nos termos de George Bataille, a civilização europeia da economia, inteiramente voltada para o benefício, diferencia-se da civilização do desperdício, fixada na alta cultura indiana. Esta civilização, do benefício, é responsável por assassinar Deus ao menos três vezes. Primeiro, com o Esclarecimento. Este é o caixão no qual o Todo-Poderoso está enterrado com o cadáver apodrecendo em meio a um cemitério, antes terra abençoada, transformado em terreno baldio. A vida está presa neste caixão.” (p. 116)

“A nova morte de Deus, que agora tem exterminada a aura do imperativo categórico da imortalidade e da ressurreição, se dá naquele caixão daquele terreno baldio, no momento cercado por montanhas de sapatos, ossos, cabelos e dentes. Auschwitz, o último estágio do Esclarecimento, é o titânico desenrolar daquela forma radical de pensar lógica, precisa e racionalmente que mais uma vez ‘O’ mata.” (p. 117)

“Os norte-americanos assassinam Deus pela terceira vez, tomando-lhe a ligação entre destruição e redenção, com dois dos primores do pensamento esclarecido seletivo, as bombas de Hiroshima e Nagasaki. E assim, obviamente contribuem sobremaneira com a catástrofe por conta dos milhares de sombras que não se apagam, marcas da desintegração dos corpos, espalhados pelo terreno baldio agora a perder de vista.” (p. 123)

Tema 20: **espanto... Hitler consegue fazer seus experimentos no coração da Europa** – “Para as estruturas do poder, não existe nenhum argumento racional finamente elaborado produzido por esta civilização do benefício que se compare. A única coisa que de fato se torna chocante para alguns de seus integrantes é que Hitler tenha sido capaz de exprimir um tal lapso geográfico a ponto de promover um experimento tão inovador no meio da Europa o que, entre pessoas razoáveis, é conveniente que não se deva fazer senão na África, na Ásia ou nas Américas. É, estranhamente expressando, como defecar no próprio carpete.” (p. 118)

Tema 21: **Hitler não é enterrado, é dado por morto: FORTE** – “De fato, Hitler não é propriamente enterrado. Ele é dado por morto sob a forma de uma notícia de rádio. Alguém em quem tantas esperanças e temores foram exagerados, em quem tantas confianças e suspeitas foram investidas, sobre quem tantos anseios e recalques foram depositados, não morre. Antes, torna-se o líder dos mortos do passado e do futuro a colonizar as paisagens das histórias alemã e europeia e americana e africana e asiática e oceânica.” (p. 123)

Tema 22: **Morro do Alemão: um de nossos muros caiu?** – “Agora, com o desaparecimento da fratura que é o muro seguido pelo desmoronamento da cortina de ferro, tudo está, conforme os povos do leste dizem, ‘aberto’, realmente aberto para a desafetação total do mercado...” (p. 137)

Comentário de Gilda F. P. Gouvea: ver programa televisivo de Luciano Huck. [Consultar “Caldeirão do Huck: Luciano visita o Complexo do Alemão”, in

<http://video.globo.com/Videos/Player/Entretenimento/0,,GIM1391573-7822-CALEIRAO+DO+HUCK+LUCIANO+VISITA+O+COMPLEXO+DO+ALEMAO,00.html> (Acesso em Janeiro de 2011), e “Caldeirão do Huck: Huck dá uma forcinha à

Voz da Comunidade”, in

<http://video.globo.com/Videos/Player/Entretenimento/0,,GIM1391575-7822-CALDEIRAO+DO+HUCK+HUCK+DA+UMA+FORCINHA+A+VOZ+DA+COMUNIDADE,00.html> (Acesso em Janeiro de 2001).]

Tema 23: **lutas sociais contemporâneas – que cara têm?**

Sugestão de citação: “O terror gerado pelo confronto com a história alemã é tal que Müller, desde pouco antes da queda do muro, diz se situar no espaço-tempo vazio do mito comunismo e, mais à frente, após a estabilização da reunificação, ter ultrapassado o limite das raízes, descartando a própria terra como lugar e temporalidade para morada e trabalho, pois o estoque de materiais até então nela produzido já lhe parece mais que suficiente para uma existência em quaisquer cenários. Por fim, encontrando-se no limiar da morte, experimentando o cinismo pragmático daqueles que sonharam realidades distintas das que se conformaram e a esquizofrenia daqueles em estado moribundo que ainda falam e escrevem para os vivos, continua a martelar a esperança, cujo consolo é a transformação, do diálogo com os mortos do passado e do futuro da história desta formação monstruosa que muito tem a dizer a respeito da grande máquina social, diálogo este a ser estabelecido pelas gerações que prosseguirão se desdobrando depois de sua passagem. Para elas, tem início a questão do assombro, do confronto com as traumáticas paisagens históricas pelo segundo *anjo sem sorte*:

‘Entre cidade e cidade
Depois do muro o abismo
Vento nos ombros Estrangeira
A mão sobre a carne solitária
O anjo eu ainda o ouço
Mas ele não tem mais rosto senão
O teu que eu não conheço’

Suas vibrações, abertura para outros lugares nos quais se pisque, para outros conceitos de história.” (pp. 138, 139)